UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO

CURSO DE JORNALISMO

LUCIANA DICKOW FORGIARINI

A EXPERIÊNCIA DE UM "LUGAR DE MULHER" ATRAVÉS DO DIÁLOGO JORNALISTA-FONTE

PORTO ALEGRE
2019

LUCIANA DICKOW FORGIARINI

A EXPERIÊNCIA DE UM "LUGAR DE MULHER" ATRAVÉS DO DIÁLOGO JORNALISTA-FONTE

Trabalho de Conclusão do Curso de Jornalismo apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharela em Jornalismo.

Orientadora: Profª. Drª. Sandra de Deus

PORTO ALEGRE
2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO

AUTORIZAÇÃO

Autorizo o encaminhamento para avaliação e defesa pública do TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) intitulado **A experiência de um "Lugar de Mulher" através do diálogo jornalista-fonte**, de autoria de Luciana Dickow Forgiarini, estudante do curso de Jornalismo, desenvolvida sob minha orientação.

Porto Alegre, ____ de _____ de 2019

Assinatura: _____

Nome completo da orientadora: Profª. Drª. Sandra de Deus

LUCIANA DICKOW FORGIARINI

A EXPERIÊNCIA DE UM "LUGAR DE MULHER" ATRAVÉS DO DIÁLOGO JORNALISTA-FONTE

Trabalho de Conclusão do Curso de Jornalismo apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharela em Jornalismo.

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

_____

Profª. Drª. Sandra de Deus (Orientadora)

_____

Profª. Drª. Daniela Borges Pavani (Examinadora)

_____

Profª. Drª. Rosa Maria Bueno Fischer (Examinadora)

AGRADECIMENTOS

A todas as meninas-mulheres que aceitaram conversar comigo e compartilhar suas experiências, primordiais para a existência deste trabalho.

À minha mãe, por ser minha melhor amiga e a melhor companheira de jornada da vida que eu poderia ter.

Ao meu pai, por sua escuta diária e afetuosa e por também ser um grande companheiro de jornada.

À minha orientadora Sandra de Deus, pelo incentivo, apesar das minhas dificuldades na realização desde trabalho, e por ser uma inspiração ao mostrar que a universidade pode nos fazer pensar e agir para além de seus muros.

Às minhas amigas-irmãs Ana Rachel, Camila e Natália, pelo carinho e pela parceria ao longo de tantos anos, apesar da distância (a geográfica, não a afetiva) que, muitas vezes, se faz presente. E às minhas amigas mais recentes, Emilly e Isabelle, pelos aprendizados e trocas de figurinhas, mesmo que não mais pessoalmente. Meninas, vocês são pura inspiração!

À minha prima-irmã (e uma de minhas primeiras professoras) Marília, pela revisão do meu inglês e pelo incentivo de sempre.

Às/aos amigas/os da Fabico, aqui destaco Ariel, Natássia e Filipe. Sem a companhia desse trio, eu não sei como poderiam ter sido os meus anos de faculdade (com certeza, teriam sido bem menos amorosos e bem mais sem graça)!

Ao meu chefe e amigo Fernando Favaretto, pelas palavras que sempre acolhem e fazem pensar.

Ao Breno Dias, meu amigo e parceiro de UFRGS TV, pelo carinho e pela ajuda providencial na transcrição das entrevistas.

A todas e todos da UFRGS TV, pela inspiração cotidiana e pelo melhor ambiente de trabalho que eu poderia ter.

A todas e todos que lutam diariamente por uma sociedade menos desigual, menos careta e menos conservadora.

Gosto de escrever. Na maioria das vezes dói, mas depois do texto escrito é possível apaziguar um pouco a dor, eu digo um pouco... Escrever pode ser uma espécie de vingança, às vezes, fico pensando sobre isso. Não sei se vingança, talvez desafio, um modo de ferir o silêncio imposto, ou ainda, executar um gesto de teimosa esperança. Gosto de dizer ainda que a escrita é para mim o movimento de dança-canto que o meu corpo não executou, é a senha pela qual eu acesso o mundo.

Conceição Evaristo

RESUMO

O objetivo do presente estudo é analisar o contexto de produção do programa *Lugar de Mulher*, produzido pela UFRGS TV, e o estabelecimento de um diálogo jornalista-fonte entre as mulheres presentes. O programa entrevista mulheres cientistas, que falam sobre suas trajetórias e a desigualdade de gênero existente no mercado de trabalho. Através da realização de entrevistas com as mulheres participantes e da Análise de Conteúdo (AC), baseada na teoria de Laurence Bardin (2011), busca-se entender de que maneira a presença das mulheres – nas diferentes etapas de produção do programa – pode resultar ou não em discursos mais reflexivos sobre a presença das mesmas em ambientes historicamente considerados masculinos. Desenvolveu-se amparado nas teorias construcionistas do jornalismo (TRAQUINA, 2005), nos estudos culturais (HALL, 1993; ESCOSTEGUY, 1998) e nos estudos feministas pós-estruturalistas (LOURO, 2011) e de interseccionalidade (COLLINS, 2017; DAVIS, 2017; CARNEIRO, 2003). A pesquisa revelou que a presença de mulheres na produção do programa, à frente e atrás das câmeras, resultou em uma possibilidade de troca, escuta e entendimento sobre elas mesmas e suas trajetórias.

Palavras-chave: Jornalismo; Gênero; Mulher jornalista; Universidade; Televisão universitária

ABSTRACT

The purpose of the present study is to analyze the context of production behind “Lugar de Mulher”, a product of UFRGS TV television, and the occurrence of a meaningful dialogue between journalism students and news sources, when both sides are composed by women. This television program interviews women scientists who talks about their paths and the gender inequality they faced in working market. Through interviews and Content Analysis (CA), based on the ideas of Laurence Bardin (2011), we seek to understand the ways that women's presence may result or not in thoughtful speeches about women journeys in historically masculine environments. The research was based on the journalism constructivism theories (TRAQUINA, 2005), the cultural studies (HALL, 1993; ESCOSTEGUY, 1998), post-structuralism feminist studies (LOURO, 2011) and the intersectionality studies (COLLINS, 2017; DAVIS, 2017; CARNEIRO, 2003). This research reveals that women journalist presence may result in a possibility of exchanging ideas and views about gender inequality in a more supportive way.

Keywords: Journalism; Gender; Women journalist; University; University television

SUMÁRIO

1 INÍCIO DO PERCURSO.....1

2 PERCURSOS TEÓRICOS COMO PONTO DE PARTIDA.....5

2.1 Sobre um jornalismo que (re)pense sua relação com a sociedade.....5

2.2 Refletindo sobre feminismo e questões de gênero.....8

2.3 Jornalismo também é questão de gênero.....14

3 A UNIVERSIDADE COMO UM LABORATÓRIO DE TELEJORNALISMO……...17

3.1 As possibilidades de integração entre universidade e televisão.....17

3.2 Breve histórico da televisão universitária no Brasil.....18

3.3 A experiência jornalística da UFRGS TV.....20

3.4 A UFRGS TV como espaço de formação e protagonismo estudantil.....24

4 *LUGAR DE MULHER* E SUAS DIFERENTES POSSIBILIDADES: OLHARES SOBRE UMA REALIDADE AINDA DESIGUAL.....26

4.1 O Projeto *Meninas na Ciência* e a sua contribuição para o surgimento do programa *Lugar de Mulher*.....26

4.2 O programa *Lugar de Mulher*: formato e proposta.....30

4.3 Das possibilidades criadas a partir da escuta entre mulheres.....33

5 PERCURSO METODOLÓGICO: OBSERVAR PARA ENTENDER, ANALISAR PARA REFLETIR.....36

5.1 A pré-análise.....37

5.2 A exploração do material: olhares sobre o diálogo jornalista-fonte.....38

5.2.1 O *Lugar de Mulher* em seu primeiro ano.....41

5.2.2 Pensando o diálogo jornalista-fonte nos programas (I).....42

5.2.3 O *Lugar de Mulher* em seu segundo ano.....47

5.2.4 Pensando o diálogo jornalista-fonte nos programas (II).....48

5.2.5 O *Lugar de Mulher* em seu terceiro ano.....55

5.2.6 Pensando o diálogo jornalista-fonte nos programas (III).....56
5.2.7 O *Lugar de Mulher* em seu quarto ano.....61
5.2.8 Pensando o diálogo jornalista-fonte nos programas (IV).....64
5.2.9 O *Lugar de Mulher* em seu quinto ano.....70
5.2.10 Pensando o diálogo jornalista-fonte nos programas (V).....71
5.2.11 O *Lugar de Mulher* em seu sexto ano.....77
5.2.12 Pensando o diálogo jornalista-fonte nos programas (VI).....77
5.3 O tratamento dos resultados: como foi observado o diálogo jornalista-fonte.....86

6 FINAL (DESTE) PERCURSO.....89

REFERÊNCIAS…….....92

APÊNDICES: TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS.....96
APÊNDICE A.....96
APÊNDICE B.....100
APÊNDICE C.....105
APÊNDICE D.....110
APÊNDICE E.....113
APÊNDICE F.....116
APÊNDICE G.....119
APÊNDICE H.....121
APÊNDICE I.....123
APÊNDICE J.....125
APÊNDICE K.....128
APÊNDICE L.....130
APÊNDICE M.....132
APÊNDICE N.....134
APÊNDICE O.....137
APÊNDICE P.....139
APÊNDICE Q.....141

APÊNDICE R.....143
APÊNDICE S.....145
APÊNDICE T.....147
APÊNDICE U.....149
APÊNDICE V.....150

1 INÍCIO DO PERCURSO

A escolha do objeto de pesquisa deste trabalho está imersa em um contexto de estudos teóricos, realizados ao longo da faculdade, associados a interesses, reflexões e perguntas que surgem no dia-a-dia de sala de aula ou de estágio, nas conversas com colegas, amigas e amigos, professoras e professores. Nesses momentos de partilha de ideias, muito se discutiu sobre o papel do jornalismo, jamais com o objetivo de encaixá-lo em uma única definição, mas como forma de entender o que pode ser realizado a partir dele e de perceber quais são as nossas possibilidades enquanto jornalistas.

Penso que se questiona, diariamente, a produção jornalística de grandes veículos de comunicação, analisando as características presentes e os discursos ali produzidos. Acredito que seja importante uma constante análise e reflexão crítica acerca desses diferentes conteúdos jornalísticos. Contudo, também percebo que costumamos direcionar o olhar para o que está distante de nós, para o que foi feito por grandes empresas de comunicação, mas pouco olhamos para a nossa produção local, para o que as/os estudantes de jornalismo estão produzindo já em sala de aula, em seus estágios, em seus primeiros empregos. Atentar para essa perspectiva – para o que está próximo e faz parte de nosso cotidiano – também me parece importante. Será que estamos reproduzindo as "fórmulas" e os discursos que criticamos? Será que estamos ressignificando padrões discursivos e pensando em novas abordagens?

Se antes costumava pensar na análise de conteúdos jornalísticos distantes de mim, dos quais eu não sabia muito sobre o contexto de produção, a reflexão que desenvolvi, ao longo deste trabalho, me proporcionou uma mudança de perspectiva, ou seja, a de pesquisar sobre algo que está ao meu alcance e que mexe comigo, algo sobre o qual eu possa analisar todas as etapas de realização, a fim de entender como aquele resultado final foi alcançado.

Analisar a atuação de mulheres que são estudantes de jornalismo é chegar o mais próximo que consigo do meu dia-a-dia de estagiária. É poder pensar e repensar, construir e desconstruir o trabalho realizado ao lado de minhas colegas de curso e parceiras de jornada. Para muitos, podemos não estar no mercado de trabalho propriamente dito, pois ainda atuamos em um

ambiente acadêmico. No entanto, em um contexto de televisão universitária, também produzimos discursos através de nossos conteúdos e, com isso, fazemos jornalismo.

A partir dessa pesquisa, busco o aprofundamento do debate sobre a presença feminina na produção jornalística audiovisual, mas busco isso através de um olhar sobre a produção universitária, sobre aqueles e aquelas que estão iniciando seus estudos e sua inserção no mercado de trabalho. Se queremos uma comunicação que seja mais reflexiva, mais diversa e criativa, acredito ser necessário pensar sobre isso desde a universidade.

A partir de minha experiência de estágio na UFRGS TV, tenho observado a produção jornalística de estudantes que – como eu – desenvolvem os primeiros passos em suas respectivas áreas de interesse. Atualmente, a televisão ligada à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, local onde trabalho, possui vinte estudantes bolsistas que atuam nas áreas de produção de conteúdos, captação de imagens, reportagem, edição e criação artística de programas. Entre as nossas produções, há uma delas que me provoca uma série de reflexões, as quais gostaria de analisar mais profundamente. É o programa ***Lugar de Mulher***, que está em seu sexto ano de produção, com temporadas anuais iniciadas no ano de 2014.

Nele, entrevistamos meninas e mulheres que têm interesse nas áreas das Ciências Exatas e retratamos a busca por igualdade de gênero em diferentes espaços. Ao longo de seis anos de projeto, o *Lugar de Mulher* não só trata de questões de gênero no mercado de trabalho, como também é pensado e realizado sob a perspectiva das mulheres que trabalham na TV, sejam elas funcionárias já formadas ou estudantes. A partir da escuta das histórias dessas meninas e mulheres que são entrevistadas, nós – enquanto produtoras, repórteres, cinegrafistas e editoras do programa – também descobrimos nosso(s) "lugar(es) de mulher", nosso espaço na profissão que escolhemos seguir.

Tendo essa vivência como ponto de partida para a reflexão, escolhi pesquisar a relação estabelecida entre as mulheres – à frente e atrás das câmeras – no processo de produção de conteúdos jornalísticos relacionados à temática de gênero. Esse estudo é realizado, portanto, a partir da experiência com o programa *Lugar de Mulher*, desenvolvido na UFRGS TV. Entre as mais de cinquenta edições já realizadas, selecionei doze programas, dois a cada ano, para realizar uma análise de conteúdo (AC), de acordo com as conceituações estabelecidas por Laurence

Bardin (2011). Para isso, produzi entrevistas com as estudantes-jornalistas que participaram da produção dos programas designados, a fim de analisar o contexto de forma qualitativa e entender como o programa reverberou em cada estudante em formação ali presente e já atuante enquanto jornalista. Além disso, as meninas e mulheres que foram entrevistadas, ao longo da produção do *Lugar de Mulher*, foram novamente ouvidas, a fim de refletir sobre como foi estabelecido o diálogo jornalista-fonte nessa experiência audiovisual.

A partir do entendimento do contexto de produção do programa e da forma como ele perpassa o conteúdo produzido, formulei minha pergunta-problema para o presente trabalho: como objetivo principal, **busco compreender de que maneira a presença das mulheres – nas diferentes etapas de produção do programa – pode resultar ou não em discursos mais inclusivos sobre a presença das mesmas no mercado de trabalho, a partir de uma experiência feminina de diálogo jornalista-fonte**. Já entre os objetivos específicos do estudo estão: i) compreender o contexto e o processo de produção de doze programas da série *Lugar de Mulher*; ii) analisar a atuação das estudantes de jornalismo que participaram das respectivas produções; iii) refletir sobre a presença de um protagonismo estudantil nos conteúdos jornalísticos produzidos; iv) compreender de que forma se estabelece o diálogo jornalista-fonte entre as estudantes e as entrevistadas, ou seja, entre as mulheres presentes atrás e à frente das câmeras.

Para uma melhor compreensão, o trabalho está dividido em quatro capítulos, além das reflexões introdutórias e conclusivas, com o auxílio teórico de duas frentes principais: o **estudo do fazer jornalístico**, em um contexto de televisão universitária (veículo que é responsável pela produção do programa em análise), e a **inserção de uma perspectiva de gênero no dia-a-dia da profissão**. Em um primeiro momento, busco o apoio das teorias construcionistas do jornalismo e dos estudos culturais. Entre os autores, foram selecionados Nelson Traquina (2005), com suas reflexões sobre a notícia como construção influenciada por fatores socioculturais ao seu redor, e Stuart Hall (1993), com seus estudos a respeito do conceito de cultura e do seu papel de domínio simbólico no cotidiano da vida em sociedade.

Em seguida, ainda neste capítulo inicial, a escrita terá como foco as possibilidades de reflexão sobre questões de gênero no âmbito do jornalismo. Inicialmente, propõe-se a observação do significado e da utilização do termo “gênero” nos dias de hoje, com o apoio de Joan Scott

(1995). Além disso, através das ideias de Guacira Lopes Louro (2011), toma-se como base os **estudos feministas pós-estruturalistas.** Já as investigações teóricas mais atuais, que defendem a existência de feminismos plurais, quando se debate a condição social das mulheres, serão retratadas com o auxílio de Patricia Hill Collins (2017), Angela Davis (2017) e Sueli Carneiro (2003). Trata-se do conceito de **interseccionalidade**. Por fim, essas teorias são relacionadas ao campo de estudo principal desta pesquisa, o jornalismo, observando que ele também possui um gênero em sua essência, que é o masculino, tese defendida por Marcia Veiga da Silva (2010).

Após essa contextualização inicial do fazer jornalístico e das questões de gênero ligadas a ele, o segundo capítulo trata do jornalismo televisivo – especialmente o **jornalismo de uma televisão universitária** – já pensando no fato de que meu objeto de estudo é produzido pela Unidade Produtora de Televisão da UFRGS, a UFRGS TV. Para tanto, autoras/es como Flávio Porcello (2002), Fabiana Peixoto (2004) e Carine Prevedello (2017) me auxiliam a traçar um percurso histórico da TV universitária. Já com foco na rotina de produção da própria UFRGS TV, Fernando Favaretto (2018) e Maria Elisa Lisbôa (2010) trazem as duas pesquisas já realizadas sobre ela, através das análises da produção de dois outros programas.

Já o capítulo seguinte retrata o contexto de criação do **programa *Lugar de Mulher***, através de entrevistas com quem participou deste processo e da reflexão sobre seu formato e objetivos. Aqui, entendemos um pouco do dia-a-dia vivenciado por mulheres cientistas e refletimos sobre a desigualdade de gênero existente no meio, desigualdade esta que precisa ser combatida através de debates nos mais distintos ambientes, começando pela escola e pela universidade, espaços de formação pessoal e profissional. Por fim, chegamos ao capítulo das **análises dos doze programas** da série *Lugar de Mulher* que foram por mim selecionados, com o apoio do percurso metodológico da análise de conteúdo proposta por Laurence Bardin (2011). As análises são também construídas com o auxílio de entrevistas, realizadas com quem esteve à frente e atrás das câmeras em cada produção, a partir do compartilhamento das ideias e das sensações que o programa produziu em cada mulher ali presente.

2 PERCURSOS TEÓRICOS COMO PONTO DE PARTIDA

2.1 SOBRE UM JORNALISMO QUE (RE)PENSE SUA RELAÇÃO COM A SOCIEDADE

Com o desenvolvimento de diferentes teorias a respeito desse ofício, hoje se questiona a noção de um jornalismo que paira acima da realidade, ou seja, que se caracteriza como isento, neutro ou imparcial. Já nos anos 1970, a investigação jornalística alcançou níveis macrossociológicos, percebendo a notícia como construção influenciada por fatores socioculturais ao seu redor. Assim, a notícia construiria a própria realidade que a cerca, através de uma linguagem que não é neutra, sendo impossível transmitir um significado absoluto para determinado acontecimento.

Sobre esse panorama, Nelson Traquina (2005) salienta que, segundo as *teorias construcionistas*, a representação de cada fato acaba estruturada através de diferentes aspectos, como a dinâmica das redações, a própria organização de um jornal (ou de qualquer outro veículo de comunicação) em setores ou editorias e, até mesmo, as limitações orçamentárias existentes. Essa conceitualização torna-se relevante ao destacar a dimensão cultural das notícias e aprofundar a análise que podemos fazer das mesmas. Conforme relata o autor, o avanço dos estudos de jornalismo seguindo essa vertente, na década de 1970, ocorreu a partir de inovações metodológicas incorporadas ao campo:

> Os acadêmicos, seguindo o exemplo dos antropólogos em terras distantes com uma abordagem etnometodológica, foram aos locais de produção, permaneceram durante longos períodos de tempo, observaram os membros da comunidade jornalística com o intuito de “entrar na pele” das pessoas observadas e compreender a atitude do “nativo” (TRAQUINA, 2005, p. 171 e 172).

Essa contribuição dos estudos etnográficos também nos permite perceber a atuação da/o jornalista ao produzir conteúdos e seu grau de autonomia nessa produção, participando de forma ativa da construção da realidade. Como nos mostra Traquina (2005), as perguntas simples que tentamos responder ao escrever uma matéria – o que aconteceu, quem estava lá, quando e onde ocorreu o fato – todas essas questões pressupõem seleção de informações, processo no qual certos aspectos do acontecimento ganham destaque e outros são excluídos, moldando a realidade a depender dos enquadramentos utilizados.

Pensando o jornalismo enquanto construção, foi natural que minha pesquisa se aproximasse dos estudos culturais, a fim de melhor compreender as interligações entre as áreas da Comunicação e da Cultura. Originado na Inglaterra, atualmente, os estudos culturais expandiram-se e adaptaram-se a outros contextos histórico-geográficos, atuando em duas frentes, a política e a teórica, conforme analisa Ana Carolina Escosteguy (1998):

> (...) deve-se acentuar o fato de que os estudos culturais devem ser vistos tanto do ponto de vista político, na tentativa de constituição de um projeto político, quanto do ponto de vista teórico, isto é, com a intenção de construir um novo campo de estudos. Do ponto vista político, é sinônimo de "correção política", podendo ser identificado como a política cultural dos vários movimentos sociais da época de seu surgimento. Da perspectiva teórica, resultam da insatisfação com os limites de algumas disciplinas, propondo, então, a interdisciplinaridade (ESCOSTEGUY, 1998, p. 88).

Esses dois aspectos salientados por Escosteguy estarão representados nas reflexões aqui propostas. Para mim, não há como pensar em jornalismo sem inseri-lo em um contexto interdisciplinar, de troca de referenciais e conhecimentos de diferentes áreas, a depender do assunto proposto pela matéria, pela notícia, pela reportagem divulgada na televisão, no rádio, nos meios impresso e online. E pensar minha profissão sem o âmbito político também não é possível. Discursos focados em um senso comum costumam rotular como "parciais" as abordagens mais críticas em relação ao modelo de sociedade vigente. Parece não ser válido quando o conteúdo jornalístico almeja, de alguma forma, trazer reflexão e possibilidade de transformação para o mundo. Ao contrário disso, abordagens mais neutras, que não questionam, que apenas endossam certa "estabilidade", imobilidade social são, comumente, as validadas socialmente.

Os estudos culturais, de outro modo, demonstram como os acontecimentos selecionados pelo jornalismo partilham determinadas valorações, adquirindo significados inseridos no que Hall (1993) denomina "mapas de significado", que servem de base para a formação de nosso conhecimento. No exercício de sua profissão, a/o jornalista supõe o que é a sociedade, como é o seu funcionamento e o que ela precisa receber de informação. Essa atribuição de sentidos, realizada pela/o jornalista, auxilia e interfere na própria construção social:

> Este processo – a identificação e a contextualização – é um dos mais importantes, através do qual os acontecimentos são tornados significativos pelos *media*. Um acontecimento só faz sentido se se puder colocar num âmbito de conhecidas identificações sociais e culturais. Se os jornalistas não dispusessem – mesmo de forma

> rotineira – de tais mapas culturais do mundo social, não poderiam dar sentido aos acontecimentos (...). Porque ocupamos a mesma sociedade e pertencemos mais ou menos à mesma cultura supõe-se que haja, basicamente, uma única perspectiva dos acontecimentos: a que é fornecida por o que é algumas vezes chamada a cultura, ou (por alguns sociólogos) o sistema central de valores. Esta perspectiva nega quaisquer discrepâncias estruturais importantes entre diferentes grupos, ou entre os mapas de significado muito diferentes numa sociedade. (...) Os pontos de vista consensuais da sociedade representam-na como se não existissem importantes rupturas culturais ou econômicas, nem importantes conflitos de interesses entre classes e grupos (HALL, 1993, p. 226 e 227).

É importante destacar, contudo, que ao se falar do papel do jornalista nesse processo, não se exime a atuação do público receptor da notícia, pois ele não a recebe passivamente, ele também participa da construção de valores e percepções. As divisões estanques entre produtores e consumidores da informação são diariamente quebradas, ainda mais se pensarmos a consolidação da comunicação online, dos blogs e das redes sociais. No entanto, faz-se necessário refletir sobre a construção do que é notícia e o seu papel na formação da opinião pública. Com o apoio das reflexões de Hall (1993), percebe-se que o reforço de estereótipos – inseridos em um mapa cultural de significados que busca o consenso, sem refletir sobre eventuais discrepâncias sociais – pode ser uma forma de limitar a reflexão acerca de diferentes pautas.

Essa contextualização serve de base para o objeto de estudo deste trabalho. Se vamos falar de desigualdade de gênero, seja em ambiente acadêmico ou em outras áreas do mercado de trabalho, é necessário refletir sobre como o jornalismo fala sobre a questão da mulher, ou melhor, das múltiplas mulheres, quem são as pessoas ouvidas, quais são as abordagens e os enquadramentos utilizados. Será que a diversidade é representada pelo jornalismo? Quando me questiono a esse respeito, penso em exemplos de como as mulheres foram (e ainda são) retratadas na mídia ao ocuparem espaços historicamente vistos como masculinos.

Um dos casos ilustrativos mais emblemáticos corresponde à cobertura do processo de *impeachment* da ex-presidenta Dilma Rousseff. Pode-se citar a matéria[1] intitulada "Após *impeachment*, Dilma leva vida reservada no RS", veiculada pelo jornal Folha de São Paulo no dia 1º de novembro de 2016. O texto iniciava com a frase "Dona Dilma abre a porta ao lado de Vera, sua diarista". Além disso, a aparência de Dilma Rousseff e a sua "nova vida" como dona de casa

[1] A matéria pode ser conferida através do link: http://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/11/1828285-apos-impeachment-dilma-leva-vida-reservada-no-rs-veja-entrevista.shtml.

são elementos constantes no texto, reforçando a noção de que o lugar das mulheres não é na política. Matérias que destacam os novos papéis sociais das mulheres nos dias de hoje, por vezes, acabam por reforçar, em seus discursos, a noção de que isso seria um desvio. Assim, no caso descrito, permanecem as normas e valores de que a mulher não deve trabalhar fora de casa, pois este não é o seu lugar ou, por outro lado, ela deve trabalhar somente em casa. E, quando trabalha somente em casa, esse ofício é desvalorizado ou sequer é considerado um trabalho propriamente dito, no qual direitos trabalhistas possam ser reivindicados.

Em suma, "os media definem para a maioria da população os acontecimentos significativos que estão a ter lugar, mas também oferecem interpretações poderosas acerca da forma de compreender estes acontecimentos" (HALL, 1993, p. 228). Em oposição ao exemplo dado, quando a mídia não reproduz estereótipos, ela pode atuar na construção de novas narrativas e na reflexão sobre diferentes pontos de vista.

2.2 REFLETINDO SOBRE FEMINISMO E QUESTÕES DE GÊNERO

Nos percursos que aqui faço através da escrita, busco refletir sobre como o jornalismo pode retratar questões de gênero e, através de seus relatos, gerar conhecimento social a respeito do tema. Dessa forma, o presente trabalho apoia-se na perspectiva teórica dos estudos feministas pós-estruturalistas, que possui como uma de suas marcas o seu caráter político, como ressalta a educadora Guacira Lopes Louro:

> Objetividade e neutralidade, distanciamento e isenção, que haviam se constituído, convencionalmente, em condições indispensáveis para o fazer acadêmico, eram problematizados, subvertidos, transgredidos. Pesquisas passavam a lançar mão, cada vez com mais desembaraço, de lembranças e de histórias de vida (...). Pesquisadoras escreviam na primeira pessoa. Assumia-se, com ousadia, que as questões eram *interessadas*, que elas tinham origem numa trajetória histórica específica que construiu o lugar social das mulheres e que o estudo de tais questões tinha (e tem) pretensões de mudança (LOURO, 2011, p. 23).

Ao buscar entender as origens dessa perspectiva teórica, Louro (2011) evidencia algo que também percebo nas minhas leituras, o fato de que as palavras têm história. Nesse sentido, o

próprio conceito de gênero está ligado ao percurso histórico do movimento feminista contemporâneo, articulado politicamente a suas lutas. Em geral, quando se faz referência ao feminismo enquanto movimento social organizado, ele corresponde ao movimento nascido no Ocidente e consolidado na virada do século XIX para o século XX, através de manifestações contra a discriminação das mulheres. É dessa época o "sufragismo", mobilização que buscava o direito ao voto feminino e que integra a chamada "primeira onda" do feminismo, na qual as motivações direcionavam-se para os interesses de mulheres brancas de classe média.

Contudo, é na denominada "segunda onda" feminista, já ao final da década de 1960, que as reflexões teóricas ganham espaço no movimento, em meio aos protestos de diferentes grupos sociais que marcaram o período. O emblemático ano de 1968 era resultado de um processo mais amplo de inconformidade com a situação social vigente. Nesse contexto, "militantes feministas participantes do mundo acadêmico vão trazer para o interior das universidades e escolas questões que as mobilizavam (...). Surgem os estudos da mulher" (LOURO, 2011, p. 20).

Segundo o relato histórico de Louro (2011), na época, a ideia de que o ambiente doméstico era o verdadeiro "lugar da mulher" já vinha sendo desconstruída por algumas trabalhadoras, que já atuavam fora dos lares e ocupavam fábricas, lavouras e, posteriormente, chegaram às escolas, aos hospitais e ao comércio. O exercício de seus respectivos ofícios, no entanto, era controlado por homens, e seus espaços de trabalho eram considerados secundários, ligados a áreas de assistência e cuidado. Foram essas condições de vida e de trabalho que serviram de base para os estudos iniciais, estudos estes que "contam, criticam e, algumas vezes, celebram as 'características' tidas como femininas" (LOURO, 2011, p. 22). Dessa forma, essas primeiras reflexões pouco refletiam sobre as diferenças de oportunidades entre as diversas mulheres, a partir de questões de raça e classe, por exemplo. Além disso, as divisões entre os universos feminino e masculino, como se naturalmente houvesse "coisas de homem" e "coisas de mulher" ainda prevaleceu no período. Mesmo assim, não há como não reconhecer a importância do levantamento de referências e estatísticas sobre a condição feminina, além da crítica ao silenciamento das mesmas. Foram processos e observações que nos permitiram chegar às abordagens mais atuais sobre o tema.

Nos dias de hoje, por sua vez, quando se fala em um olhar de gênero sobre as diferentes áreas do conhecimento, pode-se questionar se estamos nos referindo somente às mulheres. Afinal,

de que gênero estamos falando? A partir das análises da historiadora Joan Scott (1995), percebe-se o uso mais recente do termo "gênero" como uma forma de salientar o caráter social do tema e representar uma oposição ao "determinismo biológico implícito no uso de termos como 'sexo' ou 'diferença sexual'". Através desse entendimento, mulheres e homens seriam "definidos em termos recíprocos e não se poderia compreender qualquer um dos sexos por meio de um estudo inteiramente separado" (SCOTT, 1995, p. 72).

Assim, a perspectiva de gênero não envolve somente um olhar sobre as mulheres, mas uma observação mais ampla que também considera os homens, que amplia a análise para além de meras diferenças entre sexos biológicos. Nesse contexto, analisa-se a relação social estabelecida entre ambos, buscando desconstruir dualidades e papéis historicamente estabelecidos. Falamos então de representações que constroem, historicamente, o que é "ser mulher" e o que é "ser homem", estabelecendo o que caberia a cada um/a fazer. Dessa forma, essas estruturas e dualidades de gênero não existem naturalmente, mas são pouco a pouco formadas pela nossa sociedade:

> É necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou pensa sobre elas que vai construir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico. Para que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade importa observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos (LOURO, 2011, p. 25).

Nesse cenário teórico, desenvolve-se o uso do termo "gênero", nos anos 1980, por feministas anglo-saxãs, o que "constitui um dos aspectos daquilo que se poderia chamar de busca de legitimidade acadêmica para os estudos feministas" (SCOTT, 1995, p. 75). Conforme reflete Scott, a existência de uma palavra representativa para as pesquisas era uma forma de reivindicar um espaço de atuação e, ao mesmo tempo, salientar a incapacidade de as teorias existentes incorporarem as desigualdades entre mulheres e homens aos seus estudos:

> (...) posicionadas ao lado da crítica da ciência desenvolvida pelas humanidades, as feministas não somente começaram a encontrar uma voz teórica própria; elas também encontraram aliados/as acadêmicos/as e políticos/as. É dentro desse espaço que nós devemos articular o gênero como uma categoria analítica (SCOTT, 1995, p. 85).

Dessa forma, a análise do conceito de gênero pode ser exemplificada através da convergência de duas perspectivas, conforme destaca Scott: i) o gênero como "elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos" e ii) o gênero como "forma primária de dar significado às relações de poder" (SCOTT, 1995, p. 86), relações estas de distribuição de espaços de poder a partir de dicotomias entre os gêneros. Nesse contexto, o gênero feminino é o afastado dessa distribuição e da construção da própria noção de poder.

É no sentido de se contrapor a essas noções pré-estabelecidas que se constrói o movimento feminista. Buscando tornar as perspectivas do movimento mais acessíveis, a jornalista e escritora espanhola Nuria Varela (2008) escreveu um livro quando pouco se refletia sobre o tema na sociedade em geral, destacando o feminismo como uma mobilização teórico-prática:

> El feminismo es un discurso político que se basa en la justicia. El feminismo es una teoría y práctica política articulada por mujeres que tras analizar la realidad en la que viven toman conciencia de las discriminaciones que sufren por la única razón de ser mujeres y deciden organizarse para acabar con ellas, para cambiar la sociedad. Partiendo de esa realidad, el feminismo se articula como filosofía política y, al mismo tiempo, como movimiento social. (...) El discurso, la reflexión y la práctica feminista conllevan también una ética y una forma de estar en el mundo. La toma de conciencia feminista cambia, inevitablemente, la vida de cada una de las mujeres que se acercan a él (VARELA, 2008, p. 9 e 10).

Outro aspecto importante a se considerar quando se inicia uma reflexão sobre feminismo é a já conhecida equiparação entre o movimento e o machismo existente. Em seu texto, Varela (2008) ressalta como essa correlação não é possível. Enquanto o feminismo se constitui enquanto teoria e prática voltadas à igualdade, o machismo é a denominação dada a preconceitos originados de uma construção social de inferioridade das mulheres em relação aos homens. Equiparar os dois termos seria como igualar, por exemplo, o racismo e a luta contra o racismo:

> El feminismo es una teoría de la igualdad y el machismo, una teoría de la inferioridad. El feminismo se edifica a partir del principio de igualdad, todos los ciudadanos y ciudadanas son libres e iguales ante la ley. (...) El machismo consiste en la discriminación basada en la creencia de que los hombres son superiores a las mujeres. Según la época, el momento o la imaginación del machista, los argumentos serán distintos. Da igual, el caso es defender y practicar que los hombres tienen una serie de derechos y privilegios que no están dispuestos a compartir con las mujeres y para ello utilizan todos los medios a su alcance, incluida la violencia si es necesario. Una vez desarrollado el feminismo y nombrado como privilegio a lo que hasta entonces se había

> considerado natural, fue necesario equiparar ambas teorías, como si fuesen éticamente iguales. Algo así como decir que el racismo y la lucha contra el racismo son lo mismo (VARELA, 2008, p. 291).

Em torno dos debates sobre o movimento, manifesta-se, há décadas, a necessidade de se falar em feminismos – com a palavra escrita no plural – com o intuito de incluir diferentes mulheres e diferentes preconceitos culturalmente arraigados e interligados, principalmente se partirmos de um "lugar de fala" descentralizado do que costuma ser visto como ciência "hegemônica", ou seja, para além dos estudos realizados na Europa Ocidental e nos Estados Unidos. Sob esse panorama, reside a noção de interseccionalidade. A socióloga Patricia Hill Collins (2017) relata as origens do movimento interseccional e as relaciona, primeiramente, ao feminismo negro estadunidense. Já nas políticas feministas negras dos anos 1960 e 1970 estavam as noções de que não haveria emancipação das mulheres afro-americanas se a mobilização não reunisse as lutas por igualdade de raça, classe e gênero. Os primeiros escritos eram de ativistas de movimentos sociais, feitos para o público em geral, não para a academia, que, inicialmente, os negligenciava.

Collins, no entanto, evidencia que a interseccionalidade não surgiu somente por obra das afro-americanas, mas por um grupo muito mais amplo de mulheres latinas, indígenas e asiáticas que "estavam na vanguarda de reivindicar a inter-relação de raça, classe, gênero e sexualidade em sua experiência cotidiana" (COLLINS, 2017, p. 8). Já o uso do termo é datado do início dos anos 1990 e creditado à Kimberlé Crenshaw, advogada e teórica da temática racial. Como relata Collins (2017), o fato de Crenshaw não ser, diretamente, militante social, mas trabalhar por justiça social e possuir relação prévia com a academia auxiliou no avanço e na validade acadêmica dos argumentos pela interseccionalidade.

Desde sempre, houve (e há) na universidade uma divisão entre o que é considerado ciência ou não, e os movimentos sociais não costumam ser incluídos nessa validação científica, apesar de serem importantes espaços precursores de discussão sobre transformação social. Então, há um percurso entre uma teoria surgir, no âmbito social e, posteriormente, chegar ao debate acadêmico e científico:

> A construção da interseccionalidade ofereceu um termo guarda-chuva reconhecível, que fixava essas relações dinâmicas de modo a tornar o campo compreensível nas normas acadêmicas de autoria, propriedade e descoberta. (...) Porque o artigo de 1991 de

> Crenshaw é tão frequentemente citado como o ponto de origem (...), ele se coloca como um documento fundamental ao marcar a tradução dos entendimentos de interseccionalidade que vinham do feminismo negro e outros projetos de justiça social, e aqueles que cada vez mais caracterizavam um conhecimento acadêmico da interseccionalidade (COLLINS, 2017, p. 10).

Saliento esses percursos teóricos com a intenção de mostrar que o conhecimento não está somente na universidade, não ocorre através de uma mão única vinda da academia, ele é, na verdade, uma via de várias mãos, uma construção coletiva que, diversas vezes, desenvolveu-se a partir da luta social, da vivência desigual de diferentes grupos sociais, como é o caso dos estudos feministas, com destaque para os interseccionais. Ao exemplificar a importância da correlação entre estudos de gênero, raça e classe, a filósofa e professora estadunidense Angela Davis (2017) salienta que esse processo deve incluir a diversidade existente de mulheres sem forçá-las a se adaptar a estruturas já existentes, criadas por uma maioria branca, eurocêntrica e das classes mais privilegiadas:

> Enquanto defensoras e ativistas dos direitos das mulheres de nosso tempo, devemos começar a (...) criar um *continuum* único, que represente de modo sólido as aspirações de nossa sociedade. Devemos começar a criar um movimento de mulheres revolucionário e multirracial, que aborde com seriedade as principais questões que afetam as mulheres pobres e trabalhadoras. (...) Esse processo não pode ser iniciado simplesmente com a intensificação dos esforços para atrair as mulheres latinas, ou afro-americanas, ou asiáticas, ou indígenas para as formas organizacionais existentes, dominadas pelas mulheres brancas das camadas econômicas mais privilegiadas. As preocupações específicas das mulheres de minorias étnicas devem ser incluídas na pauta (DAVIS, 2017, p. 18 e 19).

Sobre o movimento de mulheres no Brasil, por sua vez, a filósofa Sueli Carneiro (2003) percebe-o conectado, desde o seu início, com as mobilizações populares e as lutas pela redemocratização do país, participando ativamente das discussões de elaboração da Constituição de 1988 e das mobilizações pelos direitos da mulher brasileira a ingressar no mercado de trabalho em condições menos desiguais. Ainda assim, o movimento feminista brasileiro também esteve (e, de certa forma, ainda está, em diversos casos) restrito a uma visão de mundo eurocêntrica, que pouco observa a realidade das mulheres latino-americanas e que pouco reflete sobre a diversidade de oportunidades entre as diferentes mulheres, criando uma noção de “mulher universal” que não existe:

> Embora as desigualdades salariais significativas entre homens e mulheres que ocupam as mesmas funções permaneçam, é inegável que a crítica feminista sobre as desigualdades no mercado de trabalho teve papel importante na intensa diversificação, em termos ocupacionais, experimentada pelas mulheres nas últimas três décadas. (...) Porém, (...) o feminismo esteve, também, por longo tempo, prisioneiro da visão eurocêntrica e universalizante das mulheres. A consequência disso foi a incapacidade de reconhecer as diferenças e desigualdades presentes no universo feminino, a despeito da identidade biológica. Dessa forma, as vozes silenciadas e os corpos estigmatizados de mulheres vítimas de outras formas de opressão além do sexismo, continuaram no silêncio e na invisibilidade (CARNEIRO, 2003, p. 118).

Assim, para além de um feminismo clássico, focado em uma identidade branca, ocidental, heterocentrada e eurocêntrica, faz-se necessário refletir sobre feminismos que contemplem as especificidades das mulheres locais, sejam elas latino-americanas, brasileiras, negras e indígenas, transexuais, lésbicas ou bissexuais. Se as questões de gênero são diferentes para cada uma delas, quando inserimos as questões de raça, etnia, classe e diversidade sexual, a discussão se complexifica e os preconceitos existentes também. Se os feminismos não contemplarem todas elas, a mobilização por igualdade de gênero não terá resultados em sua integralidade, será um debate restrito a poucas mulheres. Conforme salienta Sueli Carneiro (2003), ao politizarmos e amplificarmos a discussão sobre desigualdade de gênero, as mulheres tornam-se "sujeitos políticos" de sua própria história, sujeitos estes que assumem lugar de protagonismo nas lutas específicas de seus grupos sociais, ampliando a noção de "o que é ser mulher" e o que é "ser feminista" na sociedade brasileira.

2.3 JORNALISMO TAMBÉM É QUESTÃO DE GÊNERO

E como o jornalismo se insere nesse contexto de mobilização feminista? O que ele tem a ver como esses estudos? Pelas reflexões anteriormente feitas neste capítulo, podemos apreender relações estabelecidas entre a atividade jornalística e o campo da cultura. Percebo como o jornalismo, enquanto área do conhecimento, interage com diversos saberes socialmente produzidos e, ao mesmo tempo, participa de processos pedagógicos, de construção de saberes. Sei que essa vertente de observação do jornalismo enquanto conhecimento pode resultar em diversas análises, mas aqui me aproprio das ideias do jornalista e professor Eduardo Meditsch (1998) para refletir sobre nosso ofício enquanto produtor de conhecimento:

> É o fato de operar no campo lógico da realidade dominante que assegura ao modo de conhecimento do Jornalismo tanto a sua fragilidade quanto a sua força enquanto argumentação. É frágil, enquanto método analítico e demonstrativo, uma vez que não pode se descolar de noções pré-teóricas para representar a realidade. É forte na medida em que essas mesmas noções pré-teóricas orientam o princípio de realidade de seu público, nele incluídos cientistas e filósofos quando retornam à vida cotidiana vindos de seus campos finitos de significação (MEDITSCH, 1997, p. 32).

Assim, se o jornalismo se torna menos rigoroso ao operar sobre as noções cotidianas de realidade, ao mesmo tempo, ele é o que Meditsch (1998) denomina de conhecimento "menos artificial" e mais palpável. Reunimos conhecimentos que permitem a comunicação entre diferentes esferas e grupos sociais, entre acadêmicos e não acadêmicos, entre cientistas e operários. No entanto, é preciso observar que a profissão também pode contribuir para uma desinformação, com enquadramentos de notícias pouco elucidativos e, por vezes, direcionados aos interesses de alguns grupos e de grandes empresas que detém o monopólio dos meios tradicionais de comunicação.

A partir desse cenário, o jornalismo pode possibilitar uma caminhada na direção de "conhecer e reconhecer" (MEDITSCH, 1998, p. 32) diferentes saberes ou na direção de "conhecer e reconhecer" estereótipos e preconceitos. Em um sentido de construção de convenções e representações sociais, a mídia também produz relações de gênero (e é constituída por elas), de forma que, assim como exemplifica a jornalista e pesquisadora Marcia Veiga da Silva (2010),

> investigar os modos como o jornalismo está perpassado por gênero é o primeiro caminho para entender como o jornalismo acaba contribuindo para o processo de (re)produção de valores e representações hegemônicos de gênero (...). É perceber o jornalismo por uma ótica de gênero relacionada com os modos como se constrói o conhecimento sobre as coisas (e pessoas) do mundo (VEIGA DA SILVA, 2010, p. 63).

Guacira Louro (1997) reflete sobre as relações de poder existentes em ambientes pedagógicos como as escolas e universidades, relações estas que incluem as divisões estabelecidas entre o que é considerado "feminino" e o que é visto como "masculino". Ao se transferir a sua análise para o ambiente de trabalho de um/a jornalista, o resultado não será diferente. Nossas rotinas de trabalho e práticas sociais cotidianas também normalizam comportamentos, tornando-os "naturais". Nas escolas, por exemplo, os livros didáticos costumam

trazer representações de atividades ditas “para mulheres” (normalmente, restritas ao ambiente doméstico/familiar ou a profissões que requerem o cuidado de outras pessoas) e atividades “para homens” (em geral, carreiras públicas e científicas). Dessa forma, “a ampla diversidade de arranjos familiares e sociais, a pluralidade de atividades exercidas pelos sujeitos, as trocas (...) e os conflitos são comumente ignorados ou negados” (LOURO, 1997, p. 74).

No jornalismo, por sua vez, os procedimentos também são perpassados por concepções estereotipadas, pois os profissionais são também constituídos por vivências de gênero, classe, raça, geração, o que interfere no modo de produção das notícias, nos discursos proferidos nas redações jornalísticas e nas hierarquias e dinâmicas existentes entre funcionários de um veículo de comunicação. Nesse sentido, Veiga da Silva ressalta que “(...) as notícias – como conhecimentos sociais – acabam refletindo as convenções sociais hegemônicas por sua relação direta com as instâncias de poder e de saber, bem como das influências diretas da cultura nos sujeitos produtores de notícias” (VEIGA DA SILVA, 2010, p. 64).

3 A UNIVERSIDADE COMO UM LABORATÓRIO DE TELEJORNALISMO

Mas e como a universidade pode fazer jornalismo? Nesse capítulo, procura-se entender o cenário de produção jornalística de uma televisão universitária, especialmente o contexto da TV ligada à Secretaria de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a UFRGS TV. É a partir do entendimento de seu contexto de produção, da equipe que nela atua e das produções jornalísticas produzidas que, poderemos, mais à frente, discorrer sobre o programa *Lugar de Mulher*, foco de análise do trabalho. Primeiramente, faz-se um breve histórico das televisões universitárias no país, antes de analisarmos o contexto local.

3.1 AS POSSIBILIDADES DE INTEGRAÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E TELEVISÃO

Em um contexto atual de transformações midiáticas e de modificações na produção de narrativas audiovisuais, as pesquisas e práticas jornalísticas da universidade podem apontar novas possibilidades de atuação, propondo novos conteúdos e formatos de notícias. A professora Beatriz Becker (2012) aponta as possíveis integrações entre as mudanças nas rotinas produtivas jornalísticas e a produção universitária: "A capacidade de saber pensar e fazer a notícia, de elaborar e cruzar conteúdos diversos, de saber construir e selecionar a informação talvez nunca tenha sido tão essencial. E esta é, certamente, uma das principais funções das *webtvs* universitárias" (BECKER, 2012, p. 10). Dessa forma, Becker observa que uma época como a nossa, de imediatez da imagem, pode ser compensada pelo diálogo, pela desconstrução de referências e estereótipos, pela chance que uma televisão universitária tem de fazer e pensar jornalismo, um jornalismo que pode ser feito, mas que nem sempre o é.

Além disso, se pensarmos na capacidade que uma televisão universitária possui de apropriação dos mais diferentes temas, vindos de áreas de pesquisa diversas, também são inúmeras as possibilidades de atuação. Acredito que um dos pontos que merecem destaque na pesquisa de Becker (2012) – que atua na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO-UFRJ) – é a formação de uma "memória audiovisual da universidade". Assim, além do desenvolvimento de novos formatos e abordagens de temas, a televisão universitária pode se constituir ao modificar a relação da/o estudante com o seu ambiente de estudo e convívio social. Através da imagem, essas/es alunas/os podem conhecer pessoas e pesquisas de outros

cursos que não o seu, podem ampliar suas perspectivas a respeito do que significa a universidade e de como diferentes cursos, departamentos, projetos e pesquisas podem (e devem) interagir mais entre si.

3.2 BREVE HISTÓRICO DA TELEVISÃO UNIVERSITÁRIA NO BRASIL

A primeira televisão universitária do país foi criada em 1968, menos de vinte anos depois do início das transmissões televisivas brasileiras, em 1950, com o advento da TV Tupi. Surgia na capital pernambucana a Televisão Universitária Recife (TVU), ligada à Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Conforme destaca a jornalista e professora Carine Prevedello (2013), a TVU também foi a primeira experiência de televisão educativa do país, o que confere a essa primeira concessão o caráter simbólico de estar ligada a uma instituição federal de ensino superior (IFES), com orçamento e finalidades públicas.

De acordo com Fabiana Peixoto e Gabriel Priolli (2004), posteriormente a essa iniciativa, surgiram pelo menos mais doze canais educativos abertos, ligados a instituições de ensino superior (IES). Ainda assim, não é possível dizer que a televisão universitária brasileira começou nesse momento, pois as emissoras da época não ofereciam ao público uma programação segmentada e universitária, voltada à divulgação de atividades acadêmicas. A vinculação dessas emissoras com as IES era, acima de tudo, de caráter administrativo e financeiro.

Assim, é bastante recente a televisão com conteúdo primordialmente acadêmico, voltado à divulgação das atividades de ensino, pesquisa e extensão realizadas em ambiente universitário ou a partir dele. Ela é resultante de um processo de segmentação da TV brasileira iniciado em 1991, com a introdução da tecnologia do cabo. De acordo com o relato de Flávio Porcello (2002), a televisão universitária foi criada em 1995, a partir da Lei Federal número 8.977, conhecida como Lei da Televisão a Cabo. Ela previa os “canais básicos de utilização gratuita”, que as operadoras são obrigadas a disponibilizar sem custo adicional aos assinantes.

Esse espaço também engloba os canais universitários, como informa o artigo 23, inciso I, alínea ‘e’ da referida lei: “É disponibilizado um canal universitário, reservado para o uso compartilhado entre as universidades localizadas no município ou municípios da área de

prestação de serviços". Nesse contexto, são pioneiras a TV Campus, emissora da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) – localizada na região central do estado do Rio Grande do Sul e criada ainda em 1995 – e o Canal Universitário de São Paulo (CNU). Com sede na capital paulista, ele foi instituído pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) em 1997, mas hoje já integra conteúdos produzidos em outras universidades do mesmo estado, como a Universidade de São Paulo (USP) e a Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Dessa forma, Prevedello (2013) salienta a relação existente entre as transformações vivenciadas pelas instituições de ensino superior (IES) no Brasil, ao longo das décadas de 1990 e 2000, e a criação de televisões universitárias:

> (...) há uma mudança na estrutura de organizações das IES, principalmente as privadas, com uma intensa profissionalização (...). Da mesma maneira, o final da década de 1990 presenciou investimentos significativos também nas instituições públicas, gerando consequências para o surgimento de novas estruturas de difusão da produção realizada em seu âmbito, especificamente as televisões universitárias. Tal constatação parece relevante em especial para se perceber uma faceta dos desdobramentos da fase contemporânea de organização dos meios de comunicação, na qual a multiplicidade da oferta é capaz de alcançar mesmo os canais de comunicação presentes em instituições de ensino. (PREVEDELLO, 2013, p. 66).

A partir de então, ainda que se entenda a existência de televisões universitárias, pode-se questionar qual seria a sua função. Para que elas servem? Que tipo de conteúdos elas produzem? Em um contexto de transmissão constante de informações, no qual se pode ter acesso ao conteúdo que se deseja, no momento em que se deseja, a universidade pode ditar ritmos diferentes de produção da informação, pois não está vinculada a uma produção comercial de notícias, na qual os curtos prazos para a publicação podem ter influência na qualidade e na checagem daquele acontecimento ou daquele conhecimento compartilhado.

Além disso, a existência de uma televisão inserida no cotidiano de uma universidade, divulgando suas atividades, seus projetos e suas descobertas, pode auxiliar na maior aproximação do conhecimento científico da comunidade em geral, contribuindo para que esses diferentes saberes não fiquem restritos ao ambiente acadêmico e a quem dele faz parte. Sobre essa função de aproximação entre ciência e sociedade, ainda no início da década passada, Peixoto e Priolli (2004) observavam as possibilidades desse veículo de comunicação, vendo-o como

> a face da universidade, a expressão audiovisual de sua comunidade, de suas atividades e de seus projetos. Busca-se fórmulas de integração efetiva de estudantes, professores e funcionários ao esforço produtivo da televisão, para se obter uma programação que seja atraente, consistente e relevante (...), para que se possa avançar àquilo que se espera da universidade, e que a Televisão Universitária também poderá oferecer (...): a experimentação, a criação de formatos, padrões e conhecimento (PEIXOTO; PRIOLLI, 2004, p. 10).

Com isso, para além de se constituir enquanto elo entre academia e sociedade, a TV universitária tem a possibilidade de experimentar linguagens diversas dos modelos comuns ao ambiente de sala de aula. Refletir sobre a linguagem utilizada em contexto acadêmico também é uma ferramenta importante, a fim de observá-la criticamente e torná-la mais acessível e próxima das pessoas. Não se espera, por exemplo, que essa televisão transmita ao vivo a defesa de uma dissertação de mestrado ou de uma tese de doutorado.

Ao contrário disso, ao fazer jornalismo em ambiente universitário, pode-se entrevistar a pesquisadora ou o pesquisador, para que ela ou ele conte um pouco de sua jornada e dos resultados práticos que aquela pesquisa apresenta para a sociedade. Pode-se, inclusive, aproveitar o recurso audiovisual para fazer imagens das "saídas de campo" daquele estudante ou para registrar sua ação em sala de aula ou em laboratório. Assim como destaca Porcello (2002), a televisão universitária tem a possibilidade de construir uma programação voltada para o desenvolvimento da cidadania, buscando olhares positivos sobre o cotidiano acadêmico que ela retrata, mas sem perder o senso crítico e reflexivo que sustenta a universidade.

3.3 A EXPERIÊNCIA JORNALÍSTICA DA UFRGS TV

Se a história das televisões universitárias é recente, iniciada nos anos 1990, a TV que é objeto de estudo do presente trabalho é ainda mais. Em Porto Alegre, a TV Universidade (UNITV)[2] foi estabelecida em abril de 1998, com transmissão pelo canal 15 da NET-Poa, televisão por assinatura da capital gaúcha. Na época, a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) só participava do canal através da exibição de trabalhos acadêmicos produzidos em

[2] Conforme informações do site unitv.tv.br/institucional, a TV Universidade (UNITV) iniciou suas atividades em fase experimental no mês de abril de 1998. Já a transmissão de sua programação regular, teve início no dia 3 de setembro do mesmo ano. Desde junho de 2014, a central geradora da emissora está localizada no Campus Central da UFRGS, no último andar do prédio que também é sede da Rádio da Universidade e da própria UFRGS TV.

disciplinas do curso de jornalismo. Porcello (2002) relata que nove instituições de ensino superior (IES) faziam parte do canal, mas praticamente só a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) combinava condições humanas e financeiras para a produção de programas.

Já a Unidade Produtora de Televisão da UFRGS, a UFRGS TV, foi criada em 26 de setembro de 2005 e integra a Secretaria de Comunicação Social (Secom) da Universidade. Junto com a Rádio da Universidade, ela compõe o Centro de Teledifusão Educativa (CTE) da Secom. Seus conteúdos são divulgados por mais de um local: a exibição deles se dá na UNITV, canal 15 da NET de Porto Alegre, e no canal do YouTube (youtube.com/ufrgstv). Todos os programas também estão disponíveis no LUME, repositório digital da produção acadêmica da UFRGS (lume.ufrgs.br).

Atualmente, ao se avaliar a programação existente em 2019, percebe-se que a UFRGS TV reúne a produção regular de pelo menos 14 programas, sejam eles em formato de reportagens, entrevistas, perfis ou documentários, além da elaboração de especiais e campanhas institucionais. Para efeitos de análise, busco aqui dividi-los em cinco vertentes principais de atuação:

i) jornalística, ao noticiar atividades, projetos ou acontecimentos relacionados à rotina acadêmica. Aqui o principal programa representante é o "Acontece na UFRGS", construído através de matérias curtas e factuais, a partir da cobertura de diferentes eventos;

ii) científica, ao divulgar a formação de conhecimento possibilitada pelas ações de ensino, pesquisa e extensão da universidade. Nesse caso, há o programa "Conhecendo a UFRGS", que destaca uma atividade por vez, seja o trabalho de uma unidade acadêmica, um grupo de pesquisa, uma ação de extensão, um laboratório ou curso existente. Há também o "Pesquisa em Pauta", programa em formato de entrevista, no qual se conhece a rotina de um pesquisador ou pesquisadora, entendendo mais sobre o andamento, os desafios e resultados de sua pesquisa. Ainda nessa categoria, pode-se destacar o "Simplifísica", uma parceria que a TV estabeleceu com o Instituto de Física da UFRGS, para a divulgação de palestras que mostram a relação da ciência com o nosso cotidiano;

iii) cultural, através da gravação de espetáculos, sejam eles shows de música ou peças teatrais, e entrevistas com seus respectivos artistas. Os programas “Unimúsica” e “Som no Salão” são dois exemplos. O primeiro é um dos projetos culturais mais antigos de Porto Alegre, criado em 1981, com o objetivo de trazer música popular brasileira aos palcos da universidade. Já o “Som no Salão” destaca a produção autoral de músicos locais. Outro programa que tem a divulgação cultural como foco é o “Efêmera Arte”, uma parceria com o projeto Teatro, Pesquisa e Extensão (TPE), que consiste em uma mostra de teatro universitário do Departamento de Arte Dramática da UFRGS. Nesse programa, são mostrados os bastidores dos processos de criação das/os estudantes de Teatro, através de entrevistas com elenco e gravações dos ensaios e das próprias peças;

iv) institucional, através de especiais, chamadas e campanhas voltadas à divulgação da universidade. A campanha “UFRGS 85 Anos”, as chamadas de “Volta às Aulas” e do UFRGS Portas Abertas (evento anual que recebe estudantes, vestibulandas/os e demais interessadas/os em conhecer a universidade) são alguns exemplos. Nesse grupo, também se pode acrescentar o “Diálogos UFRGS”, um canal de comunicação dos gestores da academia com a comunidade em geral, através de entrevistas temáticas, com destaque para questões administrativas e orçamentárias. Esse último é uma parceria com a Rádio da Universidade;

v) perfil, categoria na qual estão produções que priorizam as pessoas que fazem ou fizeram parte da UFRGS e as respectivas histórias que elas têm para contar, histórias estas que podem ter sido construídas em ambiente acadêmico ou que se relacionam com esse ambiente de alguma forma. O programa “Meu Lugar na UFRGS” é um exemplo disso. Traz lugares significativos para aquelas e aqueles que integram a comunidade acadêmica. Estudantes, professoras/es e funcionárias/os diversas/os falam sobre a sua relação com a UFRGS a partir de um lugar por elas/es escolhido. A produção é uma parceria com o Jornal da Universidade. Assim, o perfil em questão também é divulgado em texto, nesse caso, escrito por membras/os do jornal.

O “Em Sintonia Com” é outro exemplo, agora com pessoas que já passaram pela UFRGS e que retornam em uma entrevista, a fim de refletir sobre suas trajetórias acadêmicas, pessoais e profissionais. Por fim, o exemplo mais recente das produções em formato de perfil corresponde ao “*Lugar de Mulher*”, programa que é objeto de estudo deste trabalho. Criado em 2014, através de uma parceria com o Instituto de Física da UFRGS, nele há entrevistas com meninas e

mulheres, estudantes e profissionais das áreas das ciências exatas, áreas estas consideradas comumente masculinas, com maior número de homens presentes em sala de aula ou no mercado de trabalho. Assim, as questões de gênero que perpassam as trajetórias das entrevistadas são reverberadas pelo programa. Os detalhes sobre o *Lugar de Mulher* serão mais bem discutidos no próximo capítulo.

É importante salientar que, ao colocar essas produções em categorias, não se pretende dizer que elas sejam uma coisa só. O conteúdo e a própria linguagem de cada programa são, na verdade, aspectos bastante variados. Para ilustrar isso, optei por deixar um dos programas de fora das vertentes acima listadas, a fim de demonstrar o quão diversos podem ser os formatos televisivos, inclusive em uma televisão universitária. Por exemplo, o programa "Multiponto", realizado pela TV desde 2007, busca ir além do ambiente acadêmico, estabelecendo uma ponte entre universidade e sociedade, através de um formato mais longo (cerca de trinta minutos) de reflexão sobre temas que estão em pauta no Brasil e no mundo.

Para além de acadêmicas/os e professoras/es, a produção também busca ouvir vozes de fora da UFRGS, a fim de compreender um panorama social mais geral. Entre os últimos temas escolhidos para o Multiponto estão os debates sobre os trinta anos da Constituição Federal brasileira, os usos da energia eólica, a realidade atual de migrantes e refugiados, as relações existentes entre educação e democracia, além da discussão sobre aborto como questão de saúde pública e de desigualdade de gênero. Uma análise do programa Multiponto resultou no primeiro Trabalho de Conclusão de Curso[3] (TCC) que teve uma produção da UFRGS TV como tema principal. Sua autora, a ex-bolsista da UFRGS TV Maria Elisa Lisbôa (2010) destaca as possibilidades de formação e reflexão que programas como esse podem incentivar, dentro e fora da academia:

> (...) a TV universitária pode ser um espaço privilegiado de produção de conhecimento, justamente por integrar universos distintos e complementares, não estando atrelada aos compromissos comerciais, mas antes inserida em um contexto onde se fomenta a reflexão e a produção científica. O conteúdo gerido nessas circunstâncias pode ser formador, não só do público ao qual ele se destina, mas também das pessoas envolvidas nos processos produtivos (LISBÔA, 2010, p. 27).

[3] O Trabalho de Conclusão de Curso, defendido no ano de 2010, na Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS, foi denominado "A TV universitária como possibilidade para o jornalismo científico – um estudo sobre o programa Multiponto da UFRGS TV".

Assim como salienta Lisbôa (2010), busca-se aqui entender o caráter formativo proporcionado pela rotina de produção de uma televisão universitária, caráter este que se aplica tanto ao público que a assiste quanto às pessoas que participam das diferentes atividades do fazer televisivo, ou seja, as/os produtoras/es de conteúdo da UFRGS TV, essencialmente, um grupo constituído por estudantes de graduação da universidade.

3.4 A UFRGS TV COMO ESPAÇO DE FORMAÇÃO E PROTAGONISMO ESTUDANTIL

Após entendermos o contexto de criação da UFRGS TV, bem como quais são os conteúdos produzidos por essa TV universitária, pode-se então refletir sobre a sua dinâmica de produção e sobre quem faz parte da rotina que origina todos os programas acima descritos. No momento em que o presente trabalho é escrito, em setembro de 2019, a UFRGS TV é constituída por vinte estudantes de graduação que atuam como bolsistas-produtoras/es, sendo dezesseis delas/es estudantes de jornalismo e as/os outras/os quatro de cursos diversos (artes visuais, design visual, licenciatura em teatro e engenharia da computação). Além disso, a equipe também é formada por cinco funcionárias/os: um publicitário, um técnico em audiovisual, dois jornalistas (o primeiro é nosso diretor e a segunda já foi bolsista da TV durante a sua graduação) e uma formanda em publicidade, que também já atuou como bolsista da TV anteriormente.

Como forma de colocar em prática uma proposta de trabalho baseada na interdisciplinaridade e no incentivo ao protagonismo estudantil, todas/os as/os bolsistas, independentemente de seus cursos de graduação ou de seu conhecimento prévio em audiovisual, participam de todas as fases de realização dos programas, sejam elas de levantamento de ideias, produção, construção de pautas, contato com as fontes, entrevistas, captação de imagens ou edição dos conteúdos. As/Os estudantes costumam receber uma bolsa-auxílio pelo seu trabalho, mas muitas/os, inicialmente, atuam de forma voluntária, já que possuem a oportunidade de aprender diferentes etapas do fazer prático audiovisual, processos estes que, em geral, são retratados na faculdade de maneira primordialmente teórica, com menos atenção à prática e à técnica audiovisual. É comum ouvirmos de Fernando Favaretto, nosso diretor, que “ninguém é uma página em branco”, que podemos chegar àquele ambiente de trabalho com pouco

conhecimento técnico, mas que contribuímos com nossas vivências, com nossas experiências prévias, não somente acadêmicas, mas também pessoais. Acredito que é isso o que se pode observar no espaço de uma TV universitária como a UFRGS TV, pois as pessoas que por ali passam já estão em processo de construção de suas histórias e também compartilham ideias através da produção de programas ou, até mesmo, de simples conversas mantidas no dia-a-dia:

> A UFRGS TV tem uma preocupação com uma informação que seja produzida, mediada, sugerida e assumida pelos estudantes, acreditando que eles são capazes de pensar sua prática profissional e seu compromisso ético e político de modo a produzir conteúdo de qualidade na mesma proporção em que produzem os próprios caminhos, por meio dos quais trilham uma transformação de si, da qual podem e devem ser os protagonistas (FAVARETTO, 2018, p. 64).

Em termos de estrutura, por sua vez, a UFRGS TV não possui espaço ou estúdio próprio. Trabalhamos em duas salas cedidas no prédio da Rádio da Universidade. Em uma das salas, destinada à parte de produção, temos uma mesa que comporta notebooks, na qual realizamos pesquisas, construímos pautas e fazemos um primeiro contato com as fontes, seja por e-mail ou telefone. Nessa mesma sala, guardamos boa parte dos equipamentos, como câmeras, tripés, fones de ouvido, microfones, baterias, cabos de áudio, rebatedores de luz, entre outros. Já a segunda sala é destinada ao processo de edição dos programas. Nesse espaço, contamos com computadores, as chamadas “ilhas de edição”. Mesmo com espaço reduzido, conseguimos nos organizar adequadamente em um sistema de turnos e horários, de forma que as/os vinte bolsistas só estão no local, ao mesmo tempo, uma vez por mês, quando realizamos nossas reuniões gerais.

Além disso, boa parte do trabalho jornalístico é realizado em externas, sejam elas nos campi da UFRGS ou em outros locais de Porto Alegre e da região metropolitana, a depender de cada gravação. A ideia é mostrar a universidade não somente através das falas de entrevistadas/os, mas também visualmente, através de seus ambientes internos e externos: salas de aula, corredores, diretórios acadêmicos, auditórios, lanchonetes, pátios e jardins, museus e palcos, afinal de contas, todos esses espaços compõem a UFRGS e são também compostos e (trans)formados pelas pessoas que nela circulam.

4 *LUGAR DE MULHER* E SUAS DIFERENTES POSSIBILIDADES: OLHARES SOBRE UMA REALIDADE AINDA DESIGUAL

Após entendermos o contexto de criação da televisão universitária brasileira e conhecermos, especificamente, a proposta de atuação da Unidade Produtora de TV da UFRGS, a UFRGS TV, podemos chegar ao estudo do programa que é nela produzido e que é foco da análise deste trabalho: o *Lugar de Mulher*. O *Lugar de Mulher* nasceu em um contexto mais amplo do que o da TV universitária, através de uma parceria com o Instituto de Física da UFRGS, que já contava com professoras interessadas em refletir sobre a desigualdade de gênero existente no meio no qual elas exercem sua profissão.

Neste capítulo, constrói-se uma base histórico-reflexiva sobre o contexto de criação do programa, a sua proposta e os seus objetivos no decorrer da produção, que completa seis anos agora em 2019. Para esse resgate, foram realizadas entrevistas com quem estava envolvida/o nessa concepção, a fim de refletir sobre as motivações que resultaram nas seis temporadas de programas produzidas até então.

4.1 O PROJETO *MENINAS NA CIÊNCIA* E A SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O SURGIMENTO DO PROGRAMA *LUGAR DE MULHER*

O projeto de extensão *Meninas na Ciência* teve início no final de 2013, com o objetivo principal de atrair meninas, ainda em idade escolar, para carreiras nas áreas de ciências exatas e tecnologia, áreas que são compostas, majoritariamente, por homens, estejam eles nas salas de aulas das universidades ou já no mercado de trabalho. Essa observação acerca da desigualdade de gênero no meio científico partiu da vivência de docentes do Instituto de Física da UFRGS (IF-UFRGS) e de sua participação em projetos de extensão da universidade, que trocavam experiências e formação didático-científica com professores e estudantes de escolas estaduais.

Daniela Pavani (2019)[4], professora do IF-UFRGS e diretora do Planetário da mesma universidade, recorda que a gênese de tudo está em um programa de ciência móvel, desenvolvido

[4] Entrevista concedida por PAVANI, Daniela. Porto Alegre, 2019. A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice A deste TCC.

há vinte anos pelo Departamento de Astronomia da universidade, o Observatório Educativo Itinerante. Com ele, viaja-se o interior do estado do Rio Grande do Sul, a fim de realizar oficinas para professoras/es e estudantes, além de atividades ligadas à astronomia tanto em escolas quanto em outros locais públicos. A professora, que atua no programa desde o período em que era estudante de pós-graduação, destaca a experiência de ter contato direto com a população e com as escolas e percebe, desde então, as desigualdades de gênero construídas já a partir da idade escolar. Além disso, para ela, o engajamento das crianças com as atividades diminuiu com o avançar da idade:

> Quando a gente ia lidar com estudantes, as crianças de séries iniciais eram cheias de perguntas, sem vergonha de perguntar, perguntas até difíceis de responder, meninos e meninas 'super' empolgados. Na medida em que vão passando os anos na etapa escolar e essas crianças vão se tornando jovens, além de um comportamento geral de perder um pouco de interesse ou de perder a naturalidade em fazer perguntas - acho que muito tem a ver com a nossa escola que acaba não incentivando esse protagonismo – além disso, a gente percebe uma queda maior ainda na participação das meninas (PAVANI, 2019).

Dessa forma, a partir da vivência das professoras do IF-UFRGS de serem mulheres na ciência e do debate que já havia no início da década sobre questões de gênero e feminismo, a ideia de um projeto que focasse nas jovens meninas, que poderiam ser cientistas no futuro, tornou-se latente e se consolidou em 2013, com o lançamento do *Edital MCTI/CNPq/SPM-PR/Petrobras nº 18/2013 - Meninas e Jovens Fazendo Ciências Exatas, Engenharias e Computação* que, conforme exemplifica a sua chamada pública, buscou

> selecionar propostas para apoio financeiro a projetos que visem estimular a formação de mulheres para as carreiras de ciências exatas, engenharias e computação no Brasil, combatendo a evasão que ocorre principalmente nos primeiros anos destes cursos e despertando o interesse vocacional de estudantes do sexo feminino do Ensino Médio e da Graduação por estas profissões e para a pesquisa científica e tecnológica (CNPq, 2013).

Conforme relatam Carolina Brito, Daniela Pavani e Paulo Lima Jr. (2015), o projeto *Meninas na Ciência* foi contemplado pelo edital e passou a ser desenvolvido já em 2014, em parceria com a Escola Estadual Alberto Torres, na periferia de Porto Alegre. Entre as ações realizadas, estavam visitas da escola ao Instituto de Física da UFRGS; mostra de painéis de Astrofísica na escola; curso de formação aos professores e às professoras; encontros e debates

regulares na escola; curso de defesa pessoal para meninas e mulheres; feira de ciências na escola; observação noturna com telescópios, aplicação de questionários e produção de vídeos da série *Lugar de Mulher*, produção esta que será foco de análise no decorrer deste e dos próximos capítulos. Entre os resultados, por exemplo, a aplicação de questionários buscou dados sobre o interesse ou não de meninas e meninos pela ciência:

> (...) os resultados apontaram que o interesse médio dos adolescentes pela ciência é particularmente baixo. (...) entre os temas de Física, os tópicos de Astrofísica são os que mais despertam interesse dos alunos (saber por que motivo o céu é azul, por exemplo). Em particular, esses tópicos eram mais bem pontuados entre as meninas, demonstrando que (ao menos no contexto de investigação adotado), a Astronomia é via estratégica para despertar o interesse científico de meninas de classes populares em idade escolar (BRITO; LIMA Jr; PAVANI, 2015, p. 41).

Responderam ao questionário alunas e alunos do oitavo ano do Ensino Fundamental ao terceiro ano do Ensino Médio da escola. O modelo de questionário utilizado foi o ROSE – "*The Relevance of Science Education*", em português, "A Relevância da Educação em Ciências"– projeto internacional desenvolvido por pesquisadores da Universidade de Oslo, na Noruega, que busca conhecer o interesse de jovens pelas áreas de Ciência e Tecnologia. Segundo Helenadja Pereira, Ana Santos-Gouw e Nelio Bizzo (2009), no Brasil, o questionário também já foi aplicado com, pelo menos, 600 estudantes em dois municípios dos estados de São Paulo e Mato Grosso, a partir de pesquisa realizada pela Universidade de São Paulo (USP). A análise revelou que, em geral, os estudantes brasileiros não possuem grande interesse na carreira de cientista, seja porque ela é, de alguma forma, estigmatizada ou porque os jovens não conhecem referências de cientistas no país.

Além dos dados obtidos na prática, a partir da integração universidade-escola, também se buscou embasamento teórico em pesquisas realizadas sobre o tema da desigualdade de gênero. Um desses estudos, destacado em entrevista pelas professoras Carolina Brito e Daniela Pavani (2019), foi publicado em artigo pela revista estadunidense *Science* e concluiu que meninas, aos seis anos de idade, já tendem a se considerar menos inteligentes do que os meninos. Através de experiências, Lin Bian, Sarah-Jane Leslie e Andrei Cimpian (2017) examinaram, nos Estados Unidos, a trajetória de desenvolvimento de estereótipos de gênero em 400 crianças com idades entre cinco e sete anos. Em um primeiro momento, as crianças ouviam uma história sobre uma

pessoa que era “realmente muito inteligente”. A partir dela, elas deviam identificar, em fotos de homens e mulheres, quem poderia ser essa pessoa. Aos cinco anos, as crianças escolheram fotos de pessoas que correspondiam ao seu próprio gênero (meninas escolheram mais fotos representativas de mulheres, meninos escolheram mais fotos de homens). Já com seis ou sete anos, ou seja, com somente um ou dois anos a mais de escola e convívio social, as meninas escolheram mais fotos de homens como a representação de uma pessoa “considerada inteligente”.

Já em outra experiência, as crianças deviam escolher entre dois tipos de jogos: o primeiro detinha a descrição “*para crianças que são realmente muito inteligentes*”; o segundo era feito “*para aqueles que realmente se esforçam*”. Aos cinco anos, meninas e meninos escolheram o primeiro jogo. Já aos seis ou sete anos, enquanto os meninos permaneceram com a mesma opção, as meninas, em geral, optaram pelo segundo jogo, para “pessoas esforçadas”. Sobre os resultados, as pesquisadoras e o pesquisador concluíram que:

> É importante testar se essas descobertas ultrapassam o contexto cultural estadunidense, majoritariamente branco e de classe média (no qual a pesquisa foi feita), a fim de investigar, em sua totalidade, as origens do estereótipo "inteligência = homens” nos ambientes nos quais as crianças circulam. Mesmo assim, os resultados presentes sugerem uma séria conclusão: muitas crianças, em idades iniciais, assimilam a ideia de que a inteligência é uma característica masculina. Esse estereótipo começa a moldar os interesses das crianças logo que é adquirido por elas e, portanto, é provável que limite a variedade de carreiras que elas um dia vão considerar (tradução[5] e parêntesis meus).

4.2 O PROGRAMA *LUGAR DE MULHER*: FORMATO E PROPOSTA

Ao se avaliar essas experiências e pesquisas sobre desigualdade de gênero, percebe-se a necessidade de inclusão feminina nas áreas científicas do conhecimento, diante de estereótipos que limitam suas possibilidades desde a infância. Para se refletir sobre esse contexto, faz-se necessário ir além do ambiente acadêmico-escolar, chegando a outras meninas, de localidades e realidades diversas, através de outras formas de comunicação. Nesse sentido, pode-se ampliar as

[5] Tradução livre realizada a partir do seguinte trecho original, escrito em inglês: “It will be important to test whether these findings extend beyond a middle-class, majority-white U.S. cultural context and to comprehensively investigate the sources of the “brilliance = males” stereotype in children’s environments. Nevertheless, the present results suggest a sobering conclusion: many children assimilate the idea that brilliance is a male quality at a young age. This stereotype begins to shape children’s interests as soon as it is acquired and is thus likely to narrow the range of careers they will one day contemplate” (BIAN; LESLIE; CIMPIAN, 2017, p. 391).

possibilidades de divulgação e reflexão com o uso de recursos audiovisuais, que mostram as mulheres em seu ambiente de estudo e trabalho, fazendo ciência e exercendo atividades que, historicamente, foram (e, de certa forma, ainda são) consideradas masculinas. Assim como ressalta Pavani (2019),

> Parecia muito clara a necessidade de exemplos, de apresentar aos jovens – e especialmente às meninas – exemplos de mulheres que, apesar das dificuldades, tivessem tido sucesso na carreira, apresentar as ciências como algo interessante, (...) criando um ambiente empolgante, também com atividades específicas para as meninas. Alguns estudos já apontavam que ter alguns espaços em que elas são protagonistas auxiliavam a aumentar a autoestima, a se sentirem mais seguras para ir a um ambiente que tivesse meninos (PAVANI, 2019).

É nesse contexto de busca por exemplos que surge o programa *Lugar de Mulher* – ligado ao projeto de extensão *Meninas na Ciência* – com a proposta de destacar depoimentos de meninas e mulheres atuantes nas áreas das ciências exatas, que refletem sobre suas trajetórias pessoais e profissionais e sobre as percepções de desigualdade de gênero observadas nesses percursos. Para além de um espaço para falar sobre a profissão que escolheram, as entrevistadas repercutem situações de machismo, de preconceitos diversos e de oportunidades desiguais em relação aos seus colegas de escola, de universidade, de trabalho.

O programa foi criado paralelamente às atividades do *Meninas na Ciência* nas escolas e na universidade, como uma outra forma de falar sobre temas que não são contemplados pelo modelo tradicional de sala de aula. Assim, seu formato é pensado com o intuito de aproximar diferentes pessoas do debate, mas especialmente meninas dos ensinos básico e médio, jovens que estão na escola, envolvidas em processos de escolhas profissionais e de entendimento sobre o mundo e sobre o que as interessa aprender ou entender sobre ele. Nesse momento, faz-se necessário mostrar que a carreira científica é uma possibilidade para elas e que a presença de mulheres nas áreas de ciências exatas – como computação, química, física, matemática e engenharias – também pode ser uma realidade.

A partir de uma conversa entre a professora Daniela Pavani, o funcionário Walberto Chuvas (da área de projetos de extensão do Instituto de Física da UFRGS) e os funcionários da

UFRGS TV Gabriella Scott (jornalista) e Fernando Favaretto (diretor da TV e jornalista), fundamenta-se então a proposta do programa no início de 2014, a fim de colocar no ar o primeiro episódio no mês de março daquele ano, mês conhecido por um maior debate de questões de gênero a partir do Dia Internacional da Mulher. Pensou-se nessa parceria com uma TV universitária, que possui como principal meio de divulgação o canal no YouTube, a fim de que o conteúdo ali produzido tivesse um público e uma vida útil maior ao ser disponibilizado na Internet. As características do programa foram, portanto, definidas de acordo com seu público-alvo e sua proposta:

i) duração: um programa mais curto, que contasse a trajetória de uma mulher em um formato semelhante a um perfil, com foco na fala da entrevistada. Em geral, a duração é de cerca de cinco minutos, apesar de alguns episódios chegarem a sete ou nove minutos, principalmente em programas onde há mais de uma entrevistada;

ii) número de entrevistadas: normalmente, os programas possuem somente uma entrevistada, porém há casos de mais de uma fonte por vez, os quais apareceram ao longo da produção, através da sugestão da própria entrevistada ou das escolas, empresas e coletivos que visitamos. A fim de não perder o formato mais conciso e de, ainda assim, conseguir captar boa parte da fala de cada menina ou mulher, estabeleceu-se em três pessoas o número máximo de entrevistas por programa;

iii) passagem da repórter: passagem é o nome dado ao momento em que a repórter surge no vídeo, seja para introduzir ou exemplificar um assunto ou complementar a fala das fontes entrevistadas ao longo de um conteúdo produzido para televisão. No caso do *Lugar de Mulher*, a repórter fala somente em um primeiro momento, ainda no início do vídeo, com o intuito de apresentar e contextualizar a fonte que será, a partir daí, o foco do conteúdo;

i**v) trilha sonora:** outro aspecto a ser destacado no formato consiste na opção por usar trilha ao longo de todo o programa. Em geral, formatos jornalísticos mais fechados e formais não utilizam ou, quando optam por ela, as escolhas costumam ficar em músicas instrumentais mais sóbrias. Já o *Lugar de Mulher*, apesar de repercutir temas sérios, como a desigualdade de gênero vivenciada por suas entrevistadas, busca retratar essas questões de forma convidativa e que

aproxime as jovens do tema. Por isso, instrumentais de músicas “pop” ou eletrônicas costumam ser utilizados;

v) imagens de cobertura: o programa é composto, primordialmente, pela fala da entrevistada, coberta por imagens de ilustração da mesma, seja interagindo em seu ambiente de trabalho e estudo, seja conversando com colegas ou com a própria repórter. Essa variação de enquadramentos confere dinamismo ao vídeo e auxilia a contar a história daquela menina ou daquela mulher também através das imagens. Fotos de arquivo pessoal da entrevistada também são opções de imagens adotadas.

Gabriella Scott (2019)[6], ressalta essa produção de imagens, realizada através do deslocamento da equipe da UFRGS TV até os locais de atuação dessas meninas-mulheres:

> Salvo raras exceções, a gente sempre fez imagens no local de trabalho ou de estudo dessas pessoas. A gente também viajou pelo estado, não ficamos só em Porto Alegre. Fizemos vários IFs (Institutos Federais), isso também foi bem legal, de conhecer outros lugares, a gente foi até essas mulheres mostrar esses lugares. O formato tem a ver com isso também, utilizar de cenário, de pano de fundo a vivência e o lugar dessas mulheres, não só social e simbólico, mas físico também (SCOTT, 2019).

Entre as raras exceções de ausência de imagens de cobertura, mencionadas por Scott, estão os casos de entrevistas obtidas com mulheres de fora do estado ou até mesmo de outro país, que vieram brevemente a Porto Alegre e, por isso, a equipe não obteve tempo disponível para as imagens. Quanto às viagens, elas se concentraram principalmente no terceiro ano de produção do programa, conforme será aprofundado no capítulo seguinte, de análise dos episódios. Naquele ano de 2016, conversamos com meninas das cidades gaúchas de Charqueadas, Novo Hamburgo, Pelotas e Santa Maria, conhecendo um pouco da vivência dessas entrevistadas para além do dia-a-dia das moradoras da capital do estado.

---

[6] Entrevista concedida por SCOTT, Gabriella. A jornalista coordena e auxilia na criação dos programas da série *Lugar de Mulher* desde o seu início. Porto Alegre, 2019. A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice B deste TCC.

4.3 DAS POSSIBILIDADES CRIADAS A PARTIR DA ESCUTA ENTRE MULHERES

É interessante perceber que, naturalmente, o *Lugar de Mulher* tornou-se uma via de mão-dupla de protagonismo para as meninas e mulheres participantes, à frente e atrás das câmeras. Em um primeiro momento, pode-se olhar para quem está à frente delas, para as mulheres que se dispuseram a contar um pouco de suas histórias e refletir sobre como esses percursos não estão dissociados das relações desiguais estabelecidas entre homens e mulheres. O diretor da UFRGS TV Fernando Favaretto (2019)[7] salienta a importância de o formato do programa reverberar a voz dessas mulheres, ainda mais em um contexto universitário de produção de conteúdo, voltado para jovens que estão em processo de escolha de suas carreiras:

> A gente entendia que uma menina de Ensino Médio ou de Educação Básica, que vê uma mulher falando com propriedade sobre algo que faz - e faz bem - e que influencia e provoca mudanças, seja no trabalho, na universidade, na vida em geral - aquilo poderia ser mais impactante do que se fosse narrado por uma terceira pessoa, por exemplo. Então, a ideia de centralizar na entrevistada, na fonte, é um pouco isso. É mostrar que ela pode falar, também porque estamos falando de silenciamento de mulheres ao longo da história. Então, a gente quer desconstruir um pouco essa forma de trabalho e de relação entre homens e mulheres. Nada mais justo de que elas falem (FAVARETTO, 2019).

Em um segundo momento, quando direcionamos nosso olhar para quem está atrás das câmeras, pode-se observar a atuação das meninas da UFRGS TV em todas as etapas do fazer jornalístico – seja na produção, captação de imagens, entrevista ou edição dos programas, situação que surgiu naturalmente, desde a primeira temporada, em 2014, e que segue até os dias de hoje. Em nenhum instante, os meninos foram proibidos de participar, alguns inclusive já atuaram enquanto cinegrafistas de alguns episódios. No entanto, foi uma reação espontânea de identificação das meninas, fazendo-as participar inteiramente do processo. Mesmo quando há meninos na equipe, eles atuam na captação de imagens. A produção e a entrevista são sempre de responsabilidade de uma repórter. Há todo um trabalho de pesquisa, de construção de pauta, de contato prévio com as fontes, de conversas que antecedem a gravação e que estabelecem, pouco a pouco, o diálogo entre quem vai entrevistar e quem vai ser entrevistada. Scott (2019) repercute

[7] Entrevista concedida por FAVARETTO, Fernando. Porto Alegre, 2019. A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice C deste TCC.

essa interação com uma equipe feminina nos bastidores de um programa como esse, que fala de questões de gênero:

> Com certeza, encoraja e deixa mais à vontade. A gente já escutou várias histórias que acabaram não indo para o programa final, por uma questão ética de tentar preservar as meninas, e também já ouvimos muitas histórias em *off* (com a câmera desligada). Nos momentos em que estamos montando ou desmontando material, a gente se torna muito próxima dessa fonte porque ela se abre muito com a gente em vários sentidos. Ela está falando 'bah, eu sofri preconceito e tive um professor que virou para mim e falou tal coisa'. (...) A gente puxa a pontinha do fiozinho ao chamar as meninas pras áreas das exatas, mas ao 'desnovelar' o novelo, tem muitas camadas. Então eu acho que (é importante) ter uma equipe, em primeiro lugar, muito empática e receptiva (SCOTT, 2019).

Pensando nas demais atividades que o projeto *Meninas na Ciência* realiza nas escolas, a professora Carolina Brito (2019)[8] também entende essa proposta de criar momentos e ambientes somente para mulheres como uma forma de encorajá-las, inclusive para as demais situações do cotidiano, nas quais os meninos também estarão presentes:

> Lá no *Meninas na Ciência*, fazemos algumas ações só com meninas. E tem um momento em que, sim, é importante pras meninas porque, ao chegar a um ambiente com homens, eles, em média, têm uma autoconfiança maior. Acho que ter um momento em que estão só as meninas é muito interessante porque elas se sentem mais à vontade de conversar, de se empoderar. É uma pauta feminina em que, por mais que o homem possa estar engajado, ele não sente, ele não vive (o que elas viveram). O ambiente já te faz entender algo como "estamos todas juntas" (BRITO, 2019).

Dessa forma, o programa adquire significado para todas as mulheres nele envolvidas, para quem fala e para quem escuta. Se as entrevistadas sentem-se mais confortáveis para conversar conosco, posso dizer que, enquanto produtora do *Lugar de Mulher*, enquanto quem estava do lado de escuta, a experiência também me trouxe novas perspectivas sobre o meu dia-a-dia de trabalho, sobre a forma como me enxergo e sobre como observo a opinião de diferentes pessoas em relação ao meu trabalho. A cada nova gravação, as entrevistadas destacavam a equipe inteiramente feminina que chegava para dialogar com elas. No mínimo, havia uma exclamação a respeito dessa configuração: 'Olha, só meninas na equipe!'. E é interessante lembrar que o

[8] Entrevista concedida por BRITO, Carolina. Porto Alegre, 2019. A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice D deste TCC.

comentário vinha acompanhado de um sorriso. Outras olhavam para seus colegas de trabalho e falavam: ‘Vou ali conversar com as meninas. Já volto!’. O fato de estarmos ali não só enquanto repórteres, mas também enquanto cinegrafistas – que carregam câmeras de vídeo, tripés, cabos e microfones, que montam e desmontam equipamentos – enfim, a atuação da equipe era motivo de reconhecimento e valorização.

Nesse sentido, a partir de minhas reflexões sobre o ambiente de criação e gravação do programa, o presente trabalho busca ampliar essas percepções ao entrevistar novamente meninas e mulheres que participaram do *Lugar de Mulher*, a fim de perceber de que forma essa experiência repercutiu em cada uma. Além disso, como há uma via de mão-dupla, uma relação estabelecida entre as entrevistadas e as estudantes-produtoras do programa, as bolsistas da UFRGS TV também foram ouvidas com o intuito de entender o protagonismo delas nesse contexto. A percepção de cada uma pode nos fazer entender como foi estabelecido o diálogo jornalista-fonte entre as mulheres participantes da produção.

5 PERCURSO METODOLÓGICO: OBSERVAR PARA ENTENDER, ANALISAR PARA REFLETIR

Por mais que o percurso metodológico já possa estar, de certa forma, presente nos capítulos anteriores, através das entrevistas realizadas com quem participou do programa *Lugar de Mulher* – desde as pessoas que estiveram presentes na sua criação até as mulheres entrevistadas ou produtoras do programa – este capítulo é o espaço principal reservado para a metodologia do trabalho, dividido em duas frentes: i) as experiências das mulheres participantes, atrás e à frente das câmeras, e as respectivas reflexões obtidas a partir dos processos de **observação participante** das gravações e **(re)entrevistas** com quem participou do programa; ii) a **análise de conteúdo** produzido a partir dos programas da série *Lugar de Mulher*, com base na teoria e nas técnicas de Laurence Bardin (2011).

Assim, se nos capítulos anteriores, as entrevistas já eram importantes para que fizéssemos um percurso histórico do nosso objeto de estudo, a partir de agora, as meninas e mulheres entrevistadas auxiliam a minha construção reflexiva do que significou a participação de cada uma delas (e a minha também) na produção do programa. Revisitar as experiências delas (e a minha) é uma forma de ir além da mera coleta de dados e da busca por estatísticas sobre o tema da desigualdade de gênero, abordagem igualmente necessária.

Contudo, no caso deste trabalho, o estudo qualitativo, através de entrevistas semi-estruturadas, busca, como salienta Jorge Duarte (2005), “a aprendizagem por meio da identificação de riqueza e diversidade, pela integração das informações e síntese das descobertas”, não o “estabelecimento de conclusões precisas e definitivas” (DUARTE, 2005, p. 63). Essa é a proposta das entrevistas feitas, as quais possuíam um roteiro de perguntas, mas que proporcionava abertura para que as meninas e mulheres acrescentassem o que mais fosse importante para elas. Da mesma maneira, em algumas das produções analisadas, também estive presente, enquanto produtora, repórter ou cinegrafista. Assim, pude refletir sobre as possibilidades de uma pesquisa participante, de me inserir enquanto pesquisadora e observadora das situações que vivenciei. Como enfatiza Cicilia Peruzzo (2005), “a pesquisa participante pode se originar do interesse da/o investigador/a ou de um grupo que objetiva conhecer melhor seus processos de comunicação” (PERUZZO, 2005, p. 137).

Ao longo dos últimos meses, portanto, pude ouvir 23 mulheres que participaram do programa, dezesseis delas foram ouvidas enquanto fontes, cinco delas atuaram enquanto estudantes-jornalistas e as duas últimas foram as professoras envolvidas no processo de criação do programa. Acredito que essa escuta muito me auxilia a reinterpretar e reconstruir a trajetória do *Lugar de Mulher*, através dos relatos aqui colhidos.

Após refletirmos sobre as escolhas metodológicas, este capítulo busca evidenciar e estudar o *corpus* da pesquisa, ou seja, os programas escolhidos para a análise. Aqui estão os procedimentos adotados nesse percurso, com o intuito de responder a pergunta-problema selecionada no início do presente trabalho: "*de que maneira a presença de mulheres – nas diferentes etapas de produção do programa Lugar de Mulher, à frente e atrás das câmeras – pode resultar ou não em produções jornalísticas mais inclusivas e reflexivas sobre a presença das mesmas no mercado de trabalho?*". Partimos do método proposto por Bardin (2011), a Análise de Conteúdo (AC), que se organiza em três fases principais: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados (através de inferências e interpretações).

5.1 A PRÉ-ANÁLISE

A pré-análise funciona como uma fase de organização e busca sistematizar as ideias e escolhas iniciais da pesquisa. Conforme sustenta Bardin (2011), essa primeira etapa contempla "a *escolha dos documentos* a serem submetidos à análise, a formulação das *hipóteses* e dos *objetivos* e a elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação final" (BARDIN, 2011, p. 125). Essa é uma atividade mais abrangente e aberta, de observação e reunião de material.

Assim como foi mencionado no quarto capítulo, o *Lugar de Mulher* está em seu sexto ano de produção, com cerca de dez episódios produzidos por ano. Normalmente, a sua frequência de realização é de um programa produzido a cada mês (com exceção dos meses de janeiro e fevereiro, período de férias em que diminui a expectativa de público que assiste às produções da UFRGS TV). Até o momento da seleção dos programas para análise, em janeiro de 2019, já estava no ar um total de 51 programas. A fim de buscar um recorte que auxiliasse na

representação de um histórico da produção, optou-se pela escolha de doze programas como objeto de pesquisa, dois a cada ano.

A forma como o *Lugar de Mulher* é produzido também se reflete nessa escolha. A cada novo ano de produção, as professoras do Instituto de Física da UFRGS Carolina Brito e Daniela Pavani costumam se reunir com a equipe da UFRGS TV, no início do primeiro semestre, a fim de buscar um tema-chave que servirá de direção para a busca das mulheres a serem entrevistadas. Em geral, a temática diz respeito a quem queremos entrevistar na temporada em questão, através de fontes que tragam perspectivas e vivências diversas.

5.2 A EXPLORAÇÃO DO MATERIAL: OLHARES SOBRE O DIÁLOGO-JORNALISTA FONTE

A partir da formação do corpus, constituído por doze programas, podemos chegar a algumas conclusões. Para isso, avançaremos para a exploração do material. Em uma breve análise das temporadas do programa, podemos entender um pouco das abordagens escolhidas anualmente. Em 2014, primeiro ano de produção, o tema direcionou-se às **mulheres cientistas com carreiras já estabelecidas**. Era uma "porta de entrada" para mostrar exemplos que inspirassem meninas em idade escolar a perseguirem profissões nas áreas de ciências exatas. Em 2015, nossas fontes foram **mulheres universitárias**, ainda na construção de suas carreiras, seja em etapa de graduação, mestrado ou doutorado nas áreas relacionadas à Ciência e à Tecnologia. Já em 2016, na terceira temporada do programa, as entrevistadas foram **meninas do ensino médio ou profissionalizante**, que se destacaram em feiras de ciências e/ou olimpíadas científicas, e **meninas universitárias graduandas**. Em 2017, por sua vez, as questões raciais e de identidade de gênero foram foco de análise, através de entrevistas com **mulheres negras e transexuais**, fossem elas cientistas, estudantes ou professoras. Em 2018, a quinta temporada possuiu dois focos principais: **mulheres empreendedoras** e a **atuação feminina através da formação de coletivos**. Por fim, neste ano de 2019, a temporada retratou a **relação estabelecida entre professoras orientadoras e suas alunas orientandas**. Porém, como o corpus dessa pesquisa foi formado em janeiro, antes que essa temporada tivesse início com um novo semestre letivo, os dois últimos programas a serem analisados foram ao ar em janeiro e fevereiro deste ano

(um deles corresponde à temática do ano anterior e o outro corresponde a uma pauta que surgiu nas férias, a partir das leituras de uma das estudantes-produtoras da UFRGS TV).

Ao realizar a análise sob a ótica defendida por Bardin (2011), observo esses recortes temáticos como as minhas "unidades de registro e de contexto" que serão levadas em consideração no momento de explorar e investigar o material coletado, ou seja, os doze programas selecionados para estudo. A unidade de registro "é a unidade de significação codificada e corresponde ao segmento de conteúdo considerado unidade de base, visando a categorização (BARDIN, 2011, p. 134).

Assim, a cada ano, teremos dois programas analisados que, de certa forma, possuem um fio condutor, um tema-chave. Além desses temas-chave, é importante salientar que cada entrevista possui **subtemas** que são, de maneira geral, abordados com as respectivas entrevistadas em todo programa. Já que estamos falando da escolha profissional dessas mulheres e de como essa escolha ainda é considerada socialmente inovadora, as perguntas envolvem, prioritariamente, as etapas da trajetória dessa mulher até o presente momento da entrevista. Nesse sentido, temos como **perguntas iniciais das entrevistas**: **i)** como se deu a sua escolha profissional? De onde surgiu seu interesse pela área?; **ii)** como foi a sua trajetória enquanto estudante e o que você gostaria de destacar da mesma?; **iii)** até que ponto você conviveu com mulheres ao longo dessa trajetória?; **iv)** qual é a importância de mulheres ocuparem esses espaços?; **v)** qual é a importância de se debater temas sociais como a desigualdade de gênero, seja na escola, na universidade ou nos ambientes de trabalho?; **vi)** o que você diria para outras meninas que têm vontade de seguir carreira nas ciências exatas?; **vii)** para você, existe um lugar de mulher?.

Essas foram as perguntas que nos guiaram na realização das primeiras pautas do programa e que, de certa forma, ainda são realizadas nos programas mais recentes. Ainda assim, desde o segundo ano de produção do programa, quando começamos a ouvir meninas mais jovens, as perguntas seguiram outros rumos, destacando o presente daquela menina, através dos gostos pessoais dela e de quais projetos ela participa, seja na escola ou na universidade. Isso se consolidou no terceiro ano de produção, quando foram ouvidas meninas em idade escolar. Para além de um jornalismo focado em fontes oficiais e em especialistas com carreiras consolidadas, acredito que o *Lugar de Mulher* passou a entender que o que importava naquele conteúdo

produzido eram as histórias variadas de diferentes meninas e mulheres. Para isso, era importante compreender que meninas jovens também possuem ideias e saberes para compartilhar, através de suas respectivas subjetividades. Considero que seja este o cerne da produção do programa, a busca por um *jornalismo de subjetividade*.

Para a defesa de minha ideia, busco amparo nos estudos das jornalistas e professoras Fabiana Moraes e Marcia Veiga da Silva (2019). Em artigo recente sobre a presença da subjetividade no jornalismo, elas uniram as pesquisas que já realizavam individualmente sobre o tema. Em suas análises, elas observam como a construção de um jornalismo calcado em uma objetividade dominante e na busca por neutralidade contribuiu para transformar as diferenças sociais existentes em desigualdades. Isso ocorre a partir de uma necessidade de se impor dualidades na produção de conteúdo jornalístico, como, por exemplo, o que são considerados fatos e o que são valores, o que é visto como objetivo e o que é subjetivo. A partir disso, um caminho para a desconstrução desses "modos redutores de representação perpetrados pela imprensa" consiste justamente no jornalismo de subjetividade:

> Nesta perspectiva, subjetivo e objetivo não se excluem, mas, antes de tudo, se complementam, apesar da maior legitimidade social conferida ao último. Desta forma, é preciso dizer que a subjetividade sobre a qual nos referimos neste jornalismo se situa em questões extremamente pertinentes e presentes no mundo sensível: na necessidade de observarmos posições de classe, gênero, geográficas, raciais e grupais dos jornalistas e daqueles que por estes são enquadrados; na obrigatoriedade de levar em conta a estrutura social circundante (em nosso caso, a brasileira, fraturada pelo classismo, pelo machismo e pelo racismo); na procura de um olhar miúdo para entender como essas questões se traduzem nas pessoas, em como são devolvidas ao mundo (...) (MORAES; VEIGA DA SILVA, 2019, p. 13 e 14).

Busco, com essa análise, me apropriar da presença da subjetividade no conteúdo jornalístico, ideias presentes também na estrutura do programa *Lugar de Mulher*, que procura reverberar a voz de mulheres cientistas, através de seu protagonismo, de suas experiências e histórias como fio condutor da narrativa audiovisual. Da mesma forma, não há como escrever essa análise sem ouvir novamente essas mulheres participantes do programa, que estiveram à frente e atrás das câmeras de cada gravação. A fim de entender como se deu essa experiência e de que forma ocorreu o diálogo jornalista-fonte, a partir de então, a análise também será complementada com as impressões das entrevistadas, a fim de entender um pouco de cada

programa (cada um dos doze selecionados) e de cada relação estabelecida entre as suas participantes.

5.2.1 O *LUGAR DE MULHER* EM SEU PRIMEIRO ANO

O programa Lugar de Mulher surge, no ano de 2014, conforme o histórico mencionado no capítulo anterior, com o objetivo de incentivar meninas e jovens mulheres a perceberem as áreas das ciências exatas como alternativas possíveis de carreira também para elas. Nesse primeiro momento, cientistas e pesquisadoras com trajetórias profissionais já em pleno desenvolvimento foram as mulheres entrevistadas, por servirem de exemplo e incentivo para as mais jovens. Entre as escolhas, estavam mulheres que trabalhavam dentro e fora da UFRGS, a fim de destacar quem tinha realizado percursos na academia ou para além dela.

Conforme relembra em entrevista a professora Daniela Pavani (2019), a ideia inicial foi apresentar a proposta do programa, ao convidar as fontes para participar, sem dizer exatamente o que as entrevistadas deveriam falar. Como foi dito no início deste capítulo, já no momento da entrevista, após um primeiro contato de pré-produção, tínhamos um tema-chave e algumas perguntas, que sugeriam assuntos a serem debatidos, em um formato aberto que permitia que cada mulher desenvolvesse a sua trajetória e as respectivas relações de gênero nela existentes, a partir da sua experiência, do seu cotidiano.

Mas o que era esperado desses discursos? No dia-a-dia de jornalista, é comum chegarmos a uma entrevista com certa expectativa. Normalmente, a fonte nos surpreende e desconstrói ideias e interpretações feitas previamente, antes do contato entre fonte e jornalista. E foi exatamente isso o que ocorreu com a equipe do *Lugar de Mulher* nessas primeiras gravações. Pavani (2019) recorda que a expectativa era de que as fontes falassem sobre seus percursos, mas também refletindo sobre as dificuldades existentes no caminho. Contudo, ao chegar a esse momento de reflexão, muitas dessas mulheres nunca tinham pensado sobre isso ou, então, nunca tinham associado seus percalços à desigualdade de gênero. A professora Carolina Brito (2019) também compactua das mesmas percepções:

> O que aconteceu no primeiro ano foi uma coisa interessante. Essas mulheres, em torno dos 40 e 50 anos, não aparecia no discurso delas a questão do machismo. Elas não percebiam, não tocavam no assunto. Era quase um tema inexistente. Aquilo ali retrata uma geração. É o retrato de uma geração que não enxergava o problema ou que sublimou o problema porque aceitá-lo pode ser dolorido. Tratar a questão das mulheres era só dizer 'eu existo aqui' (BRITO, 2019).

O ato de assistir às entrevistas de 2014 nos auxilia a perceber o contexto retratado pelas professoras, mas também pode nos fazer entender que a atitude de afirmar "eu existo aqui" já era plena de significado para as mulheres de cinquenta anos atrás. Talvez esse fosse o "feminismo" permitido a elas na época, nos locais onde elas exerceram as suas profissões. Os dois programas escolhidos para análise mostram perspectivas diferentes das entrevistadas.

5.2.2 PENSANDO O DIÁLOGO JORNALISTA-FONTE NOS PROGRAMAS (I)

Como ponto de partida para a reflexão, foi escolhida a **primeira gravação** de toda a série, realizada com a então diretora do Instituto de Física da UFRGS, Marcia Barbosa[9]. **O programa[10] foi ao ar no dia 7 de março de 2014.** Nele, a professora contou sua trajetória pessoal e profissional, desde a infância – quando observava o trabalho do pai eletricista – até a sua escolha pela Física. Ela relata ter percebido que estava no "lugar errado" ao entrar pela primeira vez em uma sala de aula do curso. Na sala, entre os quarenta alunos, só havia quatro meninas. Ela ainda reflete sobre sua experiência ao escolher permanecer em lugares onde não se esperava a presença de mulheres, onde não se reconhecia na mulher uma pesquisadora ou liderança científica.

---

[9] Entrevista concedida por BARBOSA, Marcia. Porto Alegre, 2019. A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice E deste TCC.

[10] O programa *Lugar de Mulher* com Marcia Barbosa pode ser assistido através do link: https://www.youtube.com/watch?v=IgoZE6frDy0.

FIGURAS 1 E 2

Fonte: YouTube/UFRGS TV. Frames copiados do vídeo do primeiro programa mostram Marcia Barbosa no momento da entrevista e, posteriormente, conversando com alunas/os no Campus do Vale da UFRGS.

Pensando em quem esteve atrás das câmeras nesse primeiro momento de programa, a jornalista da UFRGS TV Gabriella Scott foi uma das integrantes da equipe aqui ouvida. Scott (2019) esteve (e ainda está) presente na imensa maioria das gravações do *Lugar de Mulher*, seja na função de produção, na captação de imagens, na edição do conteúdo ou ajudando cada uma de nós, demais meninas da TV, através de conselhos e observações. Já com o programa de estreia, no qual foi produtora e editora, ela construiu uma memória pessoal:

> Na maioria das externas, eu fui porque faço questão, eu gosto, é um projeto que me incentiva muito. E a primeira entrevista, do primeiro *Lugar de Mulher* - com a Marcia Barbosa, diretora do Instituto de Física – que é uma mulher super engajada no tema, foi a primeira que eu fiz depois de formada na universidade. (...) e tenho muito orgulho e felicidade de lembrar, de ter esse marco. Foram dois momentos importantes, começar o *Lugar de Mulher* e ser essa a primeira entrevista depois de ter recebido o diploma (SCOTT, 2019).

Se Scott olha para o programa e enxerga um pouco (eu diria muito) de si naquela gravação, Marcia Barbosa (2019), ao ser indagada sobre a experiência de ser entrevistada para falar sobre sua trajetória profissional e sobre as questões de gênero nela presentes, observa o programa da mesma forma, como um momento de olhar para si e de refletir sobre si mesma:

> O *Lugar de Mulher* é um lugar de refletir. Mais do que contar para os outros, é contar para a gente mesma. Revisitar a vida da gente significa reviver, consolidar lembranças e compreender que o que somos hoje é uma construção que começa lá atrás, começa com cada experiência boa ou ruim que a gente sofreu. E que a gente só consegue chegar onde a gente está porque teve aquele momento de “lugar de mulher” (BARBOSA, 2019).

Em ambos os depoimentos, observo como cada mulher se vê representada naquele espaço, seja ao ouvir alguém ou ao falar com alguém. Quando penso nas entrevistas que fiz para o programa *Lugar de Mulher* e, agora no presente trabalho, as (re)entrevistas que fiz para a realização dessa pesquisa, muito me interessa que tipo de relação foi estabelecida entre as pessoas. Em geral, são momentos de cerca de meia hora de conversa, nos quais nos sentamos e ficamos ali, imersas naquele breve período. E depois, como fica? A comunicação foi estabelecida? O que cada uma sentiu? Não há como dizer que não há uma parcela de subjetividade em cada entrevista. Neste trabalho, porém, o que se busca entender é se a relação entre as mulheres fez a diferença naquele momento, para que a entrevistada pudesse falar sobre si.

Para falar sobre isso, Barbosa (2019) fez uma observação a respeito do conhecimento que é produzido na universidade e sua respectiva produção majoritariamente masculina ao longo da história:

> O que se aprende na universidade se aprende do conhecimento. O conhecimento é protagonizado por homens. Não é construído, ele é construído por homens e mulheres. Mas é protagonizado pelos homens, que dão o tom da forma e da interface com as pessoas. Isso que se aprende na universidade. As mulheres se adaptam a esse tom. Na medida em que tu ‘começa’ a juntar as mulheres, tu ‘quebra’ esse tom (BARBOSA, 2019).

Para a professora, é importante ter espaços somente com mulheres para que isso se torne “uma semente para o novo” e essa perspectiva se reflete na proposta do *Lugar de Mulher*, de colocar mulheres repórteres/cinegrafistas/produtoras conversando com mulheres entrevistadas sobre um tema que as diz respeito:

> Isso gera uma empatia muito maior. Mesmo que a repórter mulher nunca tenha sofrido nada, ela representa a possibilidade de ter sofrido. É muito complicado falar dessas coisas com os homens porque eles não sofreram. Tu não ‘sente’, no olhar, a empatia. Claro que haverá mulheres que não tem empatia. Claro que haverá homens que são empáticos, mas, na média, as mulheres serão mais empáticas a uma história delas porque vão conseguir se colocar no lugar com mais facilidade (BARBOSA, 2019).

O **segundo programa**[11] escolhido para a análise no ano inicial de produção, por sua vez, foi realizado com a professora Patrícia Pranke[12]. **Ele foi ao ar em 2 de maio de 2014.** Entre 2003 e 2005, a professora e pesquisadora de Genética foi uma das duas cientistas a auxiliar o governo brasileiro na elaboração da Lei de Biossegurança Nacional, que autorizou o estudo de células-tronco embrionárias humanas. No programa, Pranke relatou seu gosto por fazer pesquisa, pois é nela que observa a possibilidade de realizar descobertas que podem modificar o futuro da ciência. Além disso, ao refletir sobre a mulher ao longo do tempo, a professora percebe os diferentes papéis que cada uma de nós teve/tem de assumir – entre ser dona de casa, ser mãe e ser profissional. Para ela, esse acúmulo de funções da mulher não pode mais ser normalizado e é por isso que a divisão de tarefas entre homens e mulheres, realizada de forma mais igualitária, torna-se cada vez mais necessária.

FIGURAS 3 e 4

Fonte: YouTube/UFRGS TV. Frames copiados do vídeo do programa mostram Patrícia Pranke na entrevista e, posteriormente, em ação com alunas em laboratório da Faculdade de Farmácia/UFRGS.

Patricia Pranke foi uma das entrevistadas do ano que declarou no decorrer da entrevista a frase “Eu, sinceramente, nunca senti discriminação por ser mulher”. Enquanto pesquisadora, para mim, era interessante pensar em conversar com ela, mostrar o programa e ver até que ponto suas opiniões e vivências se modificaram ou não nos últimos cinco anos. Hoje, ao revisitar sua trajetória e a forma como ela a contou no programa, Pranke (2019) trouxe novas perspectivas para a questão:

---

[11] O programa *Lugar de Mulher* com Patricia Pranke pode ser assistido através do link: https://www.youtube.com/watch?v=6cdn2zvlVp0.

[12] Entrevista concedida por PRANKE, Patricia. Porto Alegre, 2019. A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice F deste TCC.

> A gente percebe que existem pessoas, do sexo masculino, que ainda têm uma tendência machista, mas muitas não. Isso deveria acabar porque, se for olhar, não existe essa discriminação do lado feminino. As mulheres não têm discriminação contra o homem. Ainda existem pessoas que têm certo preconceito de, por exemplo, serem chefiadas por mulheres. Eu, por exemplo, já vi o caso, mas era brincadeira, de uma pessoa que disse assim: 'Bah, é a primeira vez que tenho 'uma chefe' mulher, e eu gostei muito de ter uma chefe mulher porque sempre tive chefe homem. (...) Tu 'vê', a pessoa entendeu que era uma coisa diferente. Por que é diferente? Não poderia ser assim? (PRANKE, 2019).

Assim, logo no início da (re)entrevista, Pranke já trouxe um exemplo palpável de desigualdade de gênero, a questão da ascensão desigual de mulheres a cargos de chefia e liderança. É o que indica estudo realizado, em pleno ano de 2019, pela Ipsos, uma empresa europeia. Segundo a pesquisa "Atitudes Globais pela Igualdade de Gênero"[13] (tradução livre do inglês *Global Attitudes Towards Gender Equality*), no Brasil, aproximadamente três em cada dez pessoas (27%) admitem que se sentem desconfortáveis em ter uma mulher como chefe.

Já sobre a sua declaração, em 2014, sobre nunca ter sentido discriminação, a professora entende que se expressou mal ao tentar representar a forma como ela lida com situações de preconceito:

> A questão é que nunca deixei isso me atingir. Sempre levei isso na brincadeira e até esnobava isso. Acho que isso é uma atitude que inferioriza a pessoa. Uma pessoa que faz isso (de discriminar) diminui a sua pontuação numa escala de caráter. Então, eu nunca dei importância pra isso. Por isso, na primeira entrevista, eu disse 'eu acho que eu não senti discriminação', mas se você for ver, eu acho que todo mundo já passou, já viu isso. Pode até não ter acontecido exatamente contigo, mas você já viu. Uma coisa é você ver que existe, outra coisa é você não deixar aquilo te atingir, não deixar aquilo bloquear o teu caminho para frente (PRANKE, 2019).

Quando a questiono se a presença de mulheres nos bastidores da gravação pode fazer diferença no conteúdo produzido, Pranke (2019) acredita que sim, apesar de que, para ela, idealmente, essa questão de gênero não deveria importar:

> (...) já que o assunto é falar sobre mulher e sobre qualquer preconceito, há mulheres que poderiam se sentir inibidas em falar disso na presença de um homem que não conhece e que não tem intimidade para conversar. Isso me fez me sentir muito à vontade. Eu acho que faz diferença ser uma equipe de mulheres entrevistando mulheres, se esse é o foco. Isso não deveria importar, mas como as mulheres podem se sentir inibidas... Isso é tão provado já que, na própria Delegacia da Mulher, as mulheres que são agredidas são atendidas por outras mulheres. Não quer dizer que os homens que estão ali são

[13] A pesquisa pode ser conferida online através do link: https://www.ipsos.com/pt-br/dia-internacional-das-mulheres-pesquisa-global-advisor.

> machistas, mas é uma questão de a pessoa se sentir mais identificada com a pessoa a quem ela está relatando (PRANKE, 2019).

Assim, a cada entrevista, percebo o quanto a subjetividade de cada pessoa atua na formação de sentidos sobre determinado tema. Conforme ressalta Veiga da Silva (2010), a subjetividade da/o jornalista é central nos processos simbólicos de construção da notícia. E, aqui, acrescento a subjetividade das fontes que ouvi nesse processo: "é o elemento humano o primeiro a dar significado aos fatos sociais, a partir da forma como enxerga e reflete o mundo (VEIGA DA SILVA, 2010, p. 47)". Em um primeiro momento, cinco anos atrás, a professora Patricia Pranke não enxergou discriminação ao seu redor. Ao revisitar seu discurso hoje, ela já trouxe novas percepções consigo. Nesse mesmo sentido, em edições mais recentes do programa, já pude observar as meninas editoras conversando sobre falas semelhantes de entrevistadas e sobre a importância de não cortá-las do resultado final, a fim de que possamos refletir sobre até que ponto as pessoas realmente refletem sobre questões de gênero, quando, na verdade, estão imersas em contextos pessoais e de trabalho diversos, com visões de mundo variadas, com rotinas nas quais o assunto não foi tema de debate anteriormente.

5.2.3 O *LUGAR DE MULHER* EM SEU SEGUNDO ANO

Ao pensar a segunda temporada, a equipe da UFRGS TV e as professoras do Instituto de Física se depararam com o que tinham em mãos após um ano de programa, o fato de uma parcela considerável das entrevistadas não se dar conta do problema da desigualdade de gênero. Então surge a ideia de falar com mulheres da pós-graduação, que também já fizeram suas escolhas profissionais relacionadas às ciências exatas, mas que ainda estão, em geral, no início do percurso. Além disso, a proximidade etária maior com as meninas do Ensino Médio e da universidade, públicos-alvo do programa, também era um fator que favorecia a escolha e o processo de "uma menina se enxergar na outra". E a mudança geracional logo repercutiu nos discursos das entrevistadas, pois as pós-graduandas enxergavam dificuldades no caminho, como relata a professora Carolina Brito (2019):

> Quando a gente definiu o segundo ano, a gente disse 'bah, vamos falar sobre mulheres mais jovens', vamos trazer aquela questão da empatia do público. Aí fomos pras meninas do mestrado e do doutorado. Imediatamente, o discurso mudou. Elas reconheciam o problema, diziam que 'o lugar de mulher é onde elas quiserem estar'. É uma mudança geracional que, para mim, foi muito marcante (BRITO, 2019).

Nesse caso, acredito que é possível complementar a reflexão de Brito. Se a escolha por conversar com pós-graduandas aproximou o programa de seu público-alvo, o mesmo aconteceu na relação jornalista-fonte. Não é que não possamos nos aproximar de mulheres e pessoas de distintas idades, pois essa diferença não é um impeditivo para essa aproximação, a proximidade também acontece no reconhecimento das diferenças que todos temos. Contudo, o fato de você poder ver uma menina ou uma mulher mais nova em um papel de protagonista, em uma função de fonte jornalística, desconstrói um estereótipo de que só pode falar quem tem uma experiência maior para compartilhar ou quem detém um saber específico (o acadêmico, por exemplo).

Isso tem muito a ver com a rotina da UFRGS TV, conforme foi dito no terceiro capítulo: somos uma equipe formada, em sua maioria, por estudantes que exercem atividades semelhantes às/aos funcionárias/os já formadas/os que ali trabalham e que, com isso, entendem suas responsabilidades e crescem pessoal e profissionalmente. Acredito que, a partir deste segundo ano, o *Lugar de Mulher* contribuiu para isso, para que mais jovens se enxergassem enquanto protagonistas de sua história, enquanto pessoas que já têm o que contar e compartilhar umas com as outras.

5.2.4 PENSANDO O DIÁLOGO JORNALISTA-FONTE NOS PROGRAMAS (II)

O **primeiro programa**[14] do ano de 2015 a ser analisado contou a trajetória de duas irmãs, uma graduanda e a outra doutora, que optaram pelo mesmo curso, o de Ciência da Computação. Ao refletir sobre seus percursos, Francieli Zanon Boito, a doutora, relembra a sua preferência pela matemática desde os tempos de escola. Aliando a isso o gosto por videogames e

[14] O programa *Lugar de Mulher* com Francieli e Marcely Zanon Boito pode ser assistido através do link: https://www.youtube.com/watch?v=fznErUCN1v8.

computadores, ela fez a sua escolha profissional. Já Marcely Zanon Boito considera que a sua escolha foi mais fácil, pois já observava a atuação e o progresso da irmã no curso.

Ao buscar ingressar na universidade, Francieli recorda de se sentir uma “alienígena” desde o momento do vestibular, pois só via meninos no seu local de provas. Nesse momento, seu pai a questionou: “porque tu ‘quer’ fazer computação? Isso não é coisa de menina!”. Já em seu primeiro dia de aula, o fato de ter encontrado uma professora contribuiu para que ela permanecesse no curso e, depois, decidisse tornar-se docente também. Já Marcely, a mais nova, percebe que já havia mais meninas no curso quando ela ingressou. **O programa foi ao ar em 29 de abril de 2015.**

FIGURAS 5 e 6

Fonte: YouTube/UFRGS TV. *Frames* copiados do vídeo do programa mostram as irmãs Francieli (à direita) e Marcely Zanon Boito (à esquerda) no momento da entrevista realizada no Instituto de Informática/UFRGS.

É interessante pensar que tive uma primeira resposta sobre a relação que as meninas estabeleceram com o programa já em um primeiro contato por e-mail com Francieli Boito[15], quando indaguei se ela aceitaria uma nova entrevista, agora repercutindo aquela primeira experiência. A primeira frase de seu e-mail-resposta foi “*já faz esse tempo todo? A cada seis meses, a minha mãe se lembra desse vídeo e compartilha de novo no Facebook*”. Ao recordar da gravação, Boito (2019) vê a experiência como positiva, mas ressalta que nem toda repercussão ocorreu da mesma maneira:

> A experiência foi muito positiva, eu me senti bastante confortável durante a gravação e achei o resultado muito bom. Foi há alguns anos, então eu não me lembro dos detalhes, mas lembro de que teve alguma questão que foi meio desconfortável de responder, que

[15] Entrevista concedida por BOITO, Francieli. Porto Alegre, 2019. A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice G deste TCC.

> eu não tinha gostado, que a gente teve que repetir algumas vezes, e as respostas não foram parar na gravação. Então, no final, o programa retrata bem o que eu tinha a dizer. Tem um momento em que eu falo de uma experiência recente em que uma pessoa tinha feito um comentário que eu não gostei. A pessoa em questão não recebeu muito bem o vídeo, então na época eu me arrependi de ter falado disso. No entanto, hoje em dia eu vejo que um ambiente de trabalho melhor para as mulheres não é possível se a gente não falar a respeito (BOITO, 2019).

A fala da entrevistada repercute dois aspectos do programa, seu processo de edição e a sua posterior repercussão. No primeiro caso, especialmente quando se trata de temas delicados ou da história de alguma pessoa (que é o mote do *Lugar de Mulher*), a realização da edição do conteúdo se torna um trabalho ainda mais sensível do que já costuma ser. Estamos falando de ouvir uma entrevista na íntegra – que, no caso do programa em análise, tem uma duração estimada em vinte ou até trinta minutos – e realizar cortes de forma que o programa alcance, no máximo, dez minutos. É buscar a essência de uma fala, sem alterar seu conteúdo, mas apenas filtrá-lo. E é também preservar a fonte. Nesse caso, a pergunta que deixou a entrevistada desconfortável não foi colocada, pois a proposta do programa é acolher (e, de modo geral, deveria ser essa a intenção de todo jornalismo que se constrói a partir da subjetividade e da vida de alguém que se dispôs a falar conosco).

Já na parte em que Boito fala da repercussão, não são raros os casos de pessoas que não gostaram de ver uma situação retratada publicamente através do programa. Por mais que nomes nunca sejam citados, são situações de machismo, sexismo, racismo e assédio que já foram relatadas ao longo dos anos. E, se incomodou alguém que fez algo parecido, só podemos dizer que o programa produziu efeito, que é o de fazer pensar e, por que não, incomodar.

Outro aspecto a ser destacado na (re)entrevista é o de que Francieli afirmou que estava inclinada em dizer “não” quando recebeu o convite para o programa, em 2015, por causa da timidez e de não achar que sua fala pudesse acrescentar:

> Quando eu recebi o convite, eu estava inclinada a dizer "não" por timidez, mas eu aceitei fazer porque eu tinha sido indicada diretamente por uma professora de quem eu gosto muito. Na época, eu assisti um dos vídeos, que era sobre uma professora da Física, e entendi que a proposta era bem legal, mas eu não achei que eu teria algo interessante a dizer, ou que alguém se importaria de ouvir o que eu teria pra dizer. Fazendo o vídeo eu me senti bastante reconhecida e valorizada, o que foi bem legal pra mim naquela época, em que eu tinha acabado de terminar o doutorado e estava começando a minha vida profissional (BOITO, 2019).

Ao ouvir mulheres mais jovens, de alguma forma, o *Lugar de Mulher* desconstrói algumas hierarquias do jornalismo que nos dizem "quem" é a fonte que devemos ouvir e "como" a devemos ouvir. Seguindo a perspectiva do jornalismo de subjetividade, defendida por Moraes e Veiga da Silva (2019), observa-se que "a prática subjetiva vai em busca de um modo de apreensão da realidade não respaldado no espetacular, mas que se interessa também pelo banal; não pelo insólito, mas aquilo o que é evidente" (MORAES; VEIGA DA SILVA, 2019, p. 15). Assim, acredito que produzir programas como esse é buscar falar do cotidiano, é partir do banal, da rotina de uma estudante que gosta de videogames e computadores, para então refletir sobre algo mais implícito e complexo, como as desigualdades de gênero que ela vivencia (e que outras meninas também experienciam e podem se identificar com esse relato).

Sobre a relação estabelecida entre a entrevistada e as estudantes de jornalismo presentes no dia da gravação, Francieli Boito (2019) também entende como necessária, neste caso, a presença feminina atrás das câmeras:

> Por mais que um homem possa simpatizar com a causa, são as mulheres que entendem a realidade das mulheres e podem, portanto, retratá-la melhor. Se a equipe da gravação do programa fosse composta de homens, eu não teria me sentido tão à vontade, e o resultado provavelmente teria sido bem diferente (BOITO, 2019).

Se na época da primeira entrevista, Boito era recém-doutora, hoje ela é professora em uma universidade francesa e reflete sobre como suas percepções sobre questões de gênero foram se modificando a partir do que vivenciou em sua trajetória:

> Quando eu era estudante, eu não acreditava que havia realmente uma desigualdade, eu acreditava que colocando o mesmo esforço dos meus colegas homens eu poderia ter os mesmos resultados. Conforme eu fui encontrando situações na vida de estudante e na carreira, eu entendi que, infelizmente, a realidade é de desigualdade. Na época em que gravamos o programa, eu já tinha entendido isso. Hoje em dia eu me sinto mais à vontade do que naquela época pra falar a respeito porque eu já tenho um emprego estável (BOITO, 2019).

Ao longo das (re)entrevistas feitas para o presente trabalho, muitas das meninas e mulheres demonstraram essas mudanças de percepção, ao longo do tempo, sobre as desigualdades existentes, a partir de suas vivências e do contato com outras pessoas. Algumas vivenciaram isso mais cedo, outras, mais tarde. De toda forma, a troca, a conversa, a observação

de uma mulher sobre a outra (e sobre si mesmas) parece essencial para que esses novos olhares e entendimentos sobre a questão surjam e repercutam entre mais mulheres.

O **segundo programa**[16] selecionado no ano de 2015 também entrevistou duas mulheres, agora doutorandas do Departamento de Astronomia da UFRGS. Enquanto Ingrid Pelisoli pensava que ser cientista era algo que só acontecia nos filmes, Natacha Dametto teve seu primeiro contato com a Astronomia ao fazer parte do movimento escoteiro. No programa, Pelisoli relata que, normalmente, as pessoas se surpreendem quando ela diz que estuda Física, mas que ela busca mostrar como cientistas são pessoas normais como as outras. Ela ainda observa a desigualdade de gênero existente no mercado de trabalho. Apesar de as mulheres estarem ocupando diferentes áreas do conhecimento, ela observa que os cargos mais elevados ainda são ocupados por homens. Dametto, por sua vez, complementa e destaca a necessidade de representatividade feminina nos mais variados espaços, a fim de que a mulher possa ser respeitada em todos os lugares nos quais ela estiver. **O programa foi ao ar em 29 de maio de 2015.**

FIGURAS 7 e 8

Fonte: YouTube/UFRGS TV. *Frames* copiados do vídeo do programa mostram Natacha Dametto (à esquerda) e Ingrid Pelisoli (à direita) no momento da entrevista, realizada no Instituto de Física/UFRGS.

Em minhas reflexões sobre o contexto da segunda temporada do *Lugar de Mulher*, ressalto o fato de ter escolhido analisar dois programas em que temos duas entrevistadas em cada um deles. Em geral, quando se entrevista alguém em um formato audiovisual, há a tradição jornalística de se gravar com uma pessoa de cada vez, destacando-a. Quando há um grupo, um coletivo ou, simplesmente, mais de uma pessoa envolvida em uma ação, enquadra-se então mais

[16] O programa *Lugar de Mulher* com Ingrid Pelisoli e Natacha Dametto pode ser assistido através do link: https://www.youtube.com/watch?v=em90UsXSuyQ.

de uma na tela. No caso das meninas do programa, é interessante perceber como a dinâmica da entrevista muda com a existência de duplas, já que uma olha para a outra (como se observa nas figuras 7 e 8), uma complementa a outra, o que enriquece o formato do programa e corrobora a sua proposta, de uma mulher poder se constituir como exemplo ou incentivo à outra.

No caso da gravação deste último, uma de suas participantes, Ingrid Pelisoli[17] (2019), salienta não a experiência em si, mas o que ocorreu a partir dela ou por causa dela. Outra menina, após assistir ao programa, veio conversar com ela através do Facebook, pois também tinha interesse pela Física:

> A gravação foi um processo super legal porque as meninas fizeram um trabalho excelente em deixar a gente confortável em frente à câmera, o que, às vezes, não é fácil para alguém que está acostumado a trabalhar só com um computador. (...) Mas, pra mim, o mais legal foi ouvir outras pessoas falando sobre isso. Não foi super marcante a experiência em si, mas a repercussão que teve. Por exemplo, teve uma menina que me escreveu no *Facebook* dizendo "Eu vi o programa, eu quero fazer Física. Você pode conversar comigo um pouquinho? Ah, o meu professor de Física acha que não é pra mim. O que você acha?". E, alguns meses depois, ela me escreveu dizendo "Ah, passei no vestibular! Obrigada pela sua ajuda!". Aquilo, pra mim, foi o melhor momento de ter participado do programa, foi ver que ajudou, pelo menos, uma pessoa (PELISOLI, 2019).

Natacha Dametto[18] (2019), por sua vez, ao refletir sobre o que achou do programa, afirma que, se fosse entrevistada hoje, a partir de sua vivência atual, teria respostas diferentes porque sua percepção mudou a partir do repertório que ganhou desde então:

> Eu gostei muito do programa, acho uma iniciativa muito importante no sentido de ajudar a incentivar mais mulheres para o mercado da ciência. Como já faz bastante tempo que a gente gravou o programa, eu não lembro exatamente de detalhes para poder apontar algo que eu tenha gostado mais, mas posso dizer que as meninas nos deixaram bastante à vontade durante a gravação. Hoje eu teria respostas diferentes, depois de alguns anos na área da pesquisa, indo a mais congressos, trabalhando com diferentes colaborações, eu percebo muito mais o machismo institucionalizado na ciência (DAMETTO, 2019).

---

[17] Entrevista concedida por PELISOLI, Ingrid. Porto Alegre, 2019. A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice H deste TCC.

[18] Entrevista concedida por DAMETTO, Natacha. Porto Alegre, 2019. A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice I deste TCC.

Assim como foi mencionada por Dametto, a expressão “nos deixaram à vontade” é recorrente em minhas (re)entrevistas, quando as indago sobre a presença de uma equipe inteiramente feminina nas gravações. Isso nos leva a acreditar que a presença de mulheres nos bastidores, enquanto repórteres e cinegrafistas, interfere, sim, nas falas das entrevistadas e no conteúdo do programa. Apesar disso, Pelisoli (2019) traz ao debate outra perspectiva, a de que o ideal seria que essa separação não fosse necessária:

> Acho que faz diferença no sentido de que a pessoa que está te entrevistando também se identifica com aquele problema. (...) Mas fico pensando que, talvez seja triste que só as meninas se interessem pelo problema. Seria melhor se tivesse representação de todo mundo dentro da equipe. (...) Eu acho que me sentiria mais à vontade discutindo sobre desigualdade de gênero com uma mulher do que com um homem, mas não devia ser assim. Homens deviam estar discutindo e também deviam estar do nosso lado nessa batalha. Mas é claro que (se houvesse um homem na equipe) vocês deveriam perguntar para a menina se ela se sente confortável com ser um homem que discuta esse assunto. É com certeza mais fácil (falar com uma mulher) porque não está lá no fundo da sua cabeça que a pessoa não vai te levar a sério. Toda mulher passa por situações em que sofre problemas simplesmente por ser mulher. E, muitas vezes, tem homem que não leva isso a sério. Então, se você discute com um homem, sempre vai ter aquilo de “será que eu falo isso? Acho que não, ele vai pensar que é bobagem”. Esperamos que, no futuro, não seja mais assim (PELISOLI, 2019).

Essa é uma discussão que, às vezes, surge na rotina de trabalho da UFRGS TV. Conforme relatei no capítulo anterior, os homens, sejam eles estudantes ou funcionários, nunca foram proibidos de participar. Inclusive, já atuaram em algumas gravações, quando não havia meninas disponíveis no turno da entrevista. Ainda assim, como a proposta do *Lugar de Mulher* é o protagonismo feminino, as meninas da TV têm preferência natural no momento de montagem de uma equipe, situação que ainda persiste nos dias de hoje, seis anos depois do início do programa.

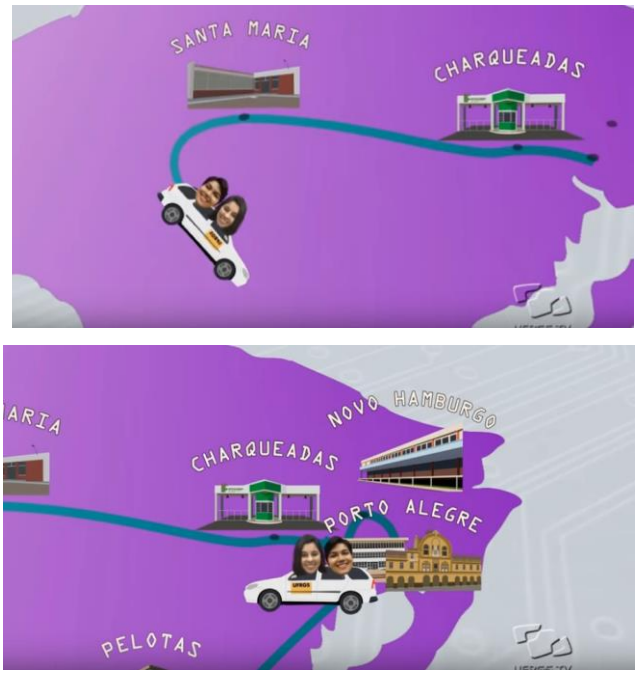
Além disso, percebo que há diferenças em como as pessoas ao redor nos enxergam quando estamos carregando ou operando equipamentos de televisão somente entre mulheres e quando há homens na equipe. Em outras gravações, para além do *Lugar de Mulher*, quando há meninos junto a nós, já ouvi de fontes algumas frases como “pede pro teu colega te ajudar, será mais rápido” (era um momento em que eu não estava conseguindo abrir uma parte do tripé) ou então “acho que teu colega pode te ajudar, menina não deveria carregar isso”. Mas e quando estamos somente entre mulheres? Se não podemos, quem carregará então? Quem fará a operação

de câmera? A questão não é que os meninos não podem ajudar, a questão é que nós também podemos fazer sozinhas, tanto a função de carregar equipamentos quanto a tarefa de ter o conhecimento técnico para operar uma câmera. E, caso haja necessidade, todos e todas podem pedir auxílio, independente do gênero. Assim, espaços como este, proporcionado pelo programa em análise, ajudam a desfazer estereótipos e dualidades de "quem pode" (em geral, o homem) e "quem não pode" fazer algo.

5.2.5 O *LUGAR DE MULHER* EM SEU TERCEIRO ANO

Já em sua terceira temporada, o *Lugar de Mulher* intensificou a ideia de aproximar ainda mais o público-alvo do programa e de ouvir quem normalmente não é considerada uma fonte jornalística "oficial" ou "especialista" no tema. Dessa forma, foram ouvidas meninas ainda mais jovens, de cursos de graduação e dos ensinos médio e técnico-profissionalizante. Outro aspecto a se destacar neste ano são as viagens que realizamos para conversar com meninas de fora da capital gaúcha. Além de estudantes de Porto Alegre, ouvimos meninas de Charqueadas, Novo Hamburgo, Pelotas e Santa Maria, buscando especificidades e vivências também do interior do estado. Nos últimos anos de produção, as viagens têm sido menos frequentes por uma questão de orçamento e de disponibilidade de gasolina e transporte para as equipes. Sobre essa dinâmica, dividimos um carro da UFRGS com os demais meios de comunicação da Secretaria de Comunicação da universidade (a rádio e o jornal). Então, temos uma agenda conjunta na qual fazemos a reserva do transporte se há disponibilidade na data prevista. Dessa forma, viagens para outras localidades também devem ser planejadas com antecedência.

FIGURAS 9 e 10



Fonte: YouTube/UFRGS TV. *Frames* retirados do último programa de 2016 mostram um mapa com as cidades visitadas pelas repórteres da UFRGS TV no decorrer da terceira temporada do programa.

5.2.6 PENSANDO O DIÁLOGO JORNALISTA-FONTE NOS PROGRAMAS (III)

O **primeiro programa**[19] de 2016 selecionado para análise entrevistou Mariana Netto[20], estudante de Engenharia Metalúrgica da UFRGS. Ela escolheu o curso ao pesquisar sobre as diferentes engenharias existentes, pois, na escola, sempre gostou das matérias de Física, Química e Matemática. Apesar de ser pouco conhecida, a engenharia metalúrgica atua em diferentes áreas, desde a fabricação de latinhas de refrigerantes e implantes ortopédicos até o trabalho nas indústrias naval e automobilística. Na entrevista, Netto já observa um número crescente de meninas que escolhe o mesmo curso, mas ainda percebe uma diferença em como o mercado de trabalho acolhe homens e mulheres na área, o que também inclui uma desigualdade salarial ainda persistente entre os gêneros. O programa foi ao ar em **8 de janeiro de 2016**.

[19] O programa *Lugar de Mulher* com Mariana Netto pode ser assistido através do link: https://www.youtube.com/watch?v=2-QEi8_Br_g.

[20] Entrevista concedida por NETTO, Mariana. Porto Alegre, 2019. A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice J deste TCC.

FIGURAS 11 e 12

Fonte: YouTube/UFRGS TV. *Frames* copiados do vídeo do programa mostram Mariana no momento da entrevista e, depois, apresentando seu trabalho no Laboratório de Siderurgia/UFRGS para a repórter Lysiane Munhoz.

Assim como destacado por Francieli Boito na temporada anterior do programa, uma das primeiras coisas que Netto me falou na (re)entrevista, ao relembrar de sua experiência, foi a presença do fator timidez. Ainda assim, é importante observar como esse aspecto da personalidade não as paralisou ou impediu de participar do programa. E isso se relaciona com a rotina de quem está atrás das câmeras da produção, ou seja, nós, as estudantes de jornalismo. Muitas das nossas conversas entre uma produção e outra, lá na UFRGS TV, tratam do desafio de ser gravada, de segurar um microfone, de estar ali presente ao dar uma informação ou ao interagir com a fonte. Outra questão que transparece no decorrer das (re)entrevistas é a ligação entre os lados pessoal e profissional no discurso, ou melhor, a não existência dessa separação. Se ao longo do presente trabalho busco rever as fronteiras entre objetividade e subjetividade no jornalismo, desconstruindo uma noção de "neutralidade" nos conteúdos produzidos, aqui outra dicotomia se desfaz. Não há como separar em dois lados partes que retratam a vivência de uma mesma pessoa:

> Participar do programa foi maravilhoso e, ao mesmo tempo, um tremendo desafio pra mim. Eu sou MUITO tímida, e tenho dificuldades pra falar em público (ou em frente às câmeras). Então, quando fui convidada, fiquei bem dividida, mas como sabia da importância disso, tanto para mim, quanto para outras meninas, **fiz com medo mesmo**! (...) Houve também **importância profissional**, porque foram inúmeras as vezes em que compartilharam o vídeo de novo (e até hoje!), e a repercussão algumas vezes é grande. Já compartilharam no grupo do *WhatsApp* da empresa que eu estagiava, e todo mundo passou a me conhecer. Quando é compartilhado no *LinkedIn*, as visualizações no meu perfil aumentam muito (tipo 10 a 15 vezes). Mas acho que **a maior importância foi justamente o propósito do vídeo: dizer qual é o lugar da mulher**. Eu senti, na época, que muitas meninas do meu curso se sentiram representadas por mim, porque o curso não é muito conhecido, e quem sabe que existe, tem o viés de ser predominantemente masculino. Então, além de divulgar o curso, poder divulgar que meninas são bem-vindas foi extremamente importante. Além disso, **a parte mais emocionante pra mim**: duas

> meninas entraram no curso após ver o vídeo e conversaram comigo sobre isso (além de um menino!!!). Só por isso, pra mim, já valeu a pena (BOGER NETTO, 2019, grifos meus).

Como Boger Netto (2019) salientou acima, outro ponto compartilhado pelas mulheres entrevistadas até então é a importância da repercussão do vídeo. Para além das sensações que a experiência proporcionou em cada uma, o contato com a/o outra/o que a assistiu e estabeleceu uma relação com o programa também fez parte do processo pós-entrevista. Já o contato com a equipe produtora, formada pelas estudantes e funcionárias da TV, segundo ela, também fez diferença na gravação:

> Acho que homens e mulheres são diferentes sim, e essa diferença pode ser notada no que produzem. Além disso, a equipe traz de forma proposital os temas que precisam ser discutidos, como o lugar da mulher, os desafios por ela enfrentados. Então, nesse caso, a equipe, por ser formada majoritariamente por mulheres, sabe com precisão quais perguntas devem ser feitas e deixa a entrevistada à vontade para responder, pois equipe e entrevistada têm isso em comum (ser mulher). Acredito que, mesmo vivendo em ambientes diferentes, tendo histórias de vida diferentes, todas as mulheres sabem o peso de ser mulher na nossa sociedade (...). Então, poder conversar sobre esses assuntos com outras mulheres garante que a entrevistada se sinta à vontade e tenha certeza de que será bem compreendida e interpretada. E a conversa fica mais fluida (BOGER NETTO, 2019).

Boger Netto menciona o fato de as estudantes-jornalistas saberem “com precisão quais perguntas devem ser feitas”. Enquanto produtora de algumas edições do programa, acredito ser importante acrescentar que nem sempre isso acontece. A equipe da TV possui, realmente, uma pauta-base, com perguntas iniciais, mas situações diversas podem ocorrer na hora da entrevista. E não é necessário impedi-las. Estamos ali também para ouvir e ajudar a entrevistada, para pausar e recomeçar a entrevista. Assim, considero importante se abrir para o inesperado, para algo mais que a entrevistada queira falar, por exemplo, para além das perguntas que fazemos. E o formato do programa permite essa abertura.

O **segundo programa**[21] escolhido conversou com Pietra Fritsch[22], na época, estudante do curso Técnico em Mecânica da Fundação Liberato, na cidade de Novo Hamburgo, região metropolitana de Porto Alegre. Fritsch interessou-se pela área ao acompanhar o trabalho do pai como engenheiro mecânico. Ao ingressar no curso, ela se lembra de estar acompanhada de seis outras meninas. Quatro anos depois, na mesma instituição, já existiam turmas com até doze meninas. A entrevistada também reflete sobre questões de desigualdade de gênero no ingresso de mulheres no mercado de trabalho. **O programa foi publicado no YouTube em 17 de outubro de 2016.**

FIGURAS 13 e 14

Fonte: YouTube/UFRGS TV. *Frames* copiados do vídeo do programa mostram Pietra no momento da entrevista e, depois, apresentando seu trabalho na Fundação Liberato para a repórter Lysiane Munhoz.

Ao recordar da experiência de ser entrevistada, Fritsch (2019) analisa para além de como aquele momento repercutiu em si mesma, enxergando o programa como uma oportunidade de reverberar representatividade feminina, de poder falar sobre um assunto que não diz respeito somente a si, mas que age sobre um coletivo, sobre meninas e mulheres que vão se identificar com o discurso e se reconhecer no mesmo, situação esta que é justamente o propósito do *Lugar de Mulher*, ou seja, partir do contexto específico de uma pessoa para falar de sociedade:

> Eu lembro que foram todas (da equipe) muito atenciosas comigo. Foi um momento de conseguir mostrar um pouco de nosso trabalho, um pouco do nosso lugar lá dentro, porque sempre teve poucas meninas presentes na Mecânica lá no curso. Agora já vem mudando um pouco isso, mas acho que foi uma oportunidade única de dar voz pras meninas que estavam ali, sabe?! Eu sei que não estava representando só a minha pessoa, mas todas as mulheres que estavam naquele ambiente (FRITSCH, 2019).

[21] O programa *Lugar de Mulher* com Pietra Fritsch pode ser assistido através do link: https://www.youtube.com/watch?v=s0YI0k9aZ18.

[22] Entrevista concedida por FRITSCH, Pietra. Porto Alegre, 2019. A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice K deste TCC.

E aqui retomamos as teorias construcionistas estudadas por Traquina (2005) para pensar as possibilidades do jornalismo, conforme refletimos no segundo capítulo. Se os conteúdos jornalísticos são influenciados por fatores socioculturais, em uma sociedade na qual o homem é tido como protagonista, o jornalismo reproduz também essa ideia nas suas rotinas produtivas, nas lógicas e hierarquias que envolvem seus profissionais. E o *Lugar de Mulher* também repensa esse método ao colocar meninas à frente do projeto. Nesse sentido, quando questiono Fritsch sobre o que significou para ela ser entrevistada e ser gravada por uma equipe feminina, sua memória a fez perceber a forma como meios de comunicação excluem a mulher, pois ela, frequentemente, não está presente nas pautas e nos postos de trabalho. Assim, Fritsch (2019) reflete sobre a necessidade de as equipes jornalísticas também serem formadas por mulheres:

> Eu acho que têm de ser faladas essas questões, até porque se a gente for ver, muito do que a TV nos expõe, os cargos, acho que inclusive no jornalismo, são compostos por homens. Se tu 'escuta' rádio, tu 'ouve' pouquíssimas vozes femininas. Então dar espaço a elas num ambiente assim, acho que já vai encorajando elas, empoderando para, depois, enfrentar um mercado mais pesado, por exemplo. É tu 'dar' voz a elas para que, depois, elas consigam seguir, porque todas as carreiras, se tu 'for' ver, cargos grandes, de empresas, se for ver o percentual de *CEOs* de grandes empresas, tudo é composto por homens. E é isso que tem que buscar sempre quebrar. Imagina se tivesse sido um homem entrevistando mulheres em um programa de (sobre) mulheres? (FRITSCH, 2019).

Sob esse panorama, a universidade surge como local privilegiado e necessário para se pensar as desigualdades existentes. Fritsch, na época da entrevista, em 2016, fazia curso técnico. Hoje, enquanto estudante de Engenharia Mecânica da UFRGS e membra de uma empresa júnior do curso, encontrou espaços para inserir o debate sobre questões de gênero. Ela conta que, até o ano passado, era a única menina presente na empresa júnior. Hoje, além dos dezoito colegas homens, ela tem uma colega que a auxilia a pautar momentos nos quais os meninos possam ouvi-las também:

> É essencial a universidade tocar nisso. É justamente um ambiente que tu 'tem' acesso aos alunos, que tu 'pode' expor esse conteúdo e abordar, digamos, de uma forma informal e mais direta pra que tu 'consiga' mobilizar o maior número de pessoas. Até a gente abordou assuntos como desigualdade social e a questão da mulher ali na empresa júnior onde eu 'tô', eu e mais uma menina fizemos um momento com todos os guris e eles falaram que foi muito bom. Então, a gente tomar essas atitudes, proporcionar esses momentos, eu acho que é muito mais tangível pra eles de entender essa realidade. E é exatamente uma conversa, não é chegar lá e impor coisas, que fica muito mais difícil de

> fazer com que as pessoas nos escutem, principalmente as pessoas que não veem a desigualdade (FRITSCH, 2019).

Outro aspecto que Fritsch ressaltou (e que muito se relaciona com a proposta do *Lugar de Mulher* e da própria televisão universitária que o produz) é a informalidade de nossos formatos jornalísticos, repensando o jornalismo que é feito nos grandes veículos de comunicação. Assim como foi relatado no terceiro capítulo deste trabalho, na UFRGS TV, vemos a/o estudante enquanto sujeito de seu próprio processo de aprendizagem, de sua própria formação pessoal e profissional. Em uma grande parcela das pautas, somos estudantes conversando com outras/os estudantes.

Acredito que, nesse sentido, seria impensável ver alunas e alunos de terno e gravata, por exemplo, reproduzindo a configuração e a forma de fazer reportagem de um telejornal tradicional. Ainda mais quando produzimos programas como o *Lugar de Mulher* e o *Meu Lugar na UFRGS*, em que o foco é a trajetória da/o entrevistada/o. O que vemos nesses programas são repórteres caminhando ao lado das fontes, mais próximas/os a elas, em um formato de conversa, no qual o processo de escuta é valorizado. E a informalidade também está presente no modo como nos portamos e nos vestimos, em geral, de calça jeans e camiseta, que é nosso jeito cotidiano de ser. Assim, vejo na UFRGS TV uma possibilidade de desenvolvermos formas de aproximar mais a/o jornalista da fonte ali ouvida, pois a/o profissional também tem muito a aprender e não deve ser colocado em um pedestal. Se percebermos isso enquanto ainda somos estudantes, talvez possamos fazer um jornalismo diferente quando ingressarmos em outros veículos no mercado de trabalho.

5.2.7 O *LUGAR DE MULHER* EM SEU QUARTO ANO

Até esse momento, o *Lugar de Mulher* havia conseguido abarcar mulheres de diferentes gerações. Começamos com cientistas e suas carreiras estabelecidas, passamos pelas pós-graduandas e seus percursos acadêmicos iniciais e chegamos às graduandas e às meninas de ensino médio e técnico, observando a necessidade de a discussão chegar até as mais novas, já que é ainda na escola que algumas decisões são tomadas e muitas das meninas já escolhem suas

profissões (ou até mesmo vislumbram ou não a possibilidade de ingressar em uma universidade). No entanto, as diferenças vão muito além disso e, no decorrer do caminho das meninas, tornam-se desigualdades. Percebeu-se então que o programa não estava refletindo sobre isso, pois o perfil de suas fontes até aqui era muito parecido. Como salienta, em entrevista, a professora Daniela Pavani (2019),

> (...) a cada ano, cada entrevista, cada olhar das nossas entrevistadas nos auxiliava a pensar como seria o ano seguinte. No quarto ano, já estava muito claro para nós que as questões de gênero que vão bloqueando o acesso das mulheres - a gente chama o '**labirinto de cristal'** quando tu não 'consegue' andar na carreira e ascender – que **esse labirinto é distinto para as mulheres**. Quando falamos em mulheres brancas de classe média, haverá um impacto. Mas se eu falo de mulheres brancas de classes populares, vou ter outros problemas. Se falamos em mulheres negras, o caminho é completamente distinto. Então, a gente precisava trazer essa realidade (PAVANI, 2019, grifos meus).

O "labirinto de cristal"[23] mencionado pela professora, é evidenciado em dados estatísticos disponibilizados pelo CNPq[24], pelo Inep[25] e pela *Parent in Science*[26]**,** que informam que, nas principais etapas da carreira científica construída no país, as mulheres partem como maioria (em todos os níveis de ensino, por exemplo), mas são minoria no momento de ascender a cargos mais elevados em suas áreas de atuação.

Agora quando comparamos as diferentes mulheres que fazem pesquisa científica, por exemplo, 15% é a proporção de mulheres negras entre bolsistas do CNPq, enquanto as brancas são mais do que o dobro, abarcando 32% das bolsas. Em geral, essa é uma realidade presente entre homens e mulheres, negros e negras. A proporção de bolsistas no CNPq que se identificam

---

[23] Para mais dados sobre o "labirinto de cristal' vivenciado pelas mulheres, a "Gênero e Número", startup de jornalismo de dados com sede no Rio de Janeiro, preparou um infográfico sobre o tema, unindo os dados do CNPq, do Inep e da *Parent in Science*, disponível em: http://www.generonumero.media/infografico-os-caminhos-de-mulheres-e-homens-na-ciencia-brasileira/.

[24] Criado em 1951 com o intuito de estimular o desenvolvimento da ciência, o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) é uma instituição ligada ao Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT) que se destina ao fomento da pesquisa científica e tecnológica, inclusive com o auxílio de bolsas às/aos pesquisadoras/es do país.

[25] O Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) está ligado ao Ministério da Educação (MEC) e contribui para a formulação de políticas educacionais dos diferentes níveis de governo.

[26] O projeto *Parent in Science* surgiu com o intuito de levantar a discussão sobre a maternidade (e a paternidade) dentro do universo da ciência do Brasil. Suas ações englobam pesquisas e questionários que buscam entender as consequências da chegada dos filhos na carreira científica de mulheres e homens.

como “pretos e pardos” não chega a 30%, isso em um país com mais de 50% de população negra. E o *Lugar de Mulher*, enquanto programa produzido em uma universidade pública, que tenta conversar com jovens meninas, não estava repercutindo a desigualdade racial existente no acesso ao conhecimento.

Além da invisibilização das mulheres negras, nas conversas sobre o programa, levantou-se a discriminação em relação a mulheres transexuais, além de seu baixíssimo acesso à educação desde o período escolar. Como retratar essas desigualdades? A ideia era que essas meninas e mulheres fossem ouvidas em todos os meses do ano, não somente em datas criadas para refletir sobre essas diferenças. Em maio, por exemplo, temos o dia 17 como Dia Mundial de Combate à LGBTfobia e, em novembro, temos o dia 30 como Dia da Consciência Negra, datas nas quais o jornalismo costuma retratar situações de combate ao racismo e à transfobia. Como ir além das datas e falar da violência simbólica cotidiana, ao mesmo tempo em que estamos falando das trajetórias de meninas e mulheres? Moraes e Veiga da Silva (2019) nos auxiliam a pensar em um jornalismo de subjetividade que vá além de arquétipos e estereótipos, que nos conduza a

> uma abordagem não espetacularizada sobre grupos historicamente considerados Outros da racionalidade e normatividade vigentes; ao procurar trazê-los sem enquadrá-los como exóticos, engraçados, vítimas ou violentos; ao não tomar repórteres como heróis e/ou heroínas, salvadores, enquanto o Outro é figurante (MORAES, VEIGA DA SILVA, 2019, p. 17).

Para mim, é essa a abordagem que temos de buscar, diariamente, ao entrevistar outras pessoas. Enquanto equipe feminina formada, majoritariamente, por meninas brancas, cisgênero[27]e

[27] As expressões “cisgênero” e “transgênero” dizem respeito à **identidade de gênero** de uma pessoa: “a identidade de gênero define com qual gênero (feminino, masculino ou não-binário) uma pessoa se identifica, independentemente de sua genitália e de como ela foi classificada ao nascer (homem ou mulher). Quando a pessoa se identifica com o mesmo gênero que foi designada na infância, diz-se que sua identidade de gênero é cissexual (...). Quando é diferente, dizemos que a pessoa é transexual (...). São as pessoas travestis, transexuais e transgêneros. O T* da sigla LGBT”. Já o L, o G e o B da sigla correspondem à **orientação sexual** de cada um/a, questão não abordada pelo programa *Lugar de Mulher*.
Mas para um melhor entendimento, a orientação sexual refere-se a “por qual ou quais gêneros uma pessoa se atrai. Gays e lésbicas têm orientação homossexual, isto é, atraem-se pelo mesmo gênero que o seu. Quem se atrai por pessoas de ambos os gêneros é bissexual (...). É essencial notar que **orientação sexual** e **identidade de gênero** são conceitos independentes (...). Um conceito diz respeito a **por quem você se atrai**. E o outro diz respeito a você, a **com qual gênero você se identifica”**.
Fonte: Minimanual do Jornalismo Humanizado – Parte V – LGBT, organizado pela ONG *Think Olga*. Disponível em: https://thinkolga.com/ferramentas/minimanuallgbt/.

de classe média, precisamos pensar nisso em nosso cotidiano, não somente enquanto estudantes e futuras jornalistas, mas enquanto mulheres que podem aprender com outras mulheres e suas especificidades. É exatamente isso o que propõe a noção de feminismo interseccional que defendemos no segundo capítulo deste trabalho, ou seja, a noção de que "ser mulher" também inclui especificidades, como as de raça, classe, sexualidade e identidade de gênero. Ainda assim, é preciso salientar o desafio de contemplar abordagens mais inclusivas no jornalismo tradicional e, também, em uma televisão universitária. A estudante de publicidade Ana Moura (2019)[28], que já atuou enquanto produtora e cinegrafista de edições do *Lugar de Mulher*, destacou a importância da temática escolhida para o ano, mas também aponta falas que percebeu em algumas situações, no processo de produção dos programas, e que nos fazem refletir sobre como o jornalismo "categoriza" pessoas:

> Eu me lembro porque fiquei muito feliz e impactada com a decisão. Eu lembro que algumas coisas do processo de produção, alguns comentários em que, na época, fiquei meio assim, dessa coisa de categorizar, que é importante porque era a temática daquele ano, mas era como se (as mulheres) fossem categorias. Aquilo, naquele momento, me impactou de um jeito meio negativo, de pessoas falando no momento da produção: "ah, nesse mês, já foram as moças negras", "ah, já conseguimos as trans". Mas elas tinham nomes. Então, (o correto) seria "fulana já foi, que era de tal curso e representava isso". Podia ser assim, mas, na hora, não sai assim (MOURA, 2019).

Por tudo isso, além da importância de se falar sobre o tema escolhido, das desigualdades existentes entre as próprias mulheres, havia a barreira da linguagem para transpor, revendo preconceitos implícitos nela. Havia a necessidade de não reproduzir a criação de "caixas" e "categorias" para as pessoas entrevistadas. Então, é nesse ponto que a análise e a construção dos programas se complexifica e se torna ainda mais importante, a fim de entender como foi estabelecido o diálogo jornalista-fonte entre as mulheres participantes.

[28] Entrevista concedida por MOURA, Ana. Porto Alegre, 2019. A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice L deste TCC.

5.2.8 PENSANDO O DIÁLOGO JORNALISTA-FONTE NOS PROGRAMAS (IV)

O **primeiro programa**[29] de 2017 a ser analisado conversou com a estudante de Física da UFRGS Amanda Bianchi[30], que faz pesquisa na área da Astrofísica. Na entrevista, ela fala sobre seu interesse em fazer pós-graduação após se formar, a fim de se tornar professora. Além disso, Bianchi reflete sobre questões de identidade de gênero e a necessidade de o ambiente acadêmico tornar-se mais inclusivo em relação às pessoas transexuais. Nesse sentido, ela fala sobre a sua experiência na universidade e lembra a importância da aprovação do uso do nome social na academia (quando o nome de registro civil não reflete a identidade de gênero da pessoa, o nome social consiste na forma como a pessoa se identifica e é identificada). Na UFRGS, o uso do nome social foi aprovado pelo Conselho Universitário no ano de 2014. **O programa foi publicado no YouTube em 8 de março de 2017**.

Na entrevista que fiz com Brito (2019), a professora observa o ano de 2017 como o de maior aprendizagem e diversidade até o presente momento de produção do programa, pois conversamos sobre o que não costuma ser tão repercutido pela mídia tradicional, a baixa inclusão de mulheres negras e transexuais nas carreiras científicas:

> E aí trouxemos as mulheres trans. Eu achei muito interessante que, ao contrário do que eu teria feito, eu achei as entrevistas bem sutis. Eu me lembro da primeira entrevista que foi com uma aluna da Física. E eu nem sabia que ela era trans. Eu achei que vocês tiveram a sensibilidade de tratar um tema que é altamente não trivial. Às vezes, por ignorância mesmo, a gente faz umas perguntas que não cabem. É um aprendizado não trivial. Foi um ano que achei até o mais rico porque colocamos mais diversidade (BRITO, 2019).

Ao ouvir a professora falar sobre nossa abordagem sutil, lembrei-me dos momentos de produção da pauta para a entrevista com Amanda, na qual fui repórter. Desde o início, não pensamos em modificar as perguntas que já fazemos às outras entrevistadas (até então todas eram cisgênero). Bianchi falou de sua escolha pelo curso, de quais projetos participa na universidade, do que gostaria de fazer em seu futuro profissional e da importância de se debater questões de

---

[29] O programa *Lugar de Mulher* com Amanda Bianchi pode ser assistido através do link: https://www.youtube.com/watch?v=pOamD4y8n0E.

[30] Entrevista concedida por BIANCHI, Amanda. Porto Alegre, 2019. A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice M deste TCC.

gênero. É claro que, nesse discurso, estava também a sua vivência enquanto mulher transexual, o fato de não ter encontrado outras meninas trans na física e a sua rotina na universidade, principalmente com o uso do nome social. Mas a nossa ideia, enquanto equipe do *Lugar de Mulher*, sempre foi a de não espetacularizar o que é parte da experiência de ser mulher, de entender-se enquanto mulher, seja ela cis ou transgênero, com as especificidades que cada uma traz ao debate.

FIGURAS 15 e 16

Fonte: YouTube/UFRGS TV. *Frames* copiados do vídeo do programa mostram Amanda no momento da entrevista e, depois, conversando comigo no Campus do Vale/UFRGS.

Em entrevista, Amanda Bianchi (2019) repercute a experiência de ser entrevistada e as consequências daquele momento. Ela relata que, após a entrevista, foi convidada a participar de um edital para o projeto de extensão *Meninas na Ciência* (mencionado no quarto capítulo), projeto que originou também o *Lugar de Mulher*:

> Eu gostei da experiência. Fiquei bem nervosa, não sabia se eu ia conseguir falar na hora, mas acho que acabou sendo melhor do que eu esperava nesse sentido. Eu achei que foi muito bom o jeito que me receberam. A conversa foi bem legal, até porque tu 'tinha' espaço pra falar o que quisesse, se tu não 'quisesse' discutir alguma questão, não precisava responder, então foi bem livre nesse sentido. Lembro mais da parte das perguntas, lembro que foi uma dinâmica muito boa pra pensar na resposta antes de gravar. Acho que não lembro nada de que não tenha gostado. Foi bem melhor do que eu esperava a gravação, eu tinha muitos receios de como seria, ainda mais que nunca tinha participado de nada do tipo. A entrevista do *Lugar de Mulher* que abriu o caminho para eu entrar no 'Meninas' (projeto de extensão *Meninas na Ciência*) depois, (...), que trabalhava também com essa questão da inclusão das mulheres na ciência (BIANCHI, 2019).

Bianchi fala de um aspecto importante do programa, que é o de como as perguntas são feitas, pouco a pouco, deixando espaço para a entrevistada pensar, pausar, reformular sua frase ou, até mesmo, dizer que prefere não responder a questão. O programa não é feito "ao vivo", o que permite uma dinâmica mais livre. Além disso, lembro-me de, enquanto a equipe estava arrumando as câmeras para a gravação, sentar com Amanda e mostrar a pauta com as perguntas, a fim de ver se ela estava confortável com elas. Sei que não é o costume, o de 'abrir' a pauta para a fonte, mas sempre que vejo a/o entrevistada/o mais insegura/o ou com mais dúvidas, acredito ser importante, ao menos, conversar mais com a pessoa, fazer uma maior aproximação. E, naquele momento, eu também era nova na experiência tanto quanto Amanda. Então havia também a minha insegurança. Era minha primeira gravação do *Lugar de Mulher* e era uma de minhas primeiras experiências enquanto repórter da UFRGS TV. Queria demonstrar que estava aberta a aprender com ela também, com a vivência dela. E sempre que repito essa ação de conversar previamente com a fonte, parece que a entrevista flui melhor e estabelecemos uma relação que talvez, sem essa troca prévia de palavras, não fosse estabelecida.

Sobre a troca estabelecida com a equipe da UFRGS TV, Bianchi (2019), de forma semelhante às demais participantes entrevistadas até aqui, manifestou-se positivamente sobre a presença feminina nos bastidores e ainda salientou o foco das perguntas não ter sido o fato de ela ser uma mulher trans, mas sim de que ela é mais do que isso, que está na universidade e que vai falar sobre sua trajetória, assim como outras mulheres ouvidas pelo programa:

> Acho que tem uma diferença sim. É muito legal buscar sempre ter mulheres também participando (da equipe) até para reafirmar a mensagem a partir dos bastidores. E a conversa fica muito mais tranquila pra ti falar sobre esse tipo de opressão, como o machismo, com outras mulheres que já entendem um pouco melhor do que tu 'passa', do que tu vai falar. (...) Foi importante falar tanto do que eu fazia em pesquisa, pra que tu 'possa' saber que tipo de área de atuação tu 'pode' ter, que tu não 'é' só uma mulher, tu 'tem' uma pesquisa. Tu não 'é' uma mulher trans na universidade que está lá só por ser uma mulher trans. Tem algo que tu 'tá' fazendo, tem um motivo pra ti estar lá (na universidade) (BIANCHI, 2019).

Faz-se necessário observar que esse foi o único programa em análise no qual tivemos uma participação masculina na equipe, com a presença de um dos funcionários mais veteranos da TV na época como cinegrafista. Estávamos em período de férias e não tínhamos três meninas

disponíveis para a gravação no dia (normalmente, formamos uma equipe de três pessoas, uma repórter e duas cinegrafistas). Desde o processo de reunião para conversar sobre a pauta, ele estava presente na conversa e acredito que tudo fluiu muito bem, pois Bianchi (2019) não destacou isso como diferença quando indagada sobre a equipe. Isso pode nos levar a outras discussões a respeito de uma maior inclusão dos meninos na dinâmica do programa, aspecto que já vem sendo pincelado por algumas entrevistadas.

No **segundo programa**[31] do ano de 2017 a ser analisado, conversamos com Anne Costa, Desiree Santos e Juliana Oliveira, que trabalham juntas na *Thoughtworks*, empresa de Tecnologia da Informação (TI) em Porto Alegre. Anne e Desiree trabalham como desenvolvedoras de softwares. Juliana, por sua vez, veio da área de Comunicação e trabalhava com propaganda. Atualmente, ela atua como recrutadora, buscando diversidade na equipe que fará parte da empresa. As entrevistadas refletem sobre questões de raça e classe que perceberam ao longo de suas trajetórias pessoais, acadêmicas e profissionais, ao ocuparem espaços nos quais eram as únicas mulheres negras presentes. **O programa foi ao ar em 3 de agosto de 2017**.

FIGURAS 17 e 18

Fonte: YouTube/UFRGS TV. *Frames* copiados do vídeo do programa mostram Anne, Juliana e Desiree (da esquerda para a direita, na primeira imagem) no momento da entrevista e, depois, conversando com a repórter Jaqueline Kunze na empresa onde trabalham.

[31] O programa *Lugar de Mulher* com Anne Costa, Desiree Santos e Juliana Oliveira pode ser assistido através do link: https://www.youtube.com/watch?v=DmPlMgk1g0A.

Na (re)entrevista, feita para este trabalho, Anne Costa e Desiree Santos (2019)[32] escolheram duas palavras para representar a experiência de participar do programa. Além disso, evidenciaram a questão da interseccionalidade como foco das edições do *Lugar de Mulher* daquele ano, unindo à noção de desigualdade de gênero as especificidades das vivências de cada mulher, já que os dois aspectos convergem entre si. A equipe do programa em questão foi formada por duas mulheres negras e duas brancas, o que também foi lembrado por Santos:

> **Anne –** Foi uma experiência muito importante porque quanto se trata, assim, de temas relacionados a empoderar mulheres, eu era muito retraída nesse aspecto, não era muito de falar disso. (...) Então essa entrevista foi a minha primeira experiência de falar sobre isso, não só de estar com vocês durante a entrevista, mas saber que isso ia ser aberto ao público, sabe?! De a Anne lá, uma mulher negra na área de tecnologia trazendo essa experiência. (...) E não é por questões nem de vergonha, é porque a gente passa por tanta coisa, que a gente acaba abaixando muito a cabeça e aprendendo a ficar ali no canto porque tá complicada a situação (...). Mas é nesse aspecto de ter, acho que vou usar a palavra **coragem**, de ter mais coragem pra falar.
> **Desiree** – E aí, aproveitando até essa linha da Anne, de ter uma palavra pra representar, eu vejo muito como **representatividade**, representatividade em massa. Porque quando a gente acaba utilizando a TV, as redes sociais e todas essas mídias, a gente acaba chegando a pessoas que, normalmente, não chegaria conversando ou então numa palestra (...). Então, *hackear* o sistema com essas pautas é o que a gente precisa cada vez mais. E eu fiquei bem contente da gente trazer um tema não só de questão de gênero, mas também de raça, e ver essa pauta vindo de vocês. Foi um grupo, assim, em que vi mais pessoas não negras estando ali e querendo saber mais (COSTA; SANTOS, 2019, grifos meus).

No âmbito técnico, cabe salientar que, em geral, o *Lugar de Mulher*, costuma entrevistar uma mulher por vez. Até aquele momento da quarta temporada, tínhamos entrevistado, no máximo, duas mulheres por programa, mas a partir deste, outras oportunidades de entrevistarmos três mulheres que atuavam juntas surgiram. Ainda assim, não ultrapassamos este número, justamente para que todas tenham espaço para desenvolver suas falas sobre suas respectivas trajetórias. Uma das membras da equipe dessa gravação, a estudante de publicidade Ana Moura (2019), recorda do programa como um dos que mais a impactaram de participar, tanto por essa questão técnica quanto por uma reflexão pessoal de se enxergar nas mulheres entrevistadas:

---

[32] Entrevista concedida por COSTA, Anne; SANTOS, Desiree. Porto Alegre, 2019. A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice N deste TCC.

> Esse foi um dos (programas) mais interessantes, primeiro por uma questão técnica (...). E aqui a gente tem uma política de ser um enquadramento de uma pessoa só. Daí na hora de fazer, fiquei nervosa (...).Lembro que isso me impactou bastante, mas também foi muito boa a entrevista, de se ver ali né?! São três mulheres negras trabalhando com tecnologia, num lugar muito bom e com suas trajetórias. (...) E, na época, eu estava entrando em contato com essas questões de me entender como pessoa negra e a importância de afirmar isso (MOURA, 2019).

Costa e Santos (2019) refletem sobre a presença de uma equipe inteiramente feminina também sob o enfoque da representatividade, de enxergar mulheres em lugares nos quais elas, em geral, não estão presentes e de poder construir diálogos através dessa aproximação:

> **Anne** – Eu acho que, pela representatividade que a gente tanto fala aqui, a distância da empatia pode ser menor. As mulheres também podem representar o machismo, mas esse distanciamento tem a chance de ser menor pra construir o diálogo ali, até pra mulher que está sendo entrevistada se sentir mais confortável pra trazer algumas coisas, porque a chance de a pessoa do outro lado entender o que você está trazendo é maior.
> **Desiree** – Eu vejo essa conjuntura muito como *hackear* o sistema, quebrar paradigmas. Então, eu vejo o trabalho de vocês muito assim. Eu já participei de algumas entrevistas, diferentes formatos. E eu sempre vejo um padrão de ter uma dupla. Geralmente, vem a mulher porque vai entrevistar e aparecer na câmera, então, tem de ter uma imagem feminina. O restante, por trás, vem os homens. (...) O fato de que vocês vieram, de ponta a ponta, de toda a equipe (ser feminina), seja filmando, levando câmeras (...). Ao ver essa representatividade de mulheres fazendo todo esse ciclo, (...) é um pé na porta, sabe?! De quebrar o sistema, de que a gente pode, sim, fazer tudo. E eu queria que a câmera virasse mais para os bastidores, para mostrar como são os bastidores e mudar um pouco essa realidade.
> **Anne** – E quem tá por fora, a chance de acreditar que é um homem que tá ali atrás é muito grande. O nosso espaço de fala - eu, a Ju e a Desiree - a gente pode estar empoderando outras mulheres, mas vocês também empoderam.
> **Desiree** – Exato! (COSTA; SANTOS, 2019).

Essa proposta de gravar também os bastidores já foi questionada por diversas meninas da equipe da TV. Quando uma estudante participa das gravações pela primeira vez, é comum ela perguntar: “Posso gravar os bastidores?”. Em geral, optamos por não gravar para dar o devido destaque às fontes e às suas histórias, também através das imagens, mas, uma vez ou outra, surge uma cinegrafista em quadro (na câmera), próximo à fonte, e ela aparece no programa. Ainda assim, temos uma mudança que foi sendo implementada ao longo das edições da produção. Nos anos iniciais, havia poucas imagens da interação jornalista-fonte. Além de as cinegrafistas não aparecerem, a própria repórter não era gravada. As imagens focavam na entrevistada e em seu

local de estudo ou trabalho. Já a partir do terceiro ano, a interação da repórter já aparece em cena, seja ela conversando com a estudante/cientista, seja ela observando a entrevistada em seu trabalho.

Após as percepções que foram apresentadas, até o momento, por várias entrevistadas, penso que agora tenho uma melhor noção do quão importante pode ser a ação de virar a câmera e mostrar nossos bastidores inteiramente femininos. Tenho a certeza de que essa formação não é cotidiana, até porque não vejo muitas cinegrafistas mulheres nas equipes de televisão, mas acredito que tem sido importante analisar esse diálogo jornalista-fonte para a formulação de uma construção crítica e coletiva sobre a relevância dessa presença feminina também atrás das câmeras.

5.2.9 O *LUGAR DE MULHER* EM SEU QUINTO ANO

A quinta temporada do programa *Lugar de Mulher* apresentou dois temas-chave, mais fluídos do que as temáticas dos anos anteriores: no primeiro semestre de 2018, conversamos com mulheres empreendedoras e profissionais de diferentes áreas do conhecimento: administração de negócios e engenharias civil, metalúrgica e química. Esses primeiros meses do ano foram marcados pelas idas da equipe da TV até as empresas nas quais as entrevistadas atuavam. Já no segundo semestre do ano, a pauta foi conhecer mulheres que se organizam através de coletivos, seja na escola, na universidade ou no mercado de trabalho como um todo.

5.2.10 PENSANDO O DIÁLOGO JORNALISTA-FONTE NOS PROGRAMAS (V)

No **primeiro programa**[33] analisado em 2018, entrevistamos a estudante de engenharia química Raíssa Kist, que se juntou a outras meninas na criação da *Herself*, primeira calcinha-absorvente desenvolvida no Brasil e feita com tecnologia nacional. Além de ser uma alternativa sustentável aos absorventes descartáveis, o produto ajuda a refletir sobre o modo como as

[33] O programa *Lugar de Mulher* com Raíssa Kist pode ser assistido através do link: https://www.youtube.com/watch?v=XP2FWyn9jcY.

próprias mulheres e a sociedade em geral enxergam a menstruação, ainda pouco reverberada e vista como tabu. Na entrevista, Kist nos conta que pensava em como sua formação acadêmica poderia contribuir para a vida de outras mulheres e a ideia da calcinha-absorvente surgiu nesse sentido. Ela relembra a opinião de colegas homens que, ao verem o projeto, minimizavam a sua necessidade de existência, pois não conheciam os impactos da menstruação no dia-a-dia da mulher. A partir dessa criação, a entrevistada percebeu como um mercado formado majoritariamente por homens não se preocupa com (ou sequer entende) a realidade feminina. **O programa foi ao ar em 7 de março de 2018**.

FIGURAS 19 e 20

Fonte: YouTube/UFRGS TV. *Frames* retirados do vídeo do programa mostram Raíssa Kist no momento da entrevista e, depois, conversando com a repórter Jaqueline Kunze na Escola de Engenharia/UFRGS.

Na (re)entrevista feita para o presente trabalho, Raíssa Kist (2019)[34] relatou-me como havia sido sua experiência ao ser entrevistada e evidenciou o formato mais intimista do programa, de construir sua narrativa a partir da experiência, das histórias de quem está sendo ouvida. Para ela, a percepção da vivência individual de cada uma ultrapassou o estabelecimento de ideias estanques sobre o que é "ser mulher" e o que a mulher "pode ou não fazer":

> Foi bem legal, eu fiquei bem nervosa. E eu sempre tenho aquela coisa 'ai, meu Deus, que medo de ver', mas poder se ouvir e entender que não tem 'um certo' e 'um errado'. Existe uma essência e uma verdade que tá sendo transmitida, que é referente à vivência. Isso é muito especial e por isso de o programa ser muito especial também. Dar voz à realidade de mulheres, sejam elas quem forem, sejam quais forem essas verdades. E aí que outras pessoas podem se identificar mais ou menos, mas muito diferente daquele

[34] Entrevista concedida por KIST, Raíssa. Porto Alegre, 2019. A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice O deste TCC.

> julgamento que, às vezes, acontece em relação à mulher, de (estabelecer) ‘um certo’ e ‘um errado’, ‘pode isso’, ‘não pode aquilo’, muito de uma dualidade que ali não existe. É muito mais uma percepção de experiência e que transcende essas barreiras culturais e de imposições sociais (KIST, 2019).

Além disso, Kist observa a característica de o programa ser construído a partir de mulheres, que preenchem as funções nos bastidores da gravação, como uma via de mão-dupla de estímulos, de uma mulher incentivar o trabalho da outra e, assim, constituir um vínculo entre as estudantes-jornalistas e as fontes:

> Eu acho que é extremamente coerente. Com toda a missão do programa, a gente chegar lá e ter um repórter ou a gravação ser feita por um homem perderia esse senso de coerência. E um senso de sensibilidade e de representatividade. Me estimula, sabe? Poxa, eu ‘tô’ vendo essa mulher aqui e eu quero que o trabalho dela seja valorizado assim como o meu. Então, eu vou dar o meu melhor e eu sei que ela está dando o melhor dela. Acho que vira um laço muito importante (KIST, 2019).

Assim como Kist repercutiu o estabelecimento de uma relação entre ela e a equipe da UFRGS TV, entre a jornalista e a fonte, sendo ambas elas mulheres, Jaqueline Kunze (2019)[35], ex-bolsista da TV e estudante de jornalismo, refletiu sobre sua participação no programa, observando-a de maneira semelhante às meninas entrevistadas. Se a presença feminina nos bastidores pode auxiliar a deixar o ambiente mais confortável para quem está sendo ouvida, da mesma forma, começar a fazer entrevistas em um ambiente como esse, pode auxiliar a jornalista no princípio de seu ofício:

> Profissionalmente, me ensinou muita coisa. Eu estava no início, começando (o curso). Até isso foi bom, olha só, não tinha pensado nisso, mas pelo fato de a gente fazer o *Lugar de Mulher* logo que comecei (na UFRGS TV) e estar entrevistando mulheres, talvez tenha facilitado para mim também, que estava começando a fazer entrevistas (KUNZE, 2019).

Nesse momento, ao fazer estágio em outra televisão, Kunze (2019) compara seu ambiente de trabalho com o que vivenciou ao ajudar a produzir o *Lugar de Mulher*. Em seu novo

---

[35] Entrevista concedida por KUNZE, Jaqueline. Porto Alegre, 2019. A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice P deste TCC.

ofício, ela observa que programas ou pautas que retratam a mulher ainda apresentam homens como principais interlocutores. Em uma das edições de nosso programa, ela também entendeu a desigualdade de percepção das pessoas em relação às atividades que as mulheres podem exercer:

> Acho que é muito importante e que devia ser assim sempre. Agora eu tô trabalhando numa TV também, que tem programas sobre futebol feminino, mas os narradores são todos homens. E eu fico me questionando: 'mas poxa, tem tanta mulher jornalista esportiva, que sabe falar sobre o tema, por que não chamar essas mulheres pra falar sobre? Por que tem de ser os homens falando? Acho algo meio contraditório. Acho importante trazer mulheres para falar sobre esses assuntos. Lembro de uma vez quando fomos fazer uma entrevista (do *Lugar de Mulher*) e eram todas mulheres com as câmeras. A gente chegou lá e alguns guris estavam acompanhando, não sei se eram da assessoria do local, e um dos guris ficou assim: "Nossa, mas vocês sabem lidar com a câmera?". Ele ficou impressionado com isso, como se mulher não soubesse. Então é importante tu 'mostrar' isso também, até para as meninas que estão sendo entrevistadas verem que a entrevistadora é mulher, as câmeras são mulheres, a produtora é mulher, até para se sentirem mais abertas pra falar sobre essas questões (KUNZE, 2019).

É também nesse sentido, de mostrar que mulheres podem exercer atividades e profissões diversas desde jovens, que atua o coletivo *Gurias nas Exatas Odila*, tema do **segundo programa**[36] de 2018 em análise. Em um breve resumo, o projeto *Gurias nas Exatas Odila* é desenvolvido no Colégio Estadual Odila Gay da Fonseca, zona sul de Porto Alegre e, inicialmente, vinculou-se ao projeto *Meninas na Ciência*, desenvolvido na UFRGS e já aqui mencionado, para então se inscrever e ser selecionado na 2ª edição do Edital Elas nas Exatas[37]. O edital é uma parceria do *Fundo Elas*, do *Instituto Unibanco*, da *Fundação Carlos Chagas* e da *ONU Mulheres* que busca sensibilizar a gestão escolar para combater a desigualdade de gênero. No caso do *Gurias nas Exatas Odila*, sob a coordenação da professora Karen Espíndola, formada em Física pela UFRGS, são ensinadas noções de robótica e programação para as meninas da escola, além de se incentivar o debate sobre questões de gênero entre estudantes e professoras/es. Ao longo das oficinas, as meninas também conhecem a história de outras mulheres cientistas, a fim de incentivá-las a perceberem o ambiente científico como uma alternativa também possível.

---

[36] O programa *Lugar de Mulher* com o projeto Gurias nas Exatas pode ser assistido através do link: https://www.youtube.com/watch?v=pyvSpKnzym4.

[37] Para saber mais sobre o edital Elas nas Exatas, sua proposta e seus resultados, acesse: http://www.fundosocialelas.org/elasnasexatas/elas-nas-exatas.

Normalmente, o programa *Lugar de Mulher* assume o formato de perfil, no qual somente uma mulher é entrevistada a cada edição. Contudo, a depender do contexto e dos contatos feitos com as fontes ao longo da produção do programa, o formato de perfil pode ser modificado, assim como ocorreu em outros programas já analisados neste capítulo. No caso em questão, a professora Karen Espíndola nos pediu para que as meninas estudantes também fossem entrevistadas, pois são igualmente protagonistas do projeto e ministram as oficinas juntamente com a professora. **O programa foi ao ar no dia 8 de outubro de 2018**.

FIGURAS 21 e 22

Fonte: YouTube/UFRGS TV. *Frames* retirados do vídeo do programa mostram Sofia Guse, Karen Espíndola e Milena Borba (na primeira imagem, da esquerda para a direita) no momento da entrevista. Na imagem ao lado, a repórter Heloíse Bordin (de camiseta branca ao centro) conversa com participantes do projeto no Colégio Estadual Odila Gay da Fonseca.

Entre as entrevistadas do programa está Sofia Guse, estudante de Biologia da UFRGS. Ela não está mais no colégio, mas segue no projeto, ministrando oficinas para as estudantes do local. O que mais me motiva a analisar esses programas (e entrevistar novamente as meninas que por ele passaram) é justamente poder perceber como as relações são estabelecidas a partir dele. Se a pergunta-problema deste trabalho questiona os significados da relação jornalista-fonte entre mulheres, ao entrevistá-las novamente, pude ver como as conexões entre as pessoas envolvidas no programa é ainda mais ampla. Guse (2019)[38], por exemplo, contou-me que, a partir da experiência da gravação, pôde pensar sobre o que ela, estando ali, representa para as meninas da escola e, ao mesmo tempo, pôde perceber como as meninas a tocaram:

[38] Entrevista concedida por GUSE, Sofia. Porto Alegre, 2019. A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice Q deste TCC.

> Achei uma experiência bem interessante e uma forma de reconhecimento do trabalho realizado com as meninas do colégio. Admito que fiquei muito nervosa antes, durante a entrevista e esperando o resultado, mas o trabalho que vocês realizam é de muita excelência, e o vídeo ficou muito bom depois de editado. Lembro-me de a equipe ser bem atenciosa durante a filmagem também. Foi um momento bem diferente e me fez pensar no papel que eu representava para aquelas meninas em sua formação e no impacto que elas tinham em mim durante esse aprendizado mútuo nas oficinas (GUSE, 2019).

Percebo que não são poucas as vezes em que não temos tempo de refletir sobre nossas escolhas ou sobre o que estamos fazendo. Simplesmente, vamos lá e executamos uma atividade proposta. O *Lugar de Mulher*, a partir de seu propósito de ouvir mulheres cientistas, se propõe a realizar o oposto disso. Propõe-se a questionar, a parar e pensar a respeito. Se ao longo de suas temporadas, o programa contestou estruturas sociais e relações de desigualdade de gênero, cada edição também nos trazia aspectos específicos deste contexto. O "Gurias nas Exatas", por exemplo, desconstruiu uma noção hierárquica entre professora e alunas. Desde o primeiro contato via e-mail, no momento de produção da entrevista, a professora Karen Espíndola (2019)[39] salientou a certeza de que as meninas eram protagonistas do projeto e de que elas precisariam ser ouvidas também. Na (re)entrevista, a professora voltou a destacar esse posicionamento:

> Achei extremamente importante envolver as bolsistas do projeto, gostaria que outras tivessem participado também, mas somente a Sofia pôde participar, e a bolsista Milena. A participação delas no projeto foi fundamental, o projeto foi bem sucedido pelo envolvimento delas, juntas nós construímos o projeto, com a participação das meninas também, pois elas foram as protagonistas principais. Apresentamos uma proposta de trabalho e, graças a elas, tudo funcionou e tivemos os resultados atingidos (ESPÍNDOLA, 2019).

A estudante de jornalismo Heloíse Bordin (2019)[40], produtora do programa, também sintetizou a experiência de ter participado dessa edição, além das impressões e sensações que ela lhe causou, principalmente, pela equipe ter gravado em uma escola pública que se relaciona com a universidade através de projetos de extensão, mas que também tem muito a ensinar ao ambiente acadêmico:

---

[39] Entrevista concedida por ESPÍNDOLA, Karen. Porto Alegre, 2019. A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice R deste TCC.

[40] Entrevista concedida por BORDIN, Heloíse. Porto Alegre, 2019. A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice S deste TCC.

> O (programa) das “Gurias nas Exatas” me marcou muito o lugar, porque era um colégio público da zona sul de Porto Alegre. Eu nunca tinha ido num colégio público em Porto Alegre. Além de eu estar fazendo uma coisa diferente, eu ‘tava’ num lugar que eu não conhecia a realidade. Quando eu vi aquelas meninas e vi o espaço no qual elas se encontravam, uma coisa casou muito com a outra e tu ‘entendia’ por que aquilo era tão necessário. Me lembro muito da vontade da professora de contar o que ‘tá acontecendo’, contar o que elas fazem. Então, foi pra conversar com meninas de colégio público. Eu sou de colégio público, mas de uma realidade bem diferente. E me marcou muito aquelas meninas, tão, tão inteligentes, assim, tão produtivas. E era com uma vontade que elas estavam fazendo aquilo: ‘ah, agora nós vamos sentar aqui e fazer uma tiara com luzinhas’. E elas sentavam e faziam (BORDIN, 2019).

A estudante Sofia Guse (2019) ainda fez uma analogia entre os propósitos do “*Gurias nas Exatas*” e do “*Lugar de Mulher*”, a fim de refletir sobre a existência de espaços nos quais somente as mulheres estejam presentes. No caso do projeto, a ocorrência de oficinas de robótica em turmas de meninas diminuiu a evasão de suas participantes. Da mesma forma, ela acredita que uma equipe de gravação feminina também interfira no ambiente e favoreça conteúdos jornalísticos mais inclusivos:

> (...) o *Gurias nas Exatas* era composto por uma equipe inteiramente feminina, com meninas da universidade ensinando meninas do ensino básico. O que naquele ano foi uma experiência para que talvez estimulasse a persistência das meninas no curso de robótica básica, o que não havia acontecido em edições anteriores do curso quando oferecido em turmas mistas em outros colégios. Nessas, eram raras as meninas que permaneciam. (...) o fator da totalidade feminina na coordenação e no público-alvo fez com que o ambiente de aprendizagem fosse o mais próximo de livre de atitudes machistas (...). Por isso que acredito que a presença feminina interfira no ambiente, e também pelo motivo de que a visão de mulheres, junto com cada interseccionalidade que ela possa vir a ter (etnia, etária, orientação sexual e outras) colabora para um programa mais inclusivo, com mais pontos de vista e experiências diferentes (GUSE, 2019).

Ainda no sentido de entender a dinâmica construída entre as mulheres presentes no programa *Lugar de Mulher*, chegamos então à última temporada em análise, ainda em fase de produção na UFRGS TV, enquanto escrevo este trabalho e realizo esta pesquisa.

5.2.11 O *LUGAR DE MULHER* EM SEU SEXTO ANO

Conforme foi mencionado no início deste capítulo, a sexta temporada do *Lugar de Mulher* escolheu retratar a relação estabelecida entre orientadoras e orientandas, a fim de discorrer sobre as trocas realizadas entre elas, nos âmbitos acadêmico, profissional e, até mesmo, pessoal. Se olharmos para o histórico de temas escolhidos, voltamos às temporadas iniciais, quando ouvimos, principalmente, professoras e estudantes. Neste caso, no entanto, não buscamos separar as gerações em anos diferentes de produção, mas uni-las, observando a interação existente entre elas.

Contudo, esse tema não será analisado no presente trabalho, pois a seleção de programas para a pesquisa foi elaborada antes da escolha deste tema e do início da sexta temporada. Os dois últimos programas aqui estudados foram ao ar entre janeiro e fevereiro deste ano. O primeiro foi produzido ainda em dezembro de 2018 e corresponde ao tema dos coletivos de mulheres. Já o segundo, consiste em uma entrevista que surgiu após nossas produtoras lerem uma notícia na Internet sobre uma estudante do Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS), no Campus Osório, litoral norte gaúcho, que foi premiada nacional e internacionalmente. Essa dinâmica de produção do último programa escolhido nos mostra que, para além de "encaixar" fontes em temas pré-estabelecidos, podemos encontrar futuras entrevistadas em nosso dia-a-dia, seja ao ler uma notícia ou ao conversar com algum/a amiga/o.

5.2.12 PENSANDO O DIÁLOGO JORNALISTA-FONTE NOS PROGRAMAS (VI)

O **primeiro programa**[41] de 2019 conversou com membras do coletivo *Mulheres de Gaia*, criado por estudantes do Instituto de Geociências da UFRGS (IGEO-UFRGS). O grupo busca acolher e apoiar meninas dos cursos de Engenharia Cartográfica, Geografia e Geologia e surgiu no ano de 2015, após um episódio de assédio cometido por um professor da Engenharia Cartográfica com uma aluna do mesmo curso. Através do coletivo, as estudantes realizam

[41] O programa *Lugar de Mulher* com o coletivo Mulheres de Gaia pode ser assistido através do link: https://www.youtube.com/watch?v=euIiQhzLHeY.

dinâmicas diversas – como palestras, rodas de conversas, exibição de filmes e campanhas – que instigam o debate de questões de gênero e sexualidade no ambiente acadêmico.

No programa, foram entrevistadas três estudantes de Geologia, que destacaram o estereótipo masculino como ainda predominante no curso: pensa-se, em geral, que somente um homem teria a capacidade de realizar os trabalhos "braçais" necessários ao ofício da Geologia. Apesar de o número de estudantes homens do IGEO-UFRGS ainda ser maior, as entrevistadas – que ingressaram no curso entre 2016 e 2018 – já percebem um aumento no número de mulheres nesses últimos anos. **O programa foi ao ar no dia 14 de janeiro de 2019**, mas foi produzido em dezembro de 2018.

FIGURAS 23 e 24

Fonte: YouTube/UFRGS TV. *Frames* retirados do vídeo do programa mostram Júlia Peresin, Silvia Tonial e Laís Vieira Genro (na primeira imagem, da esquerda para a direita) no momento da entrevista. Na imagem ao lado, a repórter Heloíse Bordin (de costas) conversa com membras do coletivo no Centro Acadêmico de Estudantes da Geologia (CAEG/UFRGS).

Poder conversar novamente com essas mulheres, estivessem elas à frente ou atrás das câmeras, auxiliou-me a realizar um histórico muito mais amplo de informações e de sensações que o programa proporcionou em cada uma, ajudou-me a construir um panorama que eu não poderia construir somente com as minhas impressões ou participações ao longo das temporadas. E, neste ponto, saliento as palavras "informação" e "sensação" na frase anterior somente para evidenciar a segunda. Normalmente, não consideramos os sentimentos como parte da informação ou, quando os colocamos em uma reportagem, em diversas mídias tradicionais, eles estão postos de forma "espetacularizada", sem o cuidado com a fonte que aceitou conversar conosco. O *Lugar de Mulher* busca exatamente o oposto disso na construção de suas narrativas.

A repórter Heloíse Bordin (2019), ao relacionar suas participações no programa e refletir sobre o que cada menina-mulher transmitiu a ela ao longo das entrevistas, percebe semelhanças e diferenças – semelhanças quanto à luta por inserção em espaços historicamente não considerados como possibilidade, mas diferenças geracionais na forma de pensar, a princípio, sobre a desigualdade de gênero. Ela compara o primeiro programa que produziu – tendo a professora Ângela Gaio Graeff, da Engenharia Civil da UFRGS, como entrevistada (o programa não foi analisado por esta pesquisa) – com o último programa gravado, o *Mulheres de Gaia*:

> O que eu percebi é que elas continuam sempre lutando. O primeiro (programa) que fiz é de uma professora que já tem uma vida consolidada, já tem um cargo muito bom e ela já passou por muitas coisas e tem o pensamento de que ainda precisa fazer algumas coisas também. E o último, que foi das "*Mulheres de Gaia*", as meninas já sofreram algumas coisas dentro do curso, não no mercado de trabalho, mas elas sabem que precisam lutar pra conseguir não sofrer depois. Talvez a primeira, a Ângela (a professora), quando ela era mais jovem, não tinha esse pensamento. As meninas que tão vindo agora, acho que elas já lutam para que aquilo não aconteça (BORDIN, 2019).

Laís Genro e Júlia Peresin (2019)[42] foram (re)entrevistadas para esta pesquisa e refletiram sobre a experiência da entrevista. Enquanto uma delas volta a assistir ao programa com certa frequência, a outra se relaciona com o conteúdo do vídeo de maneira diversa, o que me surpreendeu bastante no momento da entrevista:

> **Laís** – Quem entrou em contato com a gente foi a Heloíse e ela sempre foi muito proativa, solícita. Acho que isso deixou a gente mais tranquila na hora de conversar porque, câmera, pra quem não é acostumado, é aquele problema. Eu achei que talvez tivesse algum cara na equipe, o que me surpreendeu porque não tinha. Que bom, né?! Porque o lugar é de mulher. Eu não me lembro exatamente das perguntas, mas me lembro do resultado final do vídeo, que me agradou muito. Tanto que, hoje em dia, de vez em quando, eu vou olhar ele de novo porque... né?! Traz uma coisa boa! Enfim, fala da gente, mas fala de vocês também.
> **Júlia** – Eu sou uma pessoa um pouco envergonhada, mas eu me senti, durante todo o programa, muito confortável assim, as meninas foram muito queridas. Foi bem interessante a experiência com a câmera. Eu, particularmente, não assisti ao vídeo. Até hoje, eu nunca assisti ao vídeo, mas a minha mãe amou! Eu divulgo muito o vídeo, mas eu não assisti porque tenho muita vergonha de me ver em câmera. Mas a experiência foi muito legal, foi muito importante a gente ter o programa pra divulgar o que a gente faz (GENRO, PERESIN, 2019).

[42] Entrevista concedida por GENRO, Laís; PERESIN, Júlia. Porto Alegre, 2019. A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice T deste TCC.

Entre as ações realizadas pelo coletivo está a campanha “#ESSEÉMEUPROFESSOR”, com frases ditas pelos professores que compõem o Instituto de Geociências/UFRGS, conteúdos estes que repercutem comentários machistas e, até mesmo, situações de assédio vivenciadas em sala de aula ou nas saídas de campo próprias dos cursos do departamento. Além disso, há a campanha mais recente, presente nos murais do prédio do instituto nesse segundo semestre de 2019. Denominada “Desconstruídos”, o coletivo agora compartilha frases ditas pelos estudantes, colegas de curso das meninas.

FIGURAS 25 e 26

Fonte: Facebook/Mulheres de Gaia. Imagens da campanha “#ESSEÉMEUPROFESSOR”, realizada pelo coletivo em 2016.

Se o programa repercute nas mulheres e meninas entrevistadas, situação semelhante pode ser observada nas entrevistas que fiz com as estudantes membras da UFRGS TV. Bordin (2019) pensa em como o programa refletiu na forma como ela enxergava as questões de gênero, antes algo distante em seu cotidiano, ao menos em termos de crítica e debate a respeito. Ela também observa a relação estabelecida entre as mulheres, uma legitimando a ação da outra:

> Eu falo muito que o *Lugar de Mulher* está ali para empoderar outras mulheres e dar espaço para elas falarem, mas quem faz o programa também se empodera. Eu sou do interior e no interior se vive numa bolha, não existe muita discussão, muito debate.

> Assim, questões de feminismo, eu não tinha conhecimento e não desconfiava do quanto algumas coisas estavam erradas. Quando tu não 'discute', tu não 'conhece', tu não 'sabe'. No meu segundo ano de faculdade, eu fiz o *Lugar de Mulher*. No meu primeiro ano, eu já comecei a debater, mas quando fiz o *Lugar de Mulher* ajudou muito porque, em todo programa, já era uma discussão enorme sobre gênero. E tu 'estar' ali dando voz a outras mulheres, com uma equipe só de mulheres, tu se 'sente' capaz de fazer isso e a outra mulher se sente capaz de te dar uma entrevista (BORDIN, 2019).

Outro aspecto abordado em minhas entrevistas foi a conexão estabelecida entre Bordin, Genro e Peresin, já que todas vieram do interior do estado para a cidade de Porto Alegre. As três destacaram esse reconhecimento como algo que favoreceu a troca entre elas e a realização da entrevista com mais proximidade:

> **Laís –** Ela (Heloíse Bordin, a repórter) comentou 'ah, vocês não são daqui!'. Teve aquela troca, aquela identidade que foi muito legal. Acho que isso deu uma intimidade a mais pra gente.
> **Júlia –** São realidades muito diferentes. Tu 'vir' do interior, duma cidade pequena... E eu lembro muito dela comentando disso aqui na rampa (rampa do prédio da Geologia da UFRGS). É muito legal, são pessoas que conhecem a tua outra realidade. É difícil, são mundos completamente diferentes. Então, saber que tu 'tinha' mais esse fator de reconhecimento e conseguir ver que as experiências podem ser parecidas foi muito legal (GENRO, PERESIN, 2019).

Para além da questão de gênero, as meninas que participaram do programa encontraram outra ligação entre elas, neste caso, a origem interiorana. Já quando indagadas sobre a presença feminina nos bastidores, atrás das câmeras, elas também entenderam a representatividade como essencial, já que o foco do programa é falar de algo próprio das vivências das mulheres:

> **Laís –** Eu acho que é essencial porque tu te 'ver' na outra pessoa, acho que 'tu' consegue ser muito mais sincero, mais aberto. Acho que se tivesse um homem ali, atrás das câmeras, talvez a gente tivesse ficado mais retraída ainda. A representatividade é muito importante, mas tu 'saber' que tem pessoas ali que tão mexendo nesse tema, tão tocando nessa ferida, tu 'vê' que não está sozinha ali.
> **Júlia –** E o espaço de ser um ambiente acolhedor e confortável. É um assunto difícil, delicado pra se falar. Então, quando tu 'vai' falar, tu já 'sabe' que a pessoa que 'tá' te escutando já deve ter passado por uma situação parecida ou conhece alguém que já passou. (...) Então, acho fundamental que, se tu 'quer' fazer um programa mostrando as mulheres da universidade, quem tem que fazer o programa são as mulheres que estão dentro da universidade (GENRO, PERESIN, 2019).

Nas duas últimas análises, estivemos em uma escola e em uma universidade públicas, locais que tiveram seus papéis evidenciados pelas meninas entrevistadas, que neles atuam e constroem sua formação pessoal e profissional. No **último programa escolhido**[43] para este estudo, a equipe da UFRGS TV viajou até outra instituição pública do estado, o Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS), localizado na cidade de Osório, litoral norte gaúcho. A entrevistada foi Juliana Estradioto, na época, recém-formada pelo curso Técnico em Administração, integrado ao Ensino Médio, do instituto. Ao ingressar na instituição, a estudante iniciou um trabalho com os agricultores da região, já que sua família também é ligada à produção agrícola local, interessando-se por fazer pesquisa científica ainda no Ensino Médio.

Seu trabalho busca reduzir a utilização do plástico a partir da substituição desse material pelo uso da casca do maracujá, fruto cultivado na região. Antes sem nenhuma destinação prevista, a casca foi utilizada por Estradioto para a produção de um filme plástico biodegradável (FPB) que substitui as embalagens plásticas utilizadas em mudas de plantas. Com a pesquisa, a estudante recebeu, em 2018, o prêmio Jovem Cientista, foi premiada em feiras científicas no exterior, além de ser a primeira brasileira convidada a assistir a cerimônia do prêmio Nobel. **O programa foi ao ar em 11 de fevereiro de 2019**, dia estabelecido pela UNESCO e pela ONU Mulheres como o Dia Internacional de Mulheres e Meninas nas Ciências.

FIGURAS 25 e 26

Fonte: YouTube/UFRGS TV. *Frames* retirados do vídeo do programa mostram Juliana Estradioto no momento da entrevista e, depois, com a repórter Gabrielle de Luna no laboratório onde desenvolveu sua pesquisa no IFRS – Campus Osório.

Acredito que seja bem oportuno finalizar a análise dos programas com uma fala sobre a descoberta da necessidade de existência desse conteúdo audiovisual. Foi dessa forma que a

[43] O programa *Lugar de Mulher* com Juliana Estradioto pode ser assistido através do link: https://www.youtube.com/watch?v=Qs93S5824_Q.

repórter Gabrielle de Luna (2019)[44] recordou a sua participação no *Lugar de Mulher*, ao me contar que, inicialmente, não entendia a proposta do programa nem a necessidade de ele ser feito, ao destacar somente as mulheres cientistas. Essa fala pode nos auxiliar a perceber como cada pessoa enxerga a questão da desigualdade de gênero de uma forma e que, quanto mais o debate for ampliado, mais mulheres poderão se apropriar do tema e entender a sua importância:

> (...) uma das coisas que mais me marcou foi descobrir a necessidade desse programa. Eu me lembro que, quando o Fernando (diretor da UFRGS TV) falou que eu ia ser bolsista do *Lugar de Mulher*, eu falava assim "ah, pra que um programa só para mulheres? Por que não encaixam essas mulheres incríveis em programas como os outros?". E quando eu comecei a fazer o *Lugar de Mulher*, me lembro que eu descobri o porquê dessa necessidade. Nos dois primeiros programas, foi ok. Mas, no terceiro programa, acho que foi com um coletivo, o Program.ada (coletivo de estudantes de Ciência e Engenharia da Computação), que eu comecei a perceber o que estava acontecendo e o que essas meninas passavam (DE LUNA, 2019).

Do mesmo modo, Estradioto (2019)[45] entende a sua participação no programa como uma oportunidade de refletir sobre si mesma, o que corresponde à visão de vários dos depoimentos aqui colhidos (se é que a correspondência não é total). Ao expressar suas trajetórias, as mulheres entrevistadas podem olhar para si mesmas Quanto a nós, entrevistadoras, ao ouvirmos as respostas, as indagações, as pautas e os risos das entrevistadas, primeiramente, entendemos um pouco de quem é aquela pessoa à nossa frente. Mas, posteriormente, acabamos por entender mais de nós mesmas também, assim como disse a estudante entrevistada:

> Pra mim foi bem importante porque me fez refletir sobre algumas coisas que eu não tinha refletido e também me fez expor situações que, talvez, antes eu não teria exposto. Ter compartilhado um pouco sobre as minhas experiências me fez me entender melhor e me fez entender o quanto elas impactaram a minha trajetória, o quanto elas poderiam ter me moldado, sabe?! E me moldaram. Então me fez realmente entender mais sobre mim mesma, mas perceber que isso acaba sendo algo que acontece com muitas mulheres e que isso é muito frustrante (ESTRADIOTO, 2019).

---

[44] Entrevista concedida por DE LUNA, Gabrielle. Porto Alegre, 2019. A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice U deste TCC.

[45] Entrevista concedida por ESTRADIOTO, Juliana. Porto Alegre, 2019. A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice V deste TCC.

Gabrielle de Luna (2019) ainda salienta a diferença que percebe nos comentários ao nosso redor quando estamos gravando entre mulheres. Conforme mencionei anteriormente, a visão de uma mulher carregando equipamentos de televisão é ainda uma surpresa que persiste nos dias de hoje. Mais do que isso, a visão de uma mulher com uma câmera na mão, com o conhecimento técnico para manuseá-la e utilizá-la, também ainda surpreende:

> Lembro que já teve algumas saídas que eu fui, não só no *Lugar de Mulher*, mas em outros programas, lembro que teve mulheres entrevistadas que falaram para mim "olha, tem mulheres trabalhando na UFRGS TV!". Infelizmente, mexer com equipamentos, essa parte técnica ainda é muito vista como masculina. E acho que, quando o Lugar de Mulher é gravado só com uma equipe feminina, é visto de outra forma (DE LUNA, 2019).

Nesse sentido, Estradioto (2019) também endossa a ideia de que é mais confortável conversar sobre a temática da desigualdade de gênero com outras mulheres, e destaca, assim como De Luna, a importância da equidade no ambiente de trabalho, que é inclusive o propósito do programa ao colocar as meninas da TV para gerir todas as suas etapas de produção:

> Eu acho que é muito importante ter essa equipe com presença feminina, não só por uma equidade dentro do ambiente de trabalho, mas também porque, quando a gente tá falando sobre questões de gênero, a gente se sente muito mais confortável em conversar com uma mulher que tem empatia com o que a gente sofre (...) a gente tá todo mundo junto nessa – pras partes ruins, infelizmente; pras partes boas, felizmente – mas a gente realmente precisa se unir e formar uma força coletiva pra conseguir mudar as coisas nesse sistema opressor (ESTRADIOTO, 2019).

Faço minhas as palavras de Estradioto, pois a perspectiva da união, através da troca de ideias entre as participantes do programa, consistiu em um dos aspectos-chave que fizeram parte das gravações e que, neste momento, também representam muitas das falas das 23 mulheres aqui entrevistadas para a minha pesquisa.

5.3 O TRATAMENTO DOS RESULTADOS: COMO FOI OBSERVADO O DIÁLOGO JORNALISTA-FONTE

As análises dos doze programas da série *Lugar de Mulher*, no decorrer de seus seis anos de produção até o momento, nos leva a refletir sobre a pergunta-problema feita no início do trabalho. Observo, através de cada entrevista, como o programa tocou, de alguma forma, as meninas e mulheres que ouvi mais uma vez, agora para o TCC. Independentemente se o programa foi realizado neste ano ou cinco anos atrás, algo permaneceu nelas, as fontes entrevistadas, e em nós, as estudantes produtoras do conteúdo audiovisual. Percebi que cada escolha que realizamos, seja ela no âmbito pessoal ou profissional, vem com uma carga de estereótipos, de condicionamentos socioculturais nos quais estamos inseridas/os. Por isso, é tão importante falar das desigualdades existentes. Se não falarmos, como poderemos entendê-las? E sem o entendimento das mesmas, como conseguiremos combatê-las?

Assim, ao indagar as meninas se elas acreditavam que a presença feminina atrás das câmeras poderia fazer alguma diferença no momento da entrevista ou, posteriormente, no conteúdo jornalístico produzido, as respostas que obtive foram positivas em sua totalidade. Entre as justificativas mencionadas estão: i) a **representatividade**: o fato de uma mulher se ver refletida na outra, apesar das diferenças que possam existir entre elas; ii) o **sentir-se confortável** ao estar na presença de outra mulher; iii) a reafirmação da **proposta do programa**: se estamos falando sobre a desigualdade de gênero no mercado de trabalho, a mesma é vivenciada, de alguma forma, pelas jornalistas e, principalmente, pelas cinegrafistas e técnicas em produção audiovisual. Por tudo isso, elas devem estar ali presentes também; iv) a questão da **empatia**: uma mulher já vivenciou situações como a outra, ou, caso não tenha vivido da mesma maneira, já ouviu histórias semelhantes vindas de outras mulheres, ou seja, a chance de julgamento seria menor; v) o **aprendizado**: a ação de uma mulher ouvir a outra e, a partir dessa escuta, aprender sobre sua condição e a desigualdade de gênero existente; v) o **apoio**: tanto a equipe da UFRGS TV quanto as entrevistadas do programa são, em geral, estudantes ou profissionais em início de carreira. Assim, uma ajuda e apoia a outra em seu trabalho e estudo; vi) a **mudança de olhares**: só podemos entender a necessidade de falar sobre o tema quando nos aproximamos dele e refletimos sobre ele. O programa ajuda a perceber que não há um só “lugar de mulher” e que ela deve ter a oportunidade de estar onde quiser, assim como os homens.

Apesar de todos esses argumentos, as entrevistadas também salientaram que não é somente por ser mulher que se terá um olhar diferenciado, afinal, fazemos parte da mesma sociedade e, por isso, também reproduzimos preconceitos diversos, inclusive os de gênero. Assim, ao propor um diálogo jornalista-fonte entre mulheres, a ideia do programa não é excluir os homens do debate. Ao contrário disso, eles devem estar juntos na jornada, pois o machismo também é um problema deles, que o reproduzem.

Contudo, ao analisarmos o panorama construído até aqui, temos falas como a de Laís Genro (2019), que disse "*eu achei que talvez tivesse algum cara na equipe, o que me surpreendeu porque não tinha. Que bom né?! Porque o lugar é de mulher!*", e como a de Desiree Santos (2019), que destacou também a surpresa de ver somente meninas nos bastidores e ainda afirmou "*eu queria que a câmera virasse mais para os bastidores para mostrar como são*". Por essas constatações, percebe-se que estamos desconstruindo um estereótipo não somente à frente das câmeras, mas também atrás delas. E como Daniela Pavani (2019) e Fernando Favaretto (2019) também ressaltaram em entrevista, o fato de termos ali uma estudante-jornalista que, talvez, ainda não tenha se dado conta da desigualdade e, a partir do programa, ela a percebe, isso já faz diferença e constrói processos de autoconhecimento necessários a qualquer mulher. Esses processos não foram vivenciados por vários homens, que sempre puderam ser protagonistas enquanto exerciam as funções de cientista ou cinegrafista, só para citar as profissões aqui abordadas (faz-se aqui uma ressalva, não são todos os homens, pois também há diferenças de oportunidades entre eles, a partir de discriminações de classe e raça, por exemplo). Uma das frases ouvidas por mim e que sintetiza os argumentos retratados é: "*Por que só mulher? Porque é sempre homem, e a gente precisa dar protagonismo pras mulheres. Quando tivermos mais equidade, poderemos não se preocupar mais com isso*" (PAVANI, 2019).

Além de o presente trabalho ter em seu objetivo principal entender a relação jornalista-fonte estabelecida entre as mulheres, a pergunta também incluía a possibilidade ou não de conteúdos jornalísticos mais diversos a partir da experiência do programa. Após seis anos e 58 programas produzidos até o momento de escrita deste trabalho, conversamos com mulheres cientistas de diferentes gerações, oriundas de instituições públicas e privadas, vindas do interior e da capital do estado ou de outras localidades.

Já mais recentemente, no quarto ano de produção, percebemos a importância de colocarmos o conceito de interseccionalidade ou de feminismo interseccional em nossas pautas, a fim de mostrarmos que a desigualdade de gênero não se constrói isoladamente de outras diferenças sociais. Nesse sentido, mulheres diversas sofrem preconceitos distintos (e, inclusive, os acumulam), a partir de sua identidade de gênero, sua raça e sua classe, aspectos levantados pelo programa. Ainda assim, percebe-se, ao examinarmos quem foram as nossas fontes, que não conseguimos, até agora, tornar a diversidade corriqueira, parte de nosso cotidiano de produção, independente do tema escolhido para cada temporada.

Isso nos faz refletir sobre como o ambiente no qual atuamos, ou seja, uma intersecção entre cargos científicos existentes dentro e fora da universidade, ainda é bastante desigual e contempla algumas mulheres (muito) mais do que outras: mulheres brancas, de classes sociais mais altas, cisgênero, heterossexuais, somente para citar alguns exemplos, ainda ocupam majoritariamente esses espaços. Enquanto jornalistas, a nossa função é cada vez mais reverberar essas desigualdades para que elas possam ser socialmente combatidas. Em nosso ofício, cabe a nós procurarmos, sem trégua, representar diferentes pessoas (inclusive as mulheres) em nossas produções jornalísticas. Só posso desejar que o *Lugar de Mulher* continue a sua jornada e procure ainda mais inclusão em seu futuro, para que possamos estabelecer diálogos entre jornalistas e fontes cada vez mais diversas. Acredito que estamos só começando a entender a importância da diversidade de pessoas nos mais diversos espaços e desejo que continuemos a trilhar esse caminho.

6 FINAL (DESTE) PERCURSO

Quando penso no percurso que realizei até chegar à conclusão deste trabalho, várias memórias vêm simultaneamente à cabeça. Lembranças de meus primeiros dias na UFRGS TV e no fato de que decidi me inscrever para o processo seletivo da televisão universitária após assistir a uma edição do programa *Lugar de Mulher*. Além do foco no debate sobre desigualdade de gênero no ambiente científico, o programa apresentava uma forma mais intimista de fazer jornalismo, ao permitir que as pessoas narrassem suas histórias, refletissem sobre suas trajetórias com a mínima interferência do possível da repórter. Então, ao fazer estágio no local, foi natural que me envolvesse com o programa. Mas, hoje, além dessas memórias surgem várias vozes também, vozes que ouvi no decorrer deste caminho, ao ter a possibilidade de produzir programas dessa série e de realizar as entrevistas para este trabalho de conclusão.

Um dos primeiros depoimentos que escutei foi o de Gabriella Scott, ao relembrar que a gravação do primeiro *Lugar de Mulher* também foi seu primeiro trabalho enquanto jornalista formada. Já quando fui falar com Marcia Barbosa, professora entrevistada na época por Gabriella, ela me contou que havia entendido o programa como algo mais do que contar sua história para alguém, o que já seria importante. Ela o viu como uma forma de contar o que viveu para si mesma. Desiree Santos, que trabalha com Tecnologia da Informação, foi outra entrevistada que muito me ensinou, ao definiu o programa como uma forma de "hackear o sistema", ao colocar mulheres à frente e atrás das câmeras e ainda unir os debates sobre desigualdade racial e de gênero no mesmo ambiente de discussão.

Essa ação coletiva de refletir sobre o programa *Lugar de Mulher* e seu diálogo jornalista-fonte, realizada com o auxílio de outras 23 meninas, pôde me auxiliar a entender meus questionamentos sobre o jornalismo que procuro no cotidiano de minha atuação e formação, seja enquanto estudante, produtora de conteúdos audiovisuais ou, simplesmente, mulher. E então pude unir a prática à teoria. Enquanto produzia um programa na UFRGS TV, em sala de aula, por exemplo, lia "O nascimento de Joicy", reportagem de Fabiana Moraes (2015), transformada em livro e vencedora do Prêmio Esso de Jornalismo. Nela, a jornalista conta a história de um ex-agricultor que busca o serviço público de saúde para adequar seu corpo masculino à identidade feminina que traz em si. Ele, na verdade, era ela. Era Joicy. E foi nesse livro que fui apresentada ao conceito de jornalismo de subjetividade, no qual "reconhecer que não somos capazes de guiar

comportamentos, falas, sentimentos e situações, aliás, não prejudica a narrativa jornalística; ao contrário, pode enriquecê-la" (MORAES, 2015, p. 159 e 160). Conforme explica a jornalista, isso não significa abandonar teorias e práticas do jornalismo nas quais a noção de objetividade é também essencial, mas "acarreta seu necessário amadurecimento e o entendimento de limites teóricos, profissionais e individuais" (MORAES, 2015, p. 160).

Acredito que foi esse o processo almejado pelo programa aqui em análise, ao buscarmos entender os percursos (e os percalços) de mulheres que seguem carreiras nas ciências exatas. Além disso, como o programa surgiu de um projeto de extensão focado na divulgação científica em escolas de Porto Alegre, seu formato e proposta também se dirige a um público mais jovem, a meninas que ainda podem fazer suas escolhas a partir de oportunidades que desconstroem estereótipos de gênero que estão ao redor delas. E foi o que a produção realizou em algumas situações. Conforme Ingrid Pelisoli e Mariana Boger Netto contaram em entrevista, meninas (e um menino, no caso de Mariana) assistiram ao vídeo e vieram conversar com elas sobre suas preferências pela área das exatas. Se o *Lugar de Mulher*, além de possibilitar uma troca entre suas participantes, puder continuar a estabelecer uma ponte com estudantes que ainda estão realizando suas escolhas profissionais, nossas expectativas serão ainda mais superadas.

Além dessa ponte estabelecida entre quem faz, quem participa e quem assiste ao conteúdo, acredito que essa produção audiovisual auxilia na desconstrução da ideia de que falar de questões de gênero é "coisa das ciências humanas". Como destaca Pavani (2019), "as questões de gênero, de estereótipos, todo o machismo e toda violência contra a mulher, são transversais na sociedade. E é quando olhamos a área da ciência e tecnologia que vemos o quão é perverso esse aspecto cultural, que é estrutural".

Se o jornalismo auxilia no entendimento de condições sociais, podendo reproduzir estereótipos ou desconstruí-los, a universidade também tem um papel primordial nessa transformação, através da pesquisa e da divulgação científicas. Pensar no futuro de um programa como o *Lugar de Mulher*, produzido por uma televisão universitária, é, antes de tudo, pensar no futuro da universidade pública e do incentivo à pesquisa. Nos últimos meses, temos recebido uma série de ataques à educação pública por parte de quem mais nos devia apoiar, o próprio governo federal. No mês de abril, o Ministério da Educação anunciou um corte de 30% em repasses para

todas as universidades federais[46]. Houve congelamentos de bolsas de pesquisa[47] da Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior) e do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), isso sem mencionar a deslegitimação do conhecimento científico e as ameaças à autonomia universitária, com a nomeação de reitores não eleitos. Vivemos em processo de constante atenção e, acredito eu, viveremos por muito mais tempo nessa situação. Acredito que não será fácil a manutenção de programas como o *Lugar de Mulher*, que repercutem e analisam as desigualdades sociais existentes. Tempos atrás, as mulheres, por exemplo, não observavam o meio acadêmico e científico como uma possibilidade, afinal, quando não vemos ninguém como nós em um espaço, pensamos que não deveríamos fazer parte dele. Cabe a universidade[48] estar em constante processo de aprendizagem, de buscar ser cada vez mais acolhedora, combatendo desigualdades e entendendo diferenças. Cabe ao jornalismo e a nós, jornalistas, fazer o mesmo.

---

[46] Para saber mais sobre os cortes nas universidades, acesse: https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2019/04/30/mec-anuncia-corte-de-30percent-em-repasses-para-todas-as-universidades-federais.ghtml. Sobre a ausência de justificativas do MEC para a ação: https://www.sul21.com.br/ultimas-noticias/politica/2019/05/no-congresso-ministro-da-educacao-nao-explica-motivo-dos-cortes-nas-universidades/.

[47] Sobre os cortes de bolsas na Capes: https://g1.globo.com/educacao/noticia/2019/09/02/capes-deixa-de-oferecer-5613-bolsas-a-partir-deste-mes-e-preve-economia-de-r-544-milhoes-em-4-anos.ghtml. Sobre os cortes de bolsas no Cnpq, acesse: https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/noticia/2019/04/cnpq-congela-mais-de-55-mil-novas-bolsas-de-projetos-de-pesquisas.html.

[48] Sobre algumas mobilizações da UFRGS e de outras instituições diante desse contexto: https://www.sul21.com.br/ultimas-noticias/geral/2019/10/ufrgs-na-rua-e-greve-de-48-horas-comunidade-academica-se-mobiliza-contra-cortes/.

REFERÊNCIAS

Após impeachment, Dilma leva vida reservada no RS; veja entrevista. Disponível em: < http://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/11/1828285-apos-impeachment-dilma-leva-vida-reservada-no-rs-veja-entrevista.shtml>. Acesso em: 20 out. 2019.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 2011.

BIAN, Lin; CIMPIAN, Andrei; LESLIE, Sarah-Jane. **Gender stereotypes about intellectual ability emerge early and influence children's interests**. Science Magazine, n. 6323, vol. 355, p. 389-391, 2017. Disponível em: https://science.sciencemag.org/content/355/6323/389.full. Acesso em: 20 out. 2019.

BRITO, Carolina; LIMA Jr, Paulo; PAVANI, Daniela. **Meninas na Ciência:** atraindo jovens mulheres para carreiras de ciência e tecnologia. Revista Gênero, n. 1, vol. 16, p. 33-50, Niterói, 2015. Disponível em: http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/view/744. Acesso em: 30 set. 2019.

CARNEIRO, Sueli. **Mulheres em movimento**. Estudos Avançados, v. 17, n. 49, p. 117-133, São Paulo, 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142003000300008&script=sci_arttext. Acesso em: 20 out. 2019.

COLLINS, Patricia Hill. **Se perdeu na tradução?** Feminismo negro, interseccionalidade e política emancipatória. Parágrafo, n. 1, v. 5, São Paulo, 2017. Disponível em: <revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/download/559/506>. Acesso em 10 nov. 2019.

DAVIS, Angela. **Mulheres, cultura e política.** São Paulo: Boitempo, 2017.

DUARTE, Jorge. **Entrevista em profundidade.** In: BARROS, Antonio; DUARTE, Jorge (org). Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. São Paulo: Atlas, 2015.

Elas nas Exatas. Disponível em: <http://www.fundosocialelas.org/elasnasexatas/elas-nas-exatas>. Acesso em: 03 nov. 2019.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Uma introdução aos estudos culturais**. Revista FAMECOS, n. 9, p. 87 a 97, Porto Alegre, 1998. Disponível em: < http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3014>. Acesso em: 02 nov. 2019.

FAVARETTO, Fernando. **Universidade: a vida é mais** – uma experiência de transformação potencializada pela UFRGS TV. Tese (Doutorado em Educação). Porto Alegre: UFRGS, 2018. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/handle/10183/181871. Acesso em: 27 ago. 2019.

HALL, Stuart et al. **A produção social das notícias:** o *mugging* nos *media*. In: TRAQUINA, Nelson (org). Jornalismo: questões, teorias e "estórias". Lisboa: Vega, 1993.

INFOGRÁFICO: Os caminhos de mulheres e homens na ciência brasileira. Disponível em: < http://www.generonumero.media/infografico-os-caminhos-de-mulheres-e-homens-na-ciencia-brasileira/>. Acesso em: 03 nov. 2019.

LISBÔA, Maria Elisa Swarowsky. **A TV universitária como possibilidade para o jornalismo científico –** um estudo sobre o programa *Multiponto* da UFRGS TV. Trabalho de conclusão de graduação. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Porto Alegre: UFRGS, 2010. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/handle/10183/28083. Acesso em: 24 ago. 2019.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação:** uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 2011.

Lugar de Mulher – Marcia Barbosa. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=IgoZE6frDy0. Acesso em: 03 set. 2019.

Lugar de Mulher – Patricia Pranke. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=6cdn2zvlVp0. Acesso em: 03 set. 2019.

Lugar de Mulher - Ingrid Pelisoli e Natacha Zanon Dametto. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=em90UsXSuyQ&t=1s. Acesso em: 03 set. 2019.

Lugar de Mulher - Marcely e Francieli Zanon Boito. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=fznErUCN1v8. Acesso em: 03 set. 2019.

Lugar de Mulher - Mariana Netto. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=2-QEi8_Br_g&t=72s. Acesso em: 03 set. 2019.

Lugar de Mulher - Pietra Fritsch. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=s0YI0k9aZ18&t=41s. Acesso em: 03 set. 2019.

Lugar de Mulher - Amanda Bianchi. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=pOamD4y8n0E. Acesso em: 03 set. 2019.

Lugar de Mulher - Anne Costa, Desiree Santos e Juliana Oliveira. https://www.youtube.com/watch?v=DmPlMgk1g0A&t=437s. Acesso em: 03 set. 2019.

Lugar de Mulher - Raíssa Kist. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=XP2FWyn9jcY&t=1s. Acesso em: 03 set. 2019.

Lugar de Mulher - Gurias nas Exatas. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=pyvSpKnzym4. Acesso em: 03 set. 2019.

Lugar de Mulher - Mulheres de Gaia. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=euIiQhzLHeY. Acesso em: 03 set. 2019.

Lugar de Mulher - Juliana Estradioto. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Qs93S5824_Q&t=2s. Acesso em: 03 set. 2019.

MEDITSCH, Eduardo. **Jornalismo como forma de conhecimento**. Intercom-Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, n. 1, v. 21, 1998.

Minimanual de Jornalismo Humanizado – LGBT. Disponível em: < https://thinkolga.com/ferramentas/minimanuallgbt/>. Acesso em: 03 nov. 2019.

MORAES, Fabiana. **O nascimento de Joicy:** transexualidade, jornalismo e os limites entre repórter e personagem. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2015.

MORAES, Fabiana; VEIGA DA SILVA, Marcia. **A OBJETIVIDADE JORNALÍSTICA TEM RAÇA E TEM GÊNERO:** a subjetividade como estratégia descolonizadora. In: XXVIII Encontro Anual da Compós, Porto Alegre, 2019.

PEIXOTO, Fabiana; PRIOLLI, Gabriel (Orgs). **A televisão universitária no Brasil** – Os meios de comunicação nas instituições universitárias da América Latina e Caribe. São Paulo: UNESCO, 2004. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000139903. Acesso em: 24 ago. 2019.

PEREIRA, Helenadja MR; SANTOS-GOUW, Ana M.; BIZZO, Nelio. **O interesse dos jovens brasileiros pelas ciências:** algumas considerações sobre a aplicação do projeto internacional ROSE no Brasil. Anais do IV Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, 2009. Disponível em: http://www.nutes.ufrj.br/abrapec/viiienpec/resumos/R0066-3.pdf. Acesso em: 26 out. 2019.

PERUZZO, Cicilia. **Observação participante e pesquisa-ação.** In: BARROS, Antonio; DUARTE, Jorge (org). Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. São Paulo: Atlas, 2015.

PORCELLO, Flávio. **TV universitária**: Limites e possibilidades. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

Portal CNPq, Chamadas Públicas. Disponível em: http://memoria.cnpq.br/chamadas-publicas;jsessionid=AB5CC18C1F80B8132041266FFBCAEC9E?p_p_id=resultadosportlet_WAR_resultadoscnpqportlet_INSTANCE_0ZaM&filtro=resultados&detalha=chamadaDivulgada&idDivulgacao=4341. Acesso em: 20 out. 2019.

PREVEDELLO, Carine. **Televisões universitárias público-estatais no interior do Brasil:** um breve eco da pluralidade rumo à digitalização. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação).

São Leopoldo: UNISINOS, 2013. Disponível em: http://biblioteca.asav.org.br/vinculos/000007/00000755.pdf. Acesso em: 29 ago. 2019.

SCOTT, Joan. **Gênero:** uma categoria útil de análise histórica. Revista Educação & Realidade, n. 2, v. 20, Porto Alegre, 1995. Disponível em: < https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>. Acesso em: 10 nov. 2019.

Sobre o *Parent in Science*. Disponível em: <https://www.parentinscience.com/sobre-o-parent-in-science>. Acesso em: 03 nov. 2019.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: por que as notícias são como são.** V. 1. Florianópolis: Insular, 2005.

VARELA, Nuria. **Feminismo para principiantes**. Barcelona: Ediciones B, 2008.

VEIGA DA SILVA, Marcia. **Masculino, o gênero do jornalismo:** um estudo sobre os modos de produção das notícias. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação). Porto Alegre: UFRGS, 2010. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/handle/10183/25629. Acesso em: 10 nov. 2019.

APÊNDICE A – Entrevista Daniela Pavani (Presencial)

O PROJETO MENINAS NA CIÊNCIA

O projeto (Meninas na Ciência) toma forma em 2013 quando o CNPq lança edital pra propostas que promovam a presença de meninas nas ciências da Física, Engenharias e Computação. Foi um edital que saiu no final de 2013. A história é um pouco anterior. Nós temos no Instituto de Física, no Departamento de Astronomia, um programa de ciência móvel que completa vinte anos neste ano, o Observatório Educativo Itinerante. Com ele, a gente viaja o interior do Estado fazendo formação de professores, oficinas para estudantes, atividades em praças públicas.

Eu atuo desde a minha época de pós-graduação nesse programa. É uma experiência muito rica de ter contato direto com a população e com as escolas. E era algo que já chamava a nossa atenção quando a gente ia lidar direto com os estudantes – porque esse programa está mais focado nos professores, mas faz atividades com estudantes. Quando a gente ia lidar com estudantes, as crianças de séries iniciais eram cheias de perguntas, sem vergonha de perguntar, perguntas até difíceis de responder, meninos e meninas super empolgados. Na medida em que vão passando os anos na etapa escolar e essas crianças vão se tornando jovens, além de um comportamento geral de perder um pouco de interesse ou de perder a naturalidade em fazer perguntas - acho que muito tem a ver com a nossa escola que acaba não incentivando esse protagonismo – além disso, a gente percebe uma queda maior ainda na participação das meninas.

E a gente tem uma vivência de ser mulher na área das ciências. Então quando surgiu o edital, eu coordenava esse projeto Observatório Educativo Itinerante e a diretora do Instituto de Física – que era a Marcia Barbosa, que é uma referência nacional e internacional nas questões de gênero – ela me chamou e chamou o professor Paulo Lima Junior, porque o mestrado dele foi sobre análise das questões de gênero na Física. Então ela nos chamou para esse edital.

Lendo um pouco sobre o que já havia na época sobre questões de gênero e feminismo, nós percebemos algumas coisas importantes. Parecia muito clara a necessidade de exemplos, de apresentar aos jovens – e especialmente às meninas – exemplos de mulheres que, apesar das dificuldades, tivessem tido sucesso na carreira, apresentar as ciências como algo interessante, a necessidade de trabalhar a divulgação científica na escola, criando um ambiente empolgante, também com atividades específicas para as meninas.

Alguns estudos já apontavam que ter alguns espaços em que elas são protagonistas auxiliavam a aumentar a autoestima, a se sentirem mais seguras para ir a um ambiente que tivesse meninos. Então fomos montando a proposta do Meninas na Ciência pensando nesses aspectos: divulgação científica para toda escola, formação de professores sobre questões de gênero e sobre ciências, modelos para as meninas e atividades em espaços somente para meninas. O projeto é então aprovado nesse edital. E em 2014, o próprio Instituto de Física já o abraça como projeto de extensão cadastrado na universidade.

A PARCERIA COM A UFRGS TV ATRAVÉS DO “LUGAR DE MULHER”

Quando a gente pensa a proposta do edital, já está bem claro que precisamos mostrar modelos. Então, o nosso colega Walberto Chuvas, que trabalha com extensão no Instituto de Física, pensou na UFRGS TV para uma parceria. Então marcamos uma reunião com o Fernando e apresentamos o edital para ele, já com a ideia de apresentar mulheres que tivessem sucesso profissional e financeiro.

Falando nas ciências exatas e da terra, temos um problema de que poucas pessoas optam por essas carreiras. Isso é o primeiro problema. A gente não pode pensar em um país que vá se desenvolver de forma independente e soberana sem ciência e tecnologia. Por isso, a importância da divulgação científica para todos, de mostrar a carreira de ciência e tecnologia como uma carreira de sucesso, que não siga o estereótipo do cientista escabelado, que não tem noção da realidade e ganha pouco.

E quando se fala em carreiras, pensamos na universidade e no mundo corporativo também. E dessa conversa com o Fernando já surge a ideia do Lugar de Mulher como um programa de entrevistas curtas, com depoimentos de mulheres mostrando suas trajetórias e dificuldades, como elas superaram o machismo, como elas lidaram com as relações familiares e profissionais. Então o programa já surge na base, no início do projeto Meninas na Ciência.

DESENVOLVIMENTO E TEMÁTICA DO PROGRAMA AO LONGO DOS ANOS

O primeiro ano foi bem interessante e nos surpreendeu. Planejamos que metade das entrevistadas seriam da academia e metade seriam de fora. A ideia era apresentar a proposta do programa para elas, mas sem dizer o que elas deveriam falar. Mas a nossa expectativa era de que elas mostrassem a sua trajetória, mas também discutindo suas dificuldades, falando que é possível superá-las. Mas, qual foi a nossa surpresa? Ao entrarmos em contato com outros projetos e outras abordagens de questões de gênero no Brasil, percebemos que essa geração anterior, de mulheres mais velhas, muitas na faixa de 60, 70 anos, algumas, em um primeiro momento, não tinham feito uma reflexão sobre o quanto as dificuldades eram por uma questão de gênero, por serem mulheres. Isso nos surpreendeu imensamente. Então, a gente esperava elas falarem ‘ah, eu enfrentei essas dificuldades, realmente há machismo’, mas a grande maioria nunca se deu conta disso. Mesmo assim, foram entrevistas muito importantes e impactantes. Depois, em geral, quando se vai conversar e se começa a esmiuçar um pouco mais a experiência, elas vão se dando conta.

Mas então a gente se viu diante disso, de que elas não se dão conta. O que então nós vamos fazer a partir do próximo ano? Todo final/início de ano a gente se reúne para pensar qual será a abordagem. No segundo ano, nós pensamos em trabalhar com as jovens que estão indo para essa carreira, pensando então nas pós-graduandas, quem passou pelos primeiros obstáculos e chegou à pós-graduação. Foi excelente porque já vemos a diferença de gerações. Elas já vêm com tudo, posicionadas, enxergando dificuldades.

Como o Lugar de Mulher foi crescendo com o próprio projeto (Meninas na Ciência) e com nosso próprio crescimento em entender melhor essas questões. Uma coisa é você sofrer isso e perceber que não é algo individual, que é coletivo. Outra coisa é estudar o que as ciências humanas têm

produzido sobre isso. É muito comum essa discussão nas humanas, mas não era uma discussão que havia nas exatas. Então a gente precisou estudar sobre isso. Precisou trazer para a linguagem das exatas, que é muito número e estatística, ligando com a questão da educação.

A gente começou a se preocupar em como a criança na escola (lida com isso), em qual seria o impacto de um currículo que já carregue, em sua essência, um olhar diferenciado para meninos e meninas.

Quando a gente fez o segundo ano, já estávamos convencidos de que as nossas ações eram importantes no Ensino Médio, que, em geral, as escolhas de carreiras se solidificavam no EM, mas já vinham sendo pensadas antes. Então já no segundo ano surgiu a ideia de que o próximo seria com o foco em meninas de EM, de ensino técnico, meninas que escolheram cursos técnicos que são esperados de homens.

A cada ano, cada entrevista, cada olhar das nossas entrevistadas nos auxiliavam a pensar como seria o ano seguinte. No quarto ano, já estava muito claro para nós que as questões de gênero que vão bloqueando o acesso das mulheres - a gente chama 'o labirinto de cristal' quando tu não consegue andar na carreira e ascender – que esse labirinto é distinto para as mulheres. Quando falamos em mulheres brancas de classe média, haverá um impacto. Mas se eu falo de mulheres brancas de classes populares, vou ter outros problemas. Se falamos em mulheres negras, o caminho é completamente distinto. Então a gente precisava trazer essa realidade.

E o que é ser mulher? Como ficam as que se tornam mulheres a partir de um processo de transição, como é o caso das mulheres transgêneras. E aí começamos a ter outras dificuldades, de encontrar mulheres negras na universidade ou no mundo corporativo, de encontrar mulheres transgêneras que queiram se expor.

Já no ano passado, a gente se dá conta de que o Lugar de Mulher já pode ser considerado um projeto paralelo ao Meninas na Ciência, já tinha ganhado um corpo próprio. Olhando o crescimento do projeto e também por questões administrativas, de fomento e de conseguir mais apoio, o Lugar de Mulher foi então proposto como projeto de extensão independente, separado do Meninas na Ciência.

COMO SE OBSERVA O AVANÇO DO DEBATE DE QUESTÕES DE GÊNERO

O edital de 2013, lançado pelo CNPq, já é resultado de um acúmulo anterior, de muita pressão e discussão dentro das estruturas institucionais. A gente tem todo um acúmulo anterior das ciências humanas, que é fundamental. E às vezes eu brinco que o pessoal pode 'ficar de cara' porque quando a gente tem as áreas das ciências exatas entrando nessa discussão, isso dá um 'boom'. Por quê? Porque isso, para a opinião pública e para o senso comum, não é um assunto das exatas, é da filosofia, da sociologia. Mas as questões de gênero, de estereótipos, todo o machismo e toda violência contra a mulher, são transversais na sociedade. E é quando olhamos a área da ciência e tecnologia que vemos o quão é perverso esse aspecto cultural, que é estrutural, que faz uma divisão internacional do trabalho, entre qual é o papel do homem e qual é o papel da mulher, faz uma divisão dos papéis sociais, do que é ser mãe ou pai. Quando vamos para as áreas das exatas, isso fica muito mais latente. Por isso que ganhamos muito destaque e espaço, inclusive, sofremos

menos ataques do que o pessoal das ciências humanas porque acho que muita gente não se dá conta de que estamos discutindo feminismo, sim.
Esse assunto começa a ser mais discutido na área de ciência e tecnologia e forma um caldo de cultura que, a partir daí (2013), a gente começa a ver várias iniciativas na universidade e fora, de ONGs, de coletivos de mulheres, de cooperativas femininas que vão falar de trabalho e acesso à renda.
Uma das grandes ações do Meninas na Ciência que a gente já percebeu é que, a primeira coisa que temos de fazer quando chegamos a um lugar é mostrar pras pessoas que o nosso dia-a-dia está cheio de estereótipos de gênero, que as nossas escolhas não são somente as nossas escolhas, elas vêm com uma carga de estereótipos muito grande. Vamos mostrando como as crianças enxergam as profissões, vamos olhar como é o papel das mulheres nos filmes, vamos olhar os livros didáticos e como as mulheres são apresentadas neles. E é muito impactante como as pessoas acabam se emocionando, homens e mulheres, 'gente, isso estava aí e eu nunca vi'. A palavra é 'desvelar' mesmo, tu tira o véu sobre as coisas que as pessoas achavam natural. As meninas mais jovens já estão nesse espaço de discussão e vão percebendo de uma forma mais clara. Não é um problema dela, é um problema do ambiente em que ela vive.

A PRESENÇA FEMININA NOS BASTIDORES DO PROGRAMA

A exemplo do que a gente viu no primeiro ano do programa, não basta ser mulher para compreender esses problemas. Mas no caso da produção do programa, ter a presença de só mulheres nessa linha de produção é importante para conscientizar essas futuras profissionais da área porque elas estão acompanhando essas entrevistadas e as nossas discussões. Acho que é importante dar protagonismo às mulheres. Não é somente por ser mulher que terá um olhar diferenciado, mas o contexto de produção do programa, de termos talvez uma bolsista que não tenha se dado conta, isso auxilia. No momento em que ela se dá conta, ela passa a ter outro olhar, outra abordagem e isso faz diferença. Isso também constrói um processo de amadurecimento e de autoconhecimento que vai tornar o programa com um olhar diferenciado porque, sim, quando vivemos aquilo e temos consciência do que estamos vivendo, o nosso olhar será diferente.
Essa também é uma discussão em que precisamos trazer os homens. A gente não soluciona isso nem individualmente, nem só com as mulheres. É sempre uma discussão quando o pessoal diz 'ah, mas por que só mulher?' Porque é sempre homem e a gente precisa dar protagonismo pras mulheres. Quando tivemos mais equidade, podemos não se preocupar mais com isso. Historicamente, elas são mais esquecidas e invisibilizadas, inclusive em uma atividade como essa nas TVs.
28:30 – Esses momentos em que paramos pra pensar como será o ano que vem, normalmente, temos uma só reunião presencial no ano, essas reuniões são muito legais de fazer esse olhar de como foi o ano anterior, quais são as dificuldades. E fico muito feliz de ver como conseguimos abordar o assunto de maneira mais ampla nesses anos. A gente ainda não consegue perceber o impacto do Lugar de Mulher. Com o tempo, a história vai nos mostrar.

APÊNDICE B – Entrevista Gabriella Scott (Presencial)

PROCESSO DE CRIAÇÃO DO LUGAR DE MULHER

A primeira lembrança que eu tenho de como esse projeto surgiu foi uma reunião que fizemos no Instituto de Física. Fomos, aqui da TV, eu e o Fernando. Daniela Pavani, Walberto Chuvas e creio que a Carolina Brito também estava presente. E lá discutimos o embrião do que seria o Lugar de Mulher. Na época, era um projeto contemplado pelo MEC (o Lugar de Mulher estava inserido no projeto Meninas na Ciência). E a criação de um programa, que ficaria na disponível na Internet, iria abranger um público maior, iria ter uma vida útil maior.

Sobre o primeiro ano: mulheres com carreiras bem sucedidas nas exatas, tentando abarcar mulheres da universidade e de fora dela. Os primeiros nomes que nos vieram à mente foram o de mulheres do próprio Instituto de Física e conhecidas, parceiras dessas professoras, que elas sabiam que estavam bem posicionadas no mercado de trabalho.

Desde o início, o Fernando lembrou de mim, pensou em mim para, digamos assim, ter uma coordenação geral do programa. Os primeiros eu fiquei como responsável diretamente. Depois começamos a ter mais bolsistas e meninas estudantes, que fariam o programa com a minha ajuda. E, até hoje, eu diria que ajudei em mais de 90% dos programas, nem que fosse numa revisão geral. Na maioria das externas, em praticamente todas, eu fui porque faço questão, eu gosto, é um projeto que me incentiva muito. E a primeira entrevista, do primeiro Lugar de Mulher - com a Márcia Barbosa, diretora do Instituto de Física – que é uma mulher super engajada no tema, foi a primeira entrevista que eu fiz depois de formada na universidade. Foi no início de 2014 e eu me formei no dia 31 de janeiro. Inauguramos (o programa) em março de 2014 por causa do Dia da Mulher. Foi a primeira (entrevista) que fiz como jornalista formada e tenho muito orgulho e felicidade de lembrar, de ter esse marco. Foram dois momentos importantes, começar o (programa) Lugar de Mulher e ser essa a primeira entrevista depois de ter recebido o diploma. Então, são as primeiras lembranças que tenho do programa.

Como é um programa que, desde o início, a gente pensou para jovens e incentivar meninas mais novas a seguirem nessas áreas, a gente quis uma linguagem mais jovem. Então pensamos num formato mais curto, que fosse mais dinâmico, mais interessante para esse público. Desde o início, queríamos tocar diretamente no ponto. A gente também sempre pensou em trilhas mais animadas, em ter uma passagem inicial com a repórter explicando um pouquinho a história dessas mulheres e, depois, muita imagem de ilustração. Salvo raras exceções, a gente sempre fez imagens no local de trabalho ou de estudo dessas pessoas. A gente também viajou pelo estado, não ficamos só em Porto Alegre. Fizemos vários IFs, isso também foi bem legal, de conhecer outros lugares, a gente foi até essas mulheres mostrar esses lugares. O formato tem a ver com isso também, utilizar de cenário, de pano de fundo a vivência e o lugar dessas mulheres, não só social e simbólico, mas físico também.

Cada ano, pensamos numa temática. No quarto ano, foi um ano bem complicado de conseguir fontes. A gente percebeu que a representatividade diminuir mais nesse sentido, e por isso era ainda mais importante trazer à tona essa questão. A gente tenta ao máximo que sejam sempre

equipes femininas, mas não restringimos a participação masculina. É claro que as bolsistas do projeto, as responsáveis por ele, são mulheres, mas já tivemos meninos fazendo câmera. Até por ser uma temática que engaja muito as meninas, elas se dispõem muito a ir, então já temos até umas equipes meio fixas, umas "figurinhas meio carimbadas" que sempre vão ao Lugar de Mulher porque gostam.

A PRESENÇA FEMININA NOS BASTIDORES

Com certeza, encoraja e deixa mais à vontade. A gente já escutou várias histórias que acabaram não indo para o programa final, por uma questão ética de tentar preservar as meninas e também já ouvimos muitas histórias em off. Nos momentos em que estamos montando ou desmontando material, a gente se torna muito próxima dessa fonte porque ela se abre muito com a gente em vários sentidos. Ela está falando 'bah, eu sofri preconceito e tive um professor que virou para mim e falou tal coisa'. A gente lida com coisas bem pessoais, no ano, especialmente, em que entrevistamos as mulheres trans e negras, tivemos relatos muito fortes, inclusive de casos que viraram processos judiciais, de mulheres trans que disseram que tinham medo de andar na rua.

A gente puxa a pontinha do fiozinho ao chamar as meninas pras áreas das exatas, mas ao desnovelar o novelo, tem muitas camadas. Então eu acho que ter uma equipe, em primeiro lugar, muito empática e receptiva. A gente sempre briefa bem as meninas. Eu lembro da primeira menina trans que a gente entrevistou, ela estava em processo de transição e a gente também percebeu que ela era mais tímida. É todo um processo de criar um laço com essa pessoa, como a gente cria com qualquer entrevistado, mas ali o processo se torna ainda mais delicado. No momento em que tu se depara com várias meninas carregando câmera, carregando tripé, mostrando que é possível, que tem uma mulher ali também. Ali também é lugar de mulher. E elas já passaram por situações praticamente iguais as que tu passou. A alteridade é muito exercitada nesse momento. Tu tem que ter um olhar sensível pra aquela pessoa que está se abrindo e que também está doando o tempo dela para ti. Tem a ver com empatia, representatividade e encorajamento.

O DISCURSO DAS MULHERES AO LONGO DOS ANOS

Sim, percebo e nitidamente, assim drasticamente, ainda bem, mas eu vou fazer uma ressalva depois, eu percebo que ali os primeiros que a gente fez com as mulheres mais velhas, algumas como a Márcia, como a Miriani Pastoriza, que contou também toda a historia dela que ela teve que ter a autorização dos pais pra poder viajar com os colegas, pra fazer observações e tal, que ela é astrofísica também, umas coisas malucas que tinham um discurso bem engajado também e bastante realista já com os olhos bem abertos a respeito da realidade, apesar de ter essas mulheres de inicio lá desde o primeiro ano a gente também passou por algumas, principalmente das gerações mais velhas, eu diria que todas das gerações mais velhas que falaram "Ah, não, mas eu não senti nada" assim, "Ah, se tu se esforçar que nem um homem tu tem as mesmas habilidades tu tem as mesmas capacidades tu vai chegar lá que nem ele" "Ah, porque é todo mundo ser humano" ou coisas que a gente escuta ainda hoje, em um dos últimos programas eu escutei isso e

eu ainda fiquei meio chocada com uma professora dizendo “Ai, pois é, porque é importante trazer diversidade para as equipes, sim, obviamente sim, porque, por exemplo, nós mulheres, a gente tem essa sensibilidade de saber lidar melhor em equipe, saber comandar melhor, de alguma maneira ser mais empática ou ser mais sensível”. Eu não concordo e várias vezes eu escutei esse discurso que, na verdade, é enraizado de uma maneira que tu não vê para o “mal”. “Ai, é bom ter mulheres na equipe porque elas são mais sensíveis, mais detalhistas”. Pô, isso é um elogio disfarçado, é, na verdade, um grande estereótipo disfarçado de elogio, sabe? “Ai, é ótimo ter uma mulher porque ela é super detalhista”. Pô, nem toda mulher, sabe? Assim como tem vários homens que são ou “Ai, não o homem tem essa coisa mais corajosa”. Pô, olha a quantidade de mulher corajosa que a gente tem por aí, eu diria que muito mais do que homem, sabe? Então a gente ainda escuta esse tipo de coisa, ainda existe e ainda é, digamos assim, um estereótipo “positivo”. Isso de a gente ter escutado “ Ah, pois é, porque eu não sofri nada, eu não senti, pra mim foi igual, eu me esforcei igual”, eu escutava mais antes, lá no início, e dessas gerações mais velhas. E o que eu percebo é essa alteração no discurso no sentido de tirar um pouco os óculos ou limpar um pouco a lente, sabe? De perceber, inclusive, mulheres mais velhas que antes tinham um discurso e agora já percebem outra coisa, já olham pra trás e pensam “na época, eu não me dava conta, bah, mas realmente aconteceu”, sabe? “Eu tive que me esforçar três vezes mais do que o meu colega homem pra conseguir aquele estágio”, ou “eu escutei muito mais de professor que eu não era capaz do que o meu colega”, porque a gente sabe que as áreas das exatas são duras com todas as pessoas, enfim, mas o que um homem escuta e o que uma mulher escuta? Agora várias mulheres conseguem olhar pra trás e perceber que “bah, sim, agora que eu abri meu olho eu percebi que aconteceu”.

APROXIMAÇÕES COM A TEMÁTICA DE GÊNERO E DESAFIOS ATUAIS

Falando um pouquinho de mim, eu acho que eu tenho essas inquietações e sempre fui inclinada a estudar e pesquisar, e me sentir feminista desde cedo, desde a criação. A minha mãe me teve com 30 anos, em uma época em que era normal ter filho com 19, 21. A minha tia teve meu primo com 19 e a minha mãe dizia “Não, eu não quero fazer enxoval, eu quero viajar, eu quero curtir” e acabou tendo filho com 30. Então, acho que já vem de família.

Dediquei o meu TCC pra minha mãe por causa disso, a minha avó também era uma pessoa super empoderada e para frente, para a geração dela, enfim, muito forte, então acho que vem de família desde sempre. Logo que entrei na universidade, eu já sabia que meu TCC iria ter alguma coisa a ver com isso e quando eu fui me aproximando mais de fazer o projeto, de fazer o TCC, as pessoas que me perguntavam “Ah, o que vai ser?” e eu dizia “TV e relações de gênero, porque são duas coisas que eu gosto e eu quero mesclar”. E as pessoas diziam “Ah, é óbvio, capaz que sendo tu não iria ser isso, não iria ter alguma coisa a ver com isso”. Então eu acho que eu meio que já sempre perpassei esse discurso, já transpareci também, porque acho que eu me revolto muito com essa questão do estereótipo feminino porque me sinto muito diferente desse estereótipo em ações, atitudes, pensamentos, enfim, tudo, então acho que eu sempre questionei muito e já me vi nesse lugar desde cedo por tudo isso.

Que bom que vem aumentando muito esse discurso. Vejo isso qualitativamente e quantativamente, sendo que o número de TCCs, de mestrados, doutorados, enfim, na área, tem crescido muito e, ao mesmo tempo que cresce, cresce a visibilidade e cresce a pancadaria em cima também. A maneira como a Butler foi recebida aqui no Brasil e como ela vem sendo demonizada, eu fico imaginando, até esses dias eu parei para pensar. Pô, eu li Butler com muita vontade, querendo pro TCC, pra vida também, e, cara, é bem difícil de entender, ela tem uma linguagem bem trincada, eu fico pensando, será que essas pessoas leram isso? Porque eu, que li com vontade, já encontrei uma baita dificuldade, imagina essas pessoas que estão batendo nela que aposto que nunca pegaram uma linha dela, porque não iam nem entender, porque se tu te esforça ainda é difícil, imagina se tu está pegando para bater, mas essas pessoas nunca leram Butler. Mas eu vejo que cresceu muito, se cresce, cresce a visibilidade e cresce a onda contra, é tudo muito cíclico. A gente teve uma onda muito boa, de muita libertação, que eu acho que ainda avança em vários sentidos, mas a gente vai ter uma onda conservadora em cima.

Acho que os principais desafios, em termos de continuar o Lugar de Mulher, é isso da infraestrutura, de verbas, e também da - eu odeio essa expressão porque ela é muito dramática - mas da perseguição ideológica. Eu acho que a gente vai ter indicação de novo reitor daqui a pouco, e assim como ocorreu em outras universidades, muito provavelmente, infelizmente, aquele reitor indicado da lista tríplice não será o sancionado pelo presidente. Então a gente vai ter uma nova visão na autoridade máxima da universidade. No melhor dos cenários, a gente vai continuar com o programa e no cenário, eu diria, assim, mais realista, a gente vai continuar como TV universitária... Eu não sei, sinceramente, sobre o futuro, eu acho que mais do que pensar no futuro do Lugar de Mulher que - obviamente é super importante para mim, eu tenho um carinho gigante -, é pensar no futuro da UFRGS TV e da UFRGS como um todo, sabe? Então, eu acho que a gente está analisando um micro, mas pensando que o macro é desastroso também.

Então, qual o desafio para continuar o programa? Ah, eu queria dizer novas fontes, pensar novas temáticas, expandir, pensar o Brasil inteiro, Rio Grande do Sul, ah, talvez um pouquinho de falta de verba, talvez seja meio complicado continuar com bolsistas, treinar o pessoal... Mas não, eu acho que o maior desafio é muito maior do que isso, sabe? É continuar mantendo a universidade pública do jeito que a gente mantém. Eu sou uma funcionária, faço questão de dizer isso, uma funcionária terceirizada da comunicação, sou formada já como jornalista, eu me formei dentro da UFRGS TV, eu digo que eu aprendi muito mais dentro da TV universitária do que dentro da Faculdade de Comunicação, inclusive, Fernando foi um grande professor e é todos os dias, pra mim, um grande professor. Eu cresci aqui dentro, eu tenho o meu emprego aqui dentro, eu tenho a minha estabilidade aqui dentro, eu tenho a minha carteira assinada aqui dentro - estabilidade entre muitas aspas, porque agora, cada vez mais, a cada dia eu acordo sem saber se eu vou ter emprego no outro dia. Então, durmo pensando nisso e acordo pensando nisso, claro, pensando egoicamente no meu emprego. Eu sei que a universidade, para muitas pessoas, é o emprego, é o estudo, é o sustento de muitas pessoas também, mas eu acho que, como uma funcionária ainda terceirizada e da comunicação, e de uma universidade pública, eu acho que eu estou em um dos

piores locais que eu poderia estar neste momento. A gente vê restrições e perseguições mesmo, e tem tanta coisa que a gente olha e pensa que é surreal, eu não teria nenhuma outra palavra para descrever, é surreal, aquilo ali já transcendeu a realidade, parece até que a gente se sente meio anestesiado, sabe? Porque não pode ser real. Então demarcando a minha posição como ser enquanto sou, queria dizer que o desafio vai ser micro, manter o programa com boa qualidade, e manter a universidade.

APÊNDICE C – Entrevista Fernando Favaretto (Presencial)

O que você lembra do processo de criação do programa Lugar de Mulher?
A gente já tinha, há um bom tempo, uma parceria com o Instituto de Física da UFRGS, que acho que é um dos mais longevos parceiros da UFRGS TV.
E um dia, a professora Daniela Pavani e o Walberto Chuvas, técnico lá, que são duas pessoas com quem temos mais interface, nos procuraram com a ideia de pensar um programa, principalmente, porque, no Instituto de Física, eles percebiam e discutiam a questão de haver poucas mulheres, tanto estudando ciências exatas quanto atuando nas ciências exatas. Ou então, normalmente, as mulheres, conforme a hierarquia de alguns órgãos e unidades, vão diminuindo a sua inserção. E eles queriam muito contribuir com essa discussão de alguma forma e, também, fazer chegar essa discussão às alunas de Ensino Médio, que seriam potenciais estudantes de graduação, entendendo que é no Ensino Médio que algumas decisões são tomadas e as meninas vão escolhendo algumas profissões.

A gente sabe que, muitas vezes, as mulheres não se sentem autorizadas a fazer escolhas em algumas áreas porque são entendidas como masculinas. Isso ainda existe hoje, quase 2020. Imagina em 2014, cinco anos atrás, que não faz tanto tempo assim. Então quando eles vieram nos trazer essa ideia, a gente começou a ver como poderia pensar essa pauta. Tudo começou com uma ideia e como a UFRGS TV poderia contribuir com uma necessidade, um desejo do Instituto de Física.
Nessas conversas, foi-se chegando à ideia de fazer um programa com esse tema. Inicialmente, nem se pensou que ele poderia durar tanto tempo. Pensou-se em fazer por um ano como um teste. Depois, conversando, foi-se chegando a um nome e a um formato. E se resolveu começar com mulheres que pudessem ser inspiradoras para as novas gerações. O primeiro ano foi isso, mulheres que já tinham uma trajetória. E deu muito certo porque as pessoas com as quais a gente conversou também defendiam esse discurso, que é um discurso político e um discurso didático porque a gente está falando para futuros estudantes do Ensino Superior e para futuros profissionais que podem vir a ajudar a mudar esse estatuto social do mundo do trabalho, que está atrelado ao mundo em geral. A gente está falando de academia e mercado de trabalho, mas a gente também está falando da vida cotidiana de todas as mulheres e de todos os homens.

Se formos comparar as ideias que resultaram na criação da UFRGS TV, lá em 2005, com as ideias que levaram ao surgimento do programa Lugar de Mulher em 2014, quase dez anos depois, o que permanece e o que mudou na UFRGS TV?
A UFRGS TV nasceu muito pequena, com a ideia de uma TV universitária com um ou dois programas no seu nascedouro e ela foi, ao longo do tempo, ampliando a sua grade, a quantidade e o perfil dos programas. Se por um lado a TV foi aumentando a produção, abraçando outros temas e outras áreas, alguma coisa de ser uma TV feita por estudantes permanece. Ao longo do tempo, tem uma gênese didático-pedagógica que não mudou, que é a de trabalhar com os estudantes, dialogar com eles, de permitir que eles exerçam atividades e que coloquem muito de si no que

fazem também. Ao mesmo tempo em que se cresceu numa direção de ampliar os conteúdos, por outro lado, manteve-se uma certa linha editorial, o modus operandi, com algumas mudanças, continua o mesmo.
O Lugar de Mulher chega como mais um programa que é abraçado pela TV, ao mesmo tempo em que a TV é abraçada por uma unidade, que é o Instituto de Física. Mas ele (o programa) reflete um pouco o espírito de entender que é uma questão desse nosso tempo porque, de todas as questões que poderiam ser debatidas, isso também é algo a ser pensado. O que (Qual) é um tema que nós precisamos tratar hoje? Quando ele surgiu, entendia-se que era um tema importante para os estudantes que estavam aqui, não apenas para as mulheres.

O que você destaca no formato do programa? Por que a escolha pela curta duração? Por que o formato de perfil, contando a história de uma mulher ou, quando há um grupo envolvido, optando por entrevistar, no máximo três por vez?
Me parece que é bem importante que o programa se centre na fala de mulheres, permitindo que elas falem. Só isso já é muito importante. E é uma fala muito pouco mediada por um terceiro ou uma terceira. É claro que tem todo um trabalho da profissional que elabora a pauta, que conversa e permite que o diálogo aconteça. É o fruto de um diálogo, mas que aproveita o que de melhor tem na fala daquelas pessoas, no local de trabalho e atuação daquelas pessoas, nos pontos de vista e nas percepções, no histórico e na trajetória delas. É um protagonismo importante porque ele (o programa) quer falar disso. Ele quer falar de protagonismo para provocar e incentivar outros tipos de protagonismo.

A gente entendia que uma menina de Ensino Médio ou de Educação Básica, que vê uma mulher falando com propriedade sobre algo que faz e faz bem e que influencia e provoca mudanças, no trabalho, na universidade, na vida em geral, aquilo poderia ser mais impactante do que se fosse narrado por uma terceira pessoa, por exemplo. Então, a ideia de centralizar na entrevistada, na fonte, é um pouco isso. É mostrar que ela pode falar, também porque estamos falando de silenciamento de mulheres ao longo da história. Então a gente quer desconstruir um pouco essa forma de trabalho e de relação entre homens e mulheres. Nada mais justo de que elas falem.

A duração é porque... A ideia é de que fosse um programa um pouco mais curto, tendo em vista que as novas gerações tão mais afeitas a programas não tão longos. E, como é uma pessoa só, não teria a necessidade de aprofundar tanto os temas, por mais que os temas fossem merecedores de aprofundamento. A ideia é selecionar um pouco do aspecto da trajetória dessa mulher, onde ela está hoje, o que ela faz hoje, como ela chegou até ali, percepções que ela tem dessa relação entre homens e mulheres numa sociedade machista e um pouco de palavra de apoio e incentivo para o mundo em geral e para as pessoas que tão assistindo. Acho que as pessoas têm muito a dizer e, mesmo que não seja muito em termos de tamanho, é muito em termos de simbologia.

Como você percebe os discursos das meninas e das mulheres entrevistadas ao longo dos anos? Você percebe alguma mudança nesses discursos e, consequentemente, nos conteúdos veiculados pelo programa?

Acho que tem diferenças bem significativas, principalmente entre os anos porque se começou com profissionais já com uma carreira mais sólida, no primeiro ano. 12:30 - E se chegou ao último ano em que se mostra a relação entre as gerações, entre uma mulher que orienta e as estudantes que são por ela orientadas, e como se dá essa troca. Cada temporada tem um perfil um pouco diferente de mulheres. E acho que, no início, quando se tinha a ideia de buscar exemplos inspiradores, se partiu de uma questão de mostrar que era possível e dizer 'olha onde elas chegaram'. Com o tempo, acho que o discurso foi se atualizando, em termos de dialogar mais, talvez até por um viés mais político, no sentido da militância das mulheres, que é um aspecto importante também. Talvez, no início, isso não era tão flagrante porque esse é um movimento que tem aparecido mais. Até diria que se a gente fosse falar do grande movimento político global, não só no Brasil, talvez seja a questão das mulheres e do feminismo, que dialoga com muitos outros.

Tem-se falado mais de feminicídios, de quando a mulher é atingida por questões que não são cabíveis de julgamentos, como essas questões até diplomáticas com os políticos do Brasil e da França, que é emblemática desse discurso de colocar a mulher num lugar de culto à beleza e não ao talento ou ao seu valor como ser humano, como cidadã. Tem questões políticas fortes, atuais e que a gente tentou abordar, com uma dificuldade, inclusive, que também é reflexo (desse contexto). Nesses cinco anos, conseguimos (entrevistar) pouquíssimas mulheres negras, não porque não se tentasse, mas porque elas não estão nesses lugares ou estão pouco. E só isso já justificaria ter um programa como esse. A mesma coisa com as mulheres trans. Algumas nós contatamos e não se avançou porque elas, por mais que gostassem da ideia, não quiseram se expor. E isso é cruel, do ponto de vista de entender que essas mulheres se sentem desprotegidas pela sociedade, e poderiam falar, e teriam muitas coisas a dizer, mas têm medo. E elas não deveriam jamais sentir medo, mas nós respeitamos o medo que elas têm.

Então, ao longo do tempo, fomos percebendo, em pequenas situações de produção dos programas, o quanto ainda se precisa falar disso e o quanto isso é uma questão ainda não resolvida no Brasil e, recortando um pouco, não resolvida no espaço da academia e das ciências exatas. Mas acho que o programa mudou positivamente, ele foi dialogando mais com os temas cotidianos relacionados à essa luta e acho que a universidade não pode fugir dela de forma alguma. As TVs universitárias, felizmente, têm uma liberdade criativa e editorial que outras TVs comerciais não têm, a despeito de ter uma abrangência muito menor, infelizmente. Elas têm uma liberdade de tratar desses assuntos porque eles são assuntos da universidade. Eu diria, inclusive, que qualquer assunto é assunto da universidade. Não existe assunto que não deva ou não possa ser debatido na universidade. A gente vive uma época de cerceamento de liberdades e de restrição de temas. Não pode isso. A universidade tem que lutar contra isso. Uma TV universitária pode fazer isso um pouco mais porque ela não está atrelada a nenhum anunciante,

nenhum patrocinador. E também porque uma TV universitária que tem na força estudantil a sua motriz de trabalho pode mais ainda.

O Lugar de Mulher tem sua equipe de produção formada unicamente pelas mulheres da TV. Como você avalia essa presença feminina nos bastidores? Foi algo natural ou foi sendo pensado no decorrer das gravações? Você observa consequências no conteúdo produzido ou nas abordagens realizadas? E na relação com as fontes, você percebe alguma diferença?
No nosso caso, sempre se procurou colocar as meninas à frente desse programa, não que não se pudesse ter uma presença masculina de trabalho, mas se entendeu que ninguém melhor do que as meninas para estabelecerem esse diálogo. Ao longo de cinco anos, muitas meninas ajudaram a criar esse programa. Mesmo que tenha muitas questões que são muito parecidas, ao longo do tempo, como a estrutura, a forma de abordar e produzir, muda de pessoa para pessoa e de ano para ano. Tem bolsistas fixas do programa e outras colaboradoras, mas sempre as meninas que vão para o programa, voltam com algo dali, que é conhecer essa realidade, entender um pouco desse universo no qual elas também estão inseridas e ter esse desafio de fazer uma escolha editorial e técnica que diga algo para outras pessoas. É um programa possível de ser feito em uma TV universitária.

Em TVs comerciais, a gente vê pouco disso. Há mulheres à frente de programas e elas têm tentado fazer alguns movimentos. Acho que já se melhorou muito. Nada está desarticulado. Estamos falando de uma questão muito ampla. O que acontece na Globo quando colocam uma mulher negra para apresentar o Jornal Nacional, embora muito tardiamente na história do telejornalismo, mas não deixa de ser um fato. Ou quando se coloca uma mulher lésbica para ser apresentadora de um telejornal esportivo, ou quando uma novela mostra um caso de violência contra a mulher, de alguma formas as TVs abordam isso e é uma possibilidade da nossa liberdade que não podemos deixar de explorar.

Em algum grau, todas elas vão passar ou já passaram por situações parecidas. Além disso, a gente está criando uma ponte de diálogo. Sempre que conseguimos incentivar diálogos, a gente já está fazendo um bem para a sociedade. No momento que uma menina que, talvez, não iria conversar com aquela outra menina ou mulher não fosse em função do trabalho, já há um ganho ali. É conhecer alguém que ‘tu’ não conhece e estar disposto a ouvir o que a pessoa tem a dizer. É conhecer a história dela e alguns problemas pelos quais ela passou ou passa e enfrenta. É transformar isso em um conteúdo e torná-lo público depois. Faz pensar sobre a sua condição de mulher também. Várias vezes, quando as meninas voltam das gravações, elas manifestam o prazer e a alegria que tiveram em conversar com aquelas mulheres. É sempre o exercício do diálogo. Pode ser que haja alguma que nunca tenha pensado a fundo sobre algumas questões, que talvez seja privilegiada nas suas relações mais próximas e talvez conhecer essas realidades ajude elas a pensarem sobre essas questões.

É claro que a gente nunca fez o exercício oposto de colocar os meninos. Só isso já seria outro exercício importante, mas fazemos algumas escolhas. Foi uma escolha natural e espontânea. Nunca houve uma menina que não quisesse dialogar com essas mulheres. Homens aprendem muito também, mas eles têm esse contato em outras oportunidades. Não acho que seja uma falta para eles tanto quanto é importante para elas estarem à frente disso.

Acho que o programa ainda tem algo a dizer. Infelizmente, ele ainda não fechou um ciclo e, talvez, nunca feche. Ainda é um desafio buscar mais diversidade de perfis. Não é simples porque essas mulheres não estão por aí em grande número como deveriam estar, mas também é isso que instiga a pensar.

APÊNDICE D - ENTREVISTA Carolina Brito (Presencial)

O PROJETO MENINAS NA CIÊNCIA

O projeto foi idealizado em 2013 pela Daniela Pavani. A ideia tava latente, mas teve a formalização a partir de um edital do CNPq com o MEC, a Petrobrás e a Secretaria de Políticas Públicas para Mulheres.

Em 2015, eu assumi a coordenadoria do projeto quando a Dani saiu de licença-maternidade e me apaixonei pelo projeto. Por que ele foi criado? O Meninas na Ciência é baseado em dois pilares essenciais: o fato de existirem poucas mulheres em áreas de ciências exatas e tecnológicas. Se tu pega a população brasileira entre 25 e 34 anos, somente 16% têm nível superior. Desses, somente 15% em áreas tecnológicas e de ciência. Nesse pequeno universo, somente um terço são mulheres. Então se quer tentar atrair mulheres para essas carreiras. Isso é quem se forma nessas áreas. Agora, vendo como elas avançam na carreira. Aí tem o que chamamos de 'efeito tesoura'. A cada etapa de evolução na carreira, perdem-se mulheres. Na Física, por exemplo, 30% de bolsistas de iniciação científica são mulheres, na graduação; no mestrado e no doutorado, cai para 20% (de mulheres); as professoras são em torno de 15%. Já o nível superior de pesquisa do CNPq, que é o 1ª, tem 5% de mulheres. E o problema de ter poucas mulheres em topo de carreira é que quem pensa política científica é quem está em topo de carreira. Então, quem faz política científica são os homens, o que retroalimenta esse processo.

O 'Meninas na Ciência' tem como objetivo tentar atrair meninas pra essas áreas de ciência e tecnologia e, também, tentar reduzir esse efeito tesoura. E é justamente aí que o Lugar de Mulher se agrega às ações do projeto na ideia de dizer 'só um pouquinho, há mulheres que continuam lutando, há mulheres em topo de carreira, é possível'.

Pra fazer isso, temos várias ações: levamos oficinas nas escolas, tem o Lugar de Mulher, existem questões de gênero que precisam ser tratadas cada vez mais explicitamente.

A parceria com a UFRGS TV

Quando eu assumi, já tinha essa parceria estabelecida, já havia a primeira série de programas de 2014. Todos os anos a gente se encontra, faz um brainstorm. Em geral, vocês têm as ideias mais claras do que nós: 'ah, vamos fazer uma temporada e definir um assunto'. Acho que é uma parceria muito frutífera porque os dois lados estão muito contentes. (capítulo Lugar de Mulher)

DESENVOLVIMENTO E TEMÁTICA DO PROGRAMA AO LONGO DOS ANOS

O que aconteceu no primeiro ano foi uma coisa interessante. Essas mulheres, em torno dos 40 e 50 anos, não aparecia no discurso delas a questão do machismo. Elas não percebiam, não tocavam no assunto. Era quase um tema inexistente. Aquilo ali retrata uma geração. É o retrato de uma geração que não enxergava o problema ou que sublimou o problema porque aceitá-lo pode ser dolorido. Tratar a questão das mulheres era só dizer 'eu existo aqui'. Eu sempre digo que, para trabalhar com o tema 'mulheres na ciência', não basta ser mulher e estar na ciência, tem que

entender o processo, conhecer os números, senão tu só vai falar sobre si mesma. Nesse primeiro ano, as mulheres não tinham noção da questão do feminismo.

No segundo ano, eu já estava aqui. Quando a gente definiu o segundo ano, a gente disse ‘bah, vamos falar sobre mulheres mais jovens’, vamos trazer aquela questão da empatia do público. Aí fomos pras meninas do mestrado e do doutorado. Imediatamente o discurso mudou. Elas reconheciam o problema, diziam que ‘o lugar de mulher é onde elas quiserem estar’. É uma mudança geracional que, para mim, foi muito marcante.

No terceiro ano, viemos ainda pras mais novinhas, que eram as meninas do Ensino Médio. Depois chegamos até o Ensino Fundamental. Até que falamos ‘bom, temos de ampliar o debate’. É mais fácil encontrar mulheres cis e mulheres brancas. O próximo desafio seria tentar incluir mulheres de forma mais ampla.
E aí trouxemos as mulheres trans. Eu achei muito interessante que, ao contrário do que eu teria feito, eu achei as entrevistas bem sutis. Eu me lembro da primeira entrevista que foi com uma aluna da Física. E eu nem sabia que ela era trans. Eu achei que vocês tiveram a sensibilidade de tratar um tema que é altamente não trivial. Às vezes, por ignorância mesmo, a gente faz umas perguntas que não cabem. É um aprendizado não trivial. Foi um ano que achei até o mais rico porque colocamos mais diversidade.

Já o ano passado ficou mais difuso. E esse ano a questão da professora com a aluna. É um assunto que também não é evidente. Não é um debate que a gente faça, até porque, nas exatas, nós somos treinados para sermos técnicos. É claro que com os alunos de pós-graduação a gente até conversa mais, mas não falamos sobre questões de gênero na sala de aula. Temos essa distância estranha que é a maneira como fomos, ‘deformadamente’, educados. A gente tem percebido no Meninas na Ciência que, como as meninas perdem autoestima muito cedo, para fazer com que elas gostem dessas áreas, teremos de retratar o tema de base, que é a questão da exclusão e do machismo, que é empoderá-las literalmente para fazer com que elas militem. Não basta ‘tu’ ser boa, tem de ser militante. Só que na sala de aula, não consigo fazer isso, não tenho esse espaço, ainda mais com a questão do Escola Sem Partido, tu fica assim ‘bah, como vou falar sobre isso? Como vai ser visto pelos alunos?’.

Umas das questões de as mulheres não buscarem essas áreas é a falta de modelos. O Lugar de Mulher tem esse objetivo, de criar modelos de mulheres em áreas nas quais eles não existem. Acho que o nosso percurso foi surgindo, foi natural.

A PRESENÇA FEMININA NOS BASTIDORES

Lá no Meninas na Ciência, fazemos algumas ações só com meninas. E tem um momento em que, sim, é importante pras meninas porque, ao chegar em um ambiente com homens, eles, em média, têm uma autoconfiança maior. Acho que ter um momento em que estão só as meninas é muito interessante porque elas se sentem mais à vontade de conversar, de se empoderar. É uma pauta

feminina em que, por mais que o homem possa estar engajado, ele não sente, ele não vive (o que elas viveram). O ambiente já te faz entender algo como “estamos todas juntas”.

APÊNDICE E – Entrevista Marcia Barbosa (Presencial)

PRESENÇA DAS MULHERES NA CIÊNCIA DE 2014 PARA CÁ

0:55-1:48 – O que eu noto de mudanças não é nem no percentual, mas na consciência do problema. Comecei a trabalhar mais ativamente nesse assunto de mulheres na ciência no ano de 2000. Foram anos e anos de ninguém achar que tinha problema, de acharem que eu era uma maluca falando sozinha. Nos últimos anos, é uma explosão. Não só as pessoas jovens se deram conta de que existe um problema, mas aquelas pessoas que foram "jovens há mais tempo", vamos dizer assim, elas começaram a achar que tinha um problema também, elas revisitaram a sua própria ideia. Pessoas que diziam 'nunca tenho nada, isso é coisa de país rico' começam a olhar a sua própria vida e serem mais ativas.

1:50 – Em algumas áreas, principalmente nas biológicas, onde o percentual de mulheres é mais elevado, começam a despontar algumas lideranças. Mas há áreas em que é muito difícil, são as de exatas. Só pra te dar um dado, na área de informática, o percentual de mulheres, tanto na graduação quanto mestrado e doutorado, tem diminuído. Nas áreas de engenharia, particularmente na de energia, temos 30% de formandas, que é um número muito pequeno. Mas quando a gente vai pra pessoas que estão em cargos de gestão, isso não chega a 14%.

2:30 – Estamos então com dificuldades, mas as pessoas se dão conta. A gente acordou e isso é uma mudança muito importante.

O POSICIONAMENTO DAS MULHERES AO LONGO DO TEMPO

3:00 – Isso tem me surpreendido bastante. Se olhar o Lugar de Mulher, as mulheres jovens há mais tempo que foram entrevistadas não reconheciam o problema. Mas quando a gente começa a falar tanto no problema, as mulheres se "reolham".

3:20 – Eu encontrei com uma pesquisadora que disse assim 'nunca tive problema'. No dia seguinte a nossa conversa, ela disse 'nossa, Marcia, agora estou lembrando que tive uma discussão na semana passada com um grupo. Eu dei uma ideia, ninguém deu bola. Um colega deu a mesma ideia e todos prestaram a atenção. É o homem tomando a ideia da mulher. E ela só pôde se dar conta porque a gente tocou no assunto. Estava lá, só que elas não davam bola. Então, falar do problema fez com que, mesmo as mulheres estabelecidas começassem a revisitar suas ideias. E isso, eu acho uma mudança importante. Porque as mulheres que tinham poder e reconhecem que tinha um problema, elas começam então a criar fóruns específicos para tratar do tema e começam a se mobilizar. Graças a essas mulheres que mudaram de postura que, no dia 11 de fevereiro, que é o Dia Internacional das Meninas e Mulheres na Ciência, existem comemorações que no passado não existiam. Acho que tem uma mudança substancial e que vai, de agora em diante, acarretar uma mudança profunda.

05:05 – Logo no início do programa, tu fala sobre o teu ingresso na física, na graduação e que tu percebeu que "estava no lugar errado".

Hoje, como professora, eu vejo duas modificações e são posturais, mais do que percentuais porque ainda são poucas meninas na ciência. As meninas sabem que vão ouvir coisas e elas lutam contra essas coisas, coisa que a minha geração não fazia. Mas tem uma diferença fascinante, que

é o fato de que eu não só era uma das poucas mulheres como era uma das poucas pessoas de escola pública. E isso mudou. A classe social, dentro da sala de aula, mudou. Isso, pra mim, é muito importante porque trouxe uma diversidade impactante pra o que a gente pode fazer como universidade. Então, as pessoas tão muito mais mobilizadas, muito mais conscientes de que elas não só têm direito a voz como elas têm direito a serem escutadas. Isso é uma mudança que vai alavancar coisas

6:20 - Num futuro próximo, eu imagino uma grande revolução. Nós estamos no limiar de uma grande revolução e essa revolução vai ser capitaneada pelas mulheres negras porque elas são o extremo do preconceito. São elas que vão fazer o levante e a gente vai junto.

DE QUE FORMA A PRESENÇA DAS MULHERES PODE FAZER DIFERENÇA NO CONTEÚDO PRODUZIDO?

11:40 – Ah, muito. Assim, o que se aprende na universidade se aprende do conhecimento. O conhecimento é protagonizado por homens. Não é construído, ele é construído por homens e mulheres. Mas é protagonizado pelos homens, que tão o tom da forma e da interface com as pessoas Isso que se aprende na universidade. As mulheres se adaptam a esse tom. Na medida em que tu começa a juntar as mulheres, tu quebra o tom.

12:15 – Deixa eu contar uma história interessante. Quando eu comecei a trabalhar com essa questão de gênero, lá no ano 2000, nós tínhamos um comitê internacional, da União Internacional de Físicos. Eram umas 15 pessoas, só dois homens. A única pessoa desimportante era eu. Todos os demais eram pessoas muito importantes, tipo uma chefe de gabinete do Clinton. Todos tinham dirigido coisas na maneira masculina de dirigir. De repente, tinha aquele bando de mulheres juntas e a gente ia organizar uma conferência. Diferente de tudo o que elas já fizeram na vida delas, em vez de discutir um assunto atrás do outro, a gente começou a discutir tudo em paralelo. Tinha um representante do Japão e era um homem. Ele estava absolutamente perdido. Por quê? Porque a dinâmica, pela primeira vez, aquelas mulheres puderam fazer uma dinâmica em que elas se sentiam confortáveis, que era um processamento em paralelo. A gente se permite outras formas quando estamos entre nós. É como se a gente tivesse aquele momento banheiro, em que a gente libera as carapaças, a nossa crosta, a nossa fantasia e a gente pode ser a gente mesma e construir o novo.

14:00 – Então, é importante ter espaços onde haja só mulheres para ser como uma semente para esse novo. Tem estudos que mostram que universidades só de mulheres são universidades em que as mulheres se liberam, se permitem. Então eu acho muito interessante ter momentos só de mulheres porque a gente se permite ter outra dinâmica de trabalho.

RELAÇÃO REPÓRTER-ENTREVISTADA AO FALAR DE QUESTÕES DE GÊNERO

14:30 – Isso gera uma empatia muito maior. Mesmo que a repórter mulher nunca tenha sofrido nada, ela representa a possibilidade de ter sofrido. É muito complicado falar dessas coisas com os homens porque eles não sofreram. Tu não sente, no olhar, a empatia. Claro que terá mulheres que não tem empatia. Claro que tem homens que são empáticos, mas, na média, as mulheres serão

mais empáticas a uma história delas porque elas vão conseguir se colocar no lugar com mais facilidade.

COMO FOI A TUA EXPERIÊNCIA DE SER ENTREVISTADA?

16:45 – O Lugar de Mulher é um lugar de refletir. Mais do que contar para os outros, é contar para a gente mesma. Revisitar a vida da gente significa reviver, consolidar lembranças e compreender que o que somos hoje é uma construção que começa lá atrás, começa com cada experiência boa ou ruim que a gente sofreu. E que a gente só consegue chegar onde a gente está porque teve aquele momento de "lugar de mulher".

18:30 - Acho importante falar da diversidade, mas também possibilitar que as pessoas se enxerguem nela. Então, se enxergar, dizer "eu sou ela" - não precisa ser uma super-heroína que venceu, a jovem que está dando certo ou ser aquela empoderada – é importante ouvir a transversalidade. E isso o programa tem trazido. Se eu pudesse dar uma sugestão, vamos ouvir as mulheres "transparentes", aquelas que ninguém dá bola. Vamos trazer alguns assuntos como gordofobia, as meninas consideradas tímidas, as pessoas que têm depressão, as pessoas que passaram por episódios de transtorno e que estão tentando continuar a estudar. Não é só quem venceu, mas quem está na luta é importante. A vida também é feita de fracassos e contar esses que ainda estão resistindo e dar a mão é importante. A universidade tem de aprender a ser cada vez mais acolhedora, entender a diferença e se transformar com a diferença.

APÊNDICE F – Entrevista Patricia Pranke (Presencial)

PRESENÇA DAS MULHERES NA CIÊNCIA

A área das ciências tem bastantes mulheres hoje. No passado, não existia, era predominantemente de homens. Mesmo assim, é uma questão cultural, eu digo, assim, muito do passado porque homens trabalhavam mais do que mulheres. Quando a mulher começou a se inserir no mercado de trabalho, eu acho que, desde a minha época de estudante, sempre percebia uma presença muito forte das mulheres também, como docentes e como pesquisadoras. Na realidade, já era uma época mais moderna, né?!

Até porque, na área da saúde, a minha área - que temos farmacêuticos, biólogos, professores - no passado, já eram profissões mais de mulheres. Agora, acho que está mais equilibrado. Então, acho que nunca deu para ver uma discrepância da presença de mulheres nessas áreas.

1:11 – O que a gente observa, não só no ambiente acadêmico, porque aqui, na universidade, acho que não existe muito essa discriminação na hora de ser professor, de ser pesquisador. Mas o que a gente percebe, quando vai pra fora, quando a gente mora no exterior, como morei, mesmo em países muito desenvolvidos, em que essa discriminação tende a ser menor, é ainda existente, não adianta, isso é cultural, é mundial, certo machismo que, se você for analisar, os cargos de direção e chefia ainda são predominantemente de homens. Nos lugares em que trabalhei, percebia isso no exterior. Aqui no Brasil, a gente percebe isso. Por quê? Se de repente nós temos 50% de mulheres cientistas ou até mais, quando é hora de assumir os cargos, talvez ainda vá um pouquinho mais para os homens. Na hora de assumir as posturas mais altas, talvez, a mulher ainda tenha de batalhar mais para chegar lá.

O POSICIONAMENTO DAS MULHERES AO LONGO DO TEMPO

2:52 – Eu não gosto muito de diferenciar homens e mulheres, a gente tem que diferenciar as pessoas. Existem pessoas que têm atitudes que podem ser mais machistas do que outras. Tem homens que são mais feministas do que muitas mulheres. Então, eu não gosto dessa discriminação. Eu não defino entre homens e mulheres, eu defino pessoas. A gente percebe que existem pessoas, do sexo masculino, que ainda têm uma tendência machista, mas muitas não. Isso deveria acabar porque, se for olhar, não existe essa discriminação do lado feminino. As mulheres não têm discriminação contra o homem. Ainda existem pessoas que têm certo preconceito de, por exemplo, serem chefiadas por mulheres. Eu, por exemplo, já vi o caso, mas era brincadeira, de uma pessoa que disse assim: ‘Bah, tu é a primeira vez em que tenho “uma chefe” mulher, e eu gostei muito de ter uma chefe mulher porque sempre tive chefe homem. E foi uma experiência muito legal ter sido chefiado por uma mulher’. Tu vê, a pessoa entendeu que era uma coisa diferente. Por que é diferente? Não poderia ser assim? Então, é muito interessante isso. É por isso que digo que é uma questão de pessoas. Se formos analisar o comportamento de pessoas, no caso do sexo masculino, infelizmente, você ainda vê muitas atitudes machistas no meio acadêmico, no meio universitário. Às vezes, até mesmo na questão de uma discussão, que poderia ser pacífica, a pessoa levanta mais a voz, tenta usar a questão física, que é marcadamente mais forte a masculina, para tentar inibir a pessoa que está debatendo com ela. Existe a questão da agressão

verbal, levanta-se mais a voz para falar com uma mulher do que (para falar com) um homem. Isso (é algo que) a gente percebe nos corredores, nos lugares assim, no sentido de se mostrar mais dominador, já que não consegue argumentar com argumentos concretos, científicos ou mesmo intelectuais.
5:04 – A questão é que nunca deixei isso me atingir. Sempre levei isso na brincadeira e até esnobava isso. Acho que isso é uma atitude que inferioriza a pessoa. Uma pessoa que faz isso diminui a sua pontuação numa escala de caráter. Então, eu nunca dei importância pra isso. Por isso, na primeira entrevista, eu disse "eu acho que eu não senti discriminação", mas se você for ver, eu acho que todo mundo já passou, já viu isso. Pode até não ter acontecido exatamente contigo, mas você já viu. Uma coisa é você ver que existe, outra coisa é você não deixar aquilo te atingir, não deixar aquilo bloquear o teu caminho para frente. Não é problema meu, é problema da pessoa que está fazendo isso. Eu estou feliz com a minha consciência, eu sei qual é a verdade, bola para frente, sempre agi assim. Por isso nunca deixei isso me atingir.

6:00 – Mas a gente vê que tem mulheres que deixam, é questão de personalidade, não é que ninguém seja melhor do que ninguém. Simplesmente, são mais sensíveis, talvez, ficam mais vulneráveis com esse tipo de coisa, ficam chocadas porque é para chocar mesmo. Esse tipo de atitude deveria chocar. Então, isso pode ter prejudicado algumas mulheres. De repente, essa mulher está almejando uma promoção, um cargo de chefia e esse tipo de atitude a inibe: 'ah, eu não quero bater de frente, eu não quero ficar discutindo, então vou ficar na minha'. Não sei se está certo ou errado, Não existe o certo ou o errado. Existe uma questão de um pouco de machismo e isso não deveria existir. A gente vai ter de tentar não deixar aquilo influenciar. E não é só machismo, é qualquer tipo de discriminação que a gente vê que ainda existe. Ainda existe racismo, ainda existe homofobia, ainda existe discriminação por religião. É uma questão de visualizar. No momento em que a gente vê aquela pessoa como diferente, isso já é um preconceito. E a pessoa sente. A questão é que existe preconceito em vários níveis, não é só machismo, mas eu entendo que a pessoa tem de estar preparada para isso. Tem de fazer um certo bloqueio, infelizmente, a gente tem de montar uma armadura, aí você vai evitar o confronto com quem tem esse tipo de mentalidade retrógrada. Mas, às vezes, é impossível porque você convive com as pessoas.
8:30 – Se você for parar para pensar, discriminação existe desde sempre. Até porque a figura do ser humano sempre foi "homem, alto, bonito e branco". Esse é o padrão, esse é o cara que a gente diz que não tem discriminação nenhuma. Existe um estereótipo, são esses padrões que estão errados. E depende de nós, os pais que estão gerando as próximas gerações, de tentar se lembrar disso. Esses estereótipos só prejudicam. Eu brinco com meus alunos porque dou aula de hematologia, de hemácias, por exemplo. E as hemácias têm tamanhos diferentes, sejam menores, médios ou grandes. E todas são absolutamente normais. Todas no mesmo nível de importância e normalidade. A gente só tem de entender isso. No momento em que a humanidade conseguir acabar com esses estereótipos, de olhar tão por fora, é que a gente vai conseguir mudar. E aí começa uma questão cultural de incentivar a vaidade de pessoas desde pequena, de incentivar a diferença de "ai, você é bonito e você é feio". Isso a gente começa a incutir nas crianças. Eu

penso porque tenho dois filhos pequenos, então percebo isso. A inocência deles não percebe essas diferenças. É a sociedade que vai impor para eles, eles não nascem com isso. Se não a criança começa a valorizar aquele estereótipo e, qualquer coisa, que saia daquilo, será o diferente. O que é normal e o que é anormal? Nós todos somos imperfeitos. Eu trabalho com genética e não tem um gene que seja perfeito.

A PRESENÇA DE MULHERES NOS BASTIDORES PODE FAZER DIFERENÇA NO CONTEÚDO PRODUZIDO?

12:30 – Eu acredito que sim. Eu acho muito legal que, já que o assunto é falar sobre mulher e sobre qualquer preconceito, há mulheres que poderiam se sentir inibidas em falar disso na presença de um homem que não conhece e que não tem intimidade para conversar. Isso me fez me sentir muito à vontade. Eu acho que faz diferença ser uma equipe de mulheres entrevistando mulheres, se esse é o foco. Isso não deveria importar, mas como as mulheres podem se sentir inibidas... Isso é tão provado já que, na própria delegacia de mulher, as mulheres que são agredidas são atendidas por outras mulheres. Não quer dizer que os homens que estão ali são machistas, mas é uma questão de a pessoa se sentir mais identificada com a pessoa a quem ela está relatando. Uma mulher, se tiver de relatar detalhes do que aconteceu com ela, obviamente, ela vai se sentir mais à vontade no caso (de falar com outra mulher). Por isso, é uma política muito acertada a de fazer isso. Claro que essa é uma situação extrema, não é o caso de uma entrevista, mas isso mexe com o subconsciente da pessoa.

O QUE VOCÊ RECORDA DO MOMENTO DA ENTREVISTA

14:35 – Me lembro que foi uma entrevista muito tranquila, foi muito gostoso falar daquilo. Eu acho que o ponto é esse, quando a gente fala sobre uma coisa que adora fazer, tudo flui tranquilo. Independente de questões externas de machismo ou de outros tipos de preconceito, a gente tem de tentar filtrar o que faz mal e curtir aquilo que gosta na sua profissão. Pô, eu gosto tanto do que eu faço que não vou deixar essas coisas me abalarem.

APÊNDICE G - Entrevista Francieli Zanon Boito (Por e-mail)

1) A partir das memórias que você tem da sua participação, o que vem à mente quando pensa no programa?
Da grande visibilidade, que honestamente eu não esperava. Quando o programa foi publicado eu recebi mensagens de várias pessoas da Universidade. O vídeo tem mais de 2 mil visualizações! Eu recebi algumas críticas, mas a grande maioria das manifestações foram muito positivas. Eu fiquei feliz de ter participado, apesar da timidez por receber tanta atenção.

i) Você gostaria de destacar algum aspecto da experiência, seja no contato com as meninas da UFRGS TV, no momento da gravação da entrevista ou no próprio resultado final do programa? E você gostaria que algo tivesse sido diferente nesse processo?
A experiência foi muito positiva, eu me senti bastante confortável durante a gravação e achei o resultado muito bom. Foi há alguns anos, então eu não lembro dos detalhes, mas lembro que teve alguma questão que foi meio desconfortável de responder, que eu não tinha gostado, que a gente teve que repetir algumas vezes, e as respostas não foram parar na gravação. Então no final o programa retrata bem o que eu tinha a dizer.
Tem um momento em que eu falo de uma experiência recente em que uma pessoa tinha feito um comentário que eu não gostei. A pessoa em questão não recebeu muito bem o vídeo, então na época eu me arrependi de ter falado disso. No entanto, hoje em dia eu vejo que um ambiente de trabalho melhor para as mulheres não é possível se a gente não falar a respeito.

2) Até que ponto foi importante para você participar do programa? Como você se sentiu ao passar pela experiência de ser entrevistada? E como se sentiu ao assistir ao programa, depois de pronto?
Quando eu recebi o convite, eu estava inclinada a dizer "não" por timidez, mas eu aceitei fazer porque eu tinha sido indicada diretamente por uma professora de quem eu gosto muito. Na época eu assisti um dos vídeos, que era sobre uma professora da Física, e entendi que a proposta era bem legal, mas eu não achei que eu teria algo interessante a dizer, ou que alguém se importaria de ouvir o que eu teria pra dizer. Fazendo o vídeo eu me senti bastante reconhecida e valorizada, o que foi bem legal pra mim naquela época, em que eu tinha acabado de terminar o doutorado e estava começando a minha vida profissional.

3) O programa Lugar de Mulher é produzido por uma TV universitária, ligada a uma universidade pública. Até que ponto é importante a universidade falar desse tema, das desigualdades de gênero presentes no dia-a-dia?
A meu ver as universidades têm o dever de falar a respeito, porque a universidade tem um papel importante na sociedade, formando os cidadãos, mas também expondo o conhecimento para a sociedade em geral. Ainda existe muito sexismo na nossa sociedade, então essa discussão é muito importante.

4) A equipe do programa é formada, em sua maioria ou em sua totalidade, por mulheres estudantes de jornalismo, envolvidas nos processos de produção, entrevista, captação de imagens e edição do conteúdo.

i) Você acha que essa presença feminina atrás das câmeras pode fazer diferença no conteúdo jornalístico produzido?
Na minha opinião, sim, totalmente. Por mais que um homem possa simpatizar com a causa, são as mulheres que entendem a realidade das mulheres e podem, portanto, retratá-la melhor.

ii) Até que ponto pode ser melhor falar sobre questões de gênero para uma mulher?
Se a equipe da gravação do programa fosse composta de homens, eu não teria me sentido tão à vontade, e o resultado provavelmente teria sido bem diferente.

5) Há alguma diferença em relação à forma como você observava as desigualdades de gênero na época em que era estudante e hoje, ao ter uma carreira e ser professora?
Quando eu era estudante, eu não acreditava que havia realmente uma desigualdade, eu acreditava que colocando o mesmo esforço dos meus colegas homens eu poderia ter os mesmos resultados. Conforme eu fui encontrando situações na vida de estudante e na carreira, eu entendi que infelizmente a realidade é de desigualdade. Na época em que gravamos o programa, eu já tinha entendido isso. Hoje em dia eu me sinto mais à vontade do que naquela época pra falar a respeito porque eu já tenho um emprego estável. As coisas não são tão simples para recém-doutoras, porque nós temos que conseguir bolsas de pós-doutorado e fazer concursos, e ambas as coisas infelizmente dependem bastante das pessoas gostarem da gente.

6) E você gostaria de falar algo mais que eu não tenha perguntado anteriormente?
Eu gostaria de ler o TCC quando ele for publicado no Lume, se tu puderes me avisar seria legal.

APÊNDICE H – Entrevista Ingrid Pelisoli (Por Skype)

O que você achou do programa? Você gostaria de destacar algo que tenha gostado, seja no contato com as meninas da UFRGS TV, ao longo da gravação da entrevista ou no próprio resultado final do programa? E você gostaria que algo tivesse sido diferente?
0:38 – A gravação foi um processo super legal porque as meninas fizeram um trabalho excelente em deixar a gente confortável em frente à câmera, o que, às vezes, não é fácil para alguém que está acostumado a trabalhar só com um computador. Elas fizeram muito bem esse trabalho, então foi até divertido de gravar o programa, não foi esforço nenhum, digamos assim.
1:20 – É uma experiência interessante. A gente se sente quase como uma celebridade e é legal ser reconhecida por estar fazendo algum tipo de trabalho, mesmo que parte do reconhecimento venha por um lado ruim, de ser uma mulher fazendo aquele trabalho que é normalmente o homem quem faz. Mas, pra mim, o mais legal foi ouvir outras pessoas falando sobre isso. Não foi super marcante a experiência em si, mas a repercussão que teve. Por exemplo, teve uma menina que me escreveu no Facebook dizendo "Eu vi o programa, eu quero fazer Física. Você pode conversar comigo um pouquinho? Ah, o meu professor de Física acha que (a profissão) não é pra mim. O que você acha?". E alguns meses depois, ela me escreveu dizendo "Ah, passei no vestibular! Obrigada pela sua ajuda!". Aquilo, pra mim, foi o melhor momento de ter participado do programa, foi ver que ajudou, pelo menos, uma pessoa.

Até que ponto você acha importante a universidade falar das desigualdades de gênero presentes no dia-a-dia?
3:00 – É super importante. O primeiro passo para resolver um problema é reconhecer que ele existe. Então, ter alguém trabalhando nisso e dando voz a pessoas que poderiam sofrer com isso, mostrando exemplos pras pessoas que não veem que, por exemplo, mulher pode sim trabalhar com ciência é super importante.

Até que ponto é uma temática que precisa ser alvo de pesquisa em ambiente acadêmico também?
3:45 – A maneira pela qual a gente pode provar que o problema existe é pela ciência. Não adianta tu dizer que é um problema se não tiver dados por trás para mostrar isso, para, por exemplo, convencer as instituições de eles deveriam fazer algo sobre isso. Por exemplo, as cotas. Tem pesquisa dizendo que é um problema e tem pesquisa mostrando que fazer isso funciona.

Você acha que essa presença feminina atrás das câmeras pode fazer diferença no conteúdo jornalístico produzido?
Acho que faz diferença no sentido de que a pessoa que está te entrevistando também se identifica com aquele problema. Nesse sentido, ajuda. Mas fico pensando que, talvez seja triste que só as meninas se interessem pelo problema. Seria melhor se tivesse representação de todo mundo dentro da equipe.

E até que ponto pode ser melhor falar sobre questões de gênero para uma mulher?
É claro que ajuda quem está falando sobre o problema porque se sente mais confortável. Eu acho que me sentiria mais à vontade discutindo sobre desigualdade de gênero com uma mulher do que com um homem, mas não devia ser assim. Homens deviam estar discutindo e também deviam estar do nosso lado nessa batalha. Mas, é claro que (se houvesse um homem na equipe) vocês deveriam perguntar para a menina se ela se sente confortável com ser um homem que discuta esse assunto. É com certeza mais fácil (falar com uma mulher) porque não está lá no fundo da sua cabeça que a pessoa não vai te levar a sério. Toda mulher passa por situações em que sofre problemas simplesmente por ser mulher. E, muitas vezes, tem homem que não leva isso a sério. Então, se você discute com um homem, sempre vai ter aquilo de "será que eu falo isso? Acho que não, ele vai pensar que é bobagem". Esperamos que, no futuro, não seja mais assim.

No programa, vocês falaram sobre não terem sofrido preconceito na faculdade. Comentaram sobre a boa receptividade a mulheres na Física da UFRGS, por conta da existência de professoras como fortes modelos na instituição.
Em outros ambientes acadêmicos ou de trabalho pelos quais você passou, a situação foi/é a mesma ou você chegou a sentir preconceito em algum momento?
Na UFRGS, nunca tive nenhum problema, mas sei de histórias de quem teve. Agora, saindo da UFRGS, é um universo completamente diferente. Quando terminei meu doutorado e estava fazendo entrevista para procurar pós-doc, teve pelo menos uma entrevista em que eu tenho certeza de que me chamaram somente porque eram obrigados a chamar 50% de homens e 50% de mulheres. Chegou a hora de a pessoa perguntar sobre meu trabalho e vi que ela não estava interessada. Eu tô na Alemanha agora e, antes disso, passei alguns meses na Inglaterra e, nos dois casos, não tinha nenhuma professora mulher. Entre os estudantes, tem algumas mulheres, mas, no máximo, 20%.
Teve um congresso aqui, há umas três semanas, e, durante o intervalo, você ia ao banheiro. No banheiro feminino, não tinha fila nenhuma. Já no banheiro masculino, tinha fila. Tinha umas 5 mulheres e 70 homens.

Como foi assistir ao programa pronto e compartilhar isso com as pessoas?
Eu não assisti ao programa porque tenho pânico de câmera. Se eu me ver na câmera, vou começar a questionar tudo o que falei. Eu compartilhei no Facebook e falei para todo mundo: "Assista!". E todo mundo foi só elogios. Minha mãe também compartilhou no Facebook. Eu ouvi só coisas positivas, mas, mesmo assim, eu prefiro ouvir a opinião dos outros do que estragar isso vendo eu mesma e pensando "Ah, eu podia ter falado isso em vez daquilo" ou "Olha ali, eu cocei a cabeça na hora de falar, que idiota!".

APÊNDICE I – Entrevista Natacha Zanon Dametto (Por e-mail)

1) O que você achou do programa? Você gostaria de destacar algo que tenha gostado, seja no contato com as meninas da UFRGS TV, ao longo da gravação da entrevista ou no próprio resultado final do programa? E você gostaria que algo tivesse sido diferente?
Eu gostei muito do programa, acho uma iniciativa muito importante no sentido de ajudar a incentivar mais mulheres para o mercado da ciência. Como já faz bastante tempo que a gente gravou o programa, eu não lembro exatamente de detalhes para poder apontar algo que eu tenha gostado mais, mas posso dizer que as meninas nos deixaram bastante a vontade durante a gravação. Hoje eu teria respostas diferentes, depois de alguns anos na área da pesquisa, indo em mais congressos, trabalhando com diferentes colaborações, eu percebo muito mais o machismo institucionalizado na ciência.

2) Até que ponto foi importante para ti participar do programa? Como você se sentiu ao passar pela experiência de ser entrevistada?
Eu me senti lisonjeada por poder participar do programa e falar para potenciais cientistas, poder incentivar mais meninas a seguirem essa área.

3) O programa Lugar de Mulher é produzido por uma TV universitária, ligada a uma universidade pública.
i) Até que ponto você acha importante a universidade falar das desigualdades de gênero presentes no dia-a-dia?
Acho não só importante, como essencial. Acredito que seja papel da universidade pública abrir o diálogo da desigualdade de gênero nas diferentes áreas. Precisamos discutir, entender e estabelecer meios de diminuir essa desigualdade.
ii) Até que ponto é uma temática que precisa ser alvo de pesquisa em ambiente acadêmico também?
Acabar com as desigualdades de gênero (em qualquer lugar, mas vamos falar do meio acadêmico aqui) é fundamental para desenvolvermos uma sociedade mais igualitária, equitativa. Dito isso, acredito que esse tema deva ser alvo de pesquisa no ambiente acadêmico, certamente.

4) A equipe do programa é formada, em sua maioria ou em sua totalidade, por mulheres estudantes de jornalismo, envolvidas nos processos de produção, entrevista, captação de imagens e edição.
i) Você acha que essa presença feminina atrás das câmeras pode fazer diferença no conteúdo jornalístico produzido?
Sem dúvidas. Se estamos falando do papel da mulher no meio acadêmico, quem melhor do que mulheres para dirigir/executar a reportagem?
ii) E até que ponto pode ser melhor falar sobre questões de gênero para uma mulher?

Em todos os pontos. No momento em que a gente conversa, discute sobre isso com as mulheres, elas se tornam mais preparadas para lidar com essas situações. Saber mais sobre o que nos espera pelo simples fato de sermos mulheres nos torna mais aptas a responder a esses desafios.

5) No programa, vocês falaram sobre não terem sofrido preconceito na faculdade. Comentaram sobre a boa receptividade a mulheres na Física da UFRGS, por conta da existência de professoras como fortes modelos na instituição.
i) Após a entrevista (que foi ao ar em maio de 2015), essa opinião permaneceu ou você chegou a perceber alguma situação de preconceito em relação a você ou a outras meninas do Instituto de Física?
Como eu comentei na resposta a minha primeira pergunta, hoje eu teria respondida a essas perguntas de forma bastante diferente. Ao longo desses 4 anos, fui percebendo o preconceito sutil, aquele que a gente nem percebia como preconceito (tive professor na física - ainda na graduação - que começava a chamada pelas meninas, porque dizia que elas era lindas - wtf?). Passei por situações em que tive minha competência questionada pelo simples fato de ser mulher (ao retornar de um congresso , tendo obtido dados diretamente de outro pesquisador renomado na minha área, dados esses que poderiam ajudar na pesquisa do meu grupo, o comentário que escutei de um pesquisador que acompanhou minha carreira acadêmica e sabia o quanto eu tinha me esforçado e trabalhado até ali foi, 'ah, ele deve ter te entregado esses modelos porque tu é bonita', sendo que esses modelos me foram entregues depois da minha talk na conferência, depois de ter mostrado no meu trabalho a necessidade de melhores modelos). Ao conseguir uma vaga de pós-doutorado para trabalhar como astrônoma residente de um telescópio, escutei 'nossa, eles nunca tiveram ninguém tão bonita trabalhando lá, não vão deixar tu sair mais'. Quero frisar que esses comentários e muito do preconceito que eu sofri por ser mulher (mas não todo, claro), veio de forma 'amistosa', eles não achavam que estavam falando uma coisa ruim pra mim, eles não pareciam perceber que aquilo desmerecia meu trabalho, eram pessoas que eu sei que não me desejavam mal, mas mesmo assim, ouvir essas coisas vai minando a credibilidade que a gente tem em nós mesmas, vai cansando. E, claro, esses comentários NUNCA são proferidos para os nossos colegas do sexo masculino.

ii) Em outros ambientes acadêmicos ou de trabalho pelos quais passou, a situação foi/é a mesma ou você chegou a sentir preconceito em algum momento?
Eu cursava arquitetura antes de entrar para a física e também se percebia o preconceito de gênero nesse ambiente. O que mais me recordo é da conduta dos professores homens para com as mulheres. Tivemos inclusive casos de assédio, a famosa 'mão boba' (que não aconteceu diretamente comigo, mas com uma colega da época).

APÊNDICE J - ENTREVISTA Mariana Boger Netto (Por e-mail)

1) O que você achou de participar do programa? O que gostou e o que não gostou (seja no contato com as meninas da UFRGS TV, na gravação da entrevista ou no processo de edição)? Até que ponto foi importante para ti participar do programa?

R.: Participar do programa foi maravilhoso e ao mesmo tempo, um tremendo desafio pra mim. Eu sou MUITO tímida, e tenho dificuldades pra falar em público (ou em frente às câmeras). Então, quando fui convidada, fiquei bem dividida, mas como sabia da importância disso, tanto para mim, quanto para outras meninas, fiz com medo mesmo! Eu não saberia dizer nenhum ponto negativo sobre as meninas que entrevistaram/gravaram/editaram. Foram todas muito educadas, pacientes, profissionais. Só elogios a elas! Sobre a importância de participar do programa, foi muito importante para mim, como já mencionei, pela superação. Encarar a timidez e o medo foi realmente um desafio. Houve também importância profissional, porque foram inúmeras as vezes em que compartilharam o vídeo de novo (e até hoje!), e a repercussão algumas vezes é grande. Já compartilharam no grupo do WhatsApp da empresa que eu estagiava, e todo mundo passou a me conhecer. Quando é compartilhado no LinkedIn, as visualizações ao meu perfil aumentam muito (tipo 10x, 15x). Mas acho que a maior importância foi justamente o propósito do vídeo: dizer qual é o lugar da mulher. Eu senti, na época, que muitas meninas do meu curso se sentiram representadas por mim, porque o curso não é muito conhecido, e quem sabe que existe, tem o viés de ser predominantemente masculino. Então, além de divulgar o curso, poder divulgar que meninas são bem-vindas no curso, foi extremamente importante. Além disso, a parte mais emocionante pra mim: Duas meninas entraram no curso após ver o vídeo e conversar comigo sobre isso (além de um menino!!!). Só por isso, pra mim, já valeu a pena. Pode até ter ajudado outras e outros a tomar essa decisão, mas daí não fiquei sabendo.

2) Você acha importante falar de questões de gênero, especialmente nas áreas das ciências exatas? Por quê?

R.: Acho extremamente importante. Mesmo com todo avanço que tivemos nas últimas décadas, ainda hoje vemos um abismo entre o número de homens em mulheres na área das exatas (engenharias, finanças, investimentos, ciências de dados, etc). Não poderia acreditar que esse abismo é fruto de falta de competência, ou até de interesse. Minha opinião é de que esse abismo é estrutural, pois crescemos ganhando brinquedos diferentes, educação diferente (instruções diferentes de maneira de se portar, ou o que falar), sendo estimuladas a aprender coisas diferentes. Enquanto meninos crescem sendo estimulados a jogar videogames, por exemplo, somos estimuladas a simular que cozinhamos na nossa cozinha de brinquedo, ou que estamos cuidando do nosso bebê de brinquedo. Então, é importante falar de questões de gênero para não acreditar que não estamos ocupando o espaço igualmente por falta de interesse, competência, ou inteligência! O que falta é estímulo e representatividade, porque quando não vemos ninguém como nós em um espaço, pensamos que não deveríamos fazer parte dele.

3) O programa Lugar de Mulher é produzido por uma TV universitária. Até que ponto você acha importante a universidade falar da mulher e das questões que envolvem seu dia-a-dia na academia ou no mercado de trabalho?

Acho importante pois dá voz à mulher, de forma direta, expondo a sua realidade (que é diferente da realidade do homem). E, além disso, mostra representatividade, o que pode impulsionar/estimular/encorajar outras mulheres a entrarem.

4) A equipe do programa é formada, majoritariamente, por mulheres, envolvidas nos processos de produção, entrevista e edição. Você acha que isso pode fazer diferença no conteúdo produzido? E até que ponto pode ser melhor falar sobre questões de gênero para uma mulher?

Acho que homens e mulheres são diferentes sim, e essa diferença pode ser notada no que produzem. Além disso, a equipe traz de forma proposital os temas que precisam ser discutidos, como o lugar da mulher, os desafios por ela enfrentados, etc. Então, nesse caso, a equipe, por ser formada majoritariamente por mulheres, sabe com precisão quais perguntas devem ser feitas e deixa a entrevistada à vontade para responder, pois equipe e entrevistada têm isso em comum (ser mulher). Acredito que, mesmo vivendo em ambientes diferentes, tendo histórias de vida diferentes, todas as mulheres sabem o peso de ser mulher na nossa sociedade (objeção-medo-repressão-etc). Então, poder conversar sobre esses assuntos com outras mulheres garante que a entrevistada se sinta à vontade e tenha certeza de que será bem compreendida e interpretada. E a conversa fica mais fluida. Sobre a importância de falar de questões de gênero, acho que só através disso tivemos avanços até hoje, e só assim continuaremos avançando.

5) Na sua entrevista, você falou sobre ter observado o aumento do número de mulheres na engenharia metalúrgica, com uma porcentagem de praticamente 50% meninas em sala de aula na UFRGS. Você observa a mesma situação nos lugares onde você tem atuado/trabalhado hoje em dia?

Eu acho que falei isso de forma exagerada (por falta de cuidado meu hehe). Nunca contei o número de homens e mulheres nas turmas, e acho que se realmente contasse, esse número ficaria na média entre 30 e 40%, variando de cadeira em cadeira que eu fiz. Erro meu!!

Mas enfim, não, definitivamente, esse número não se reproduz nos lugares onde atuei. Alguns exemplos:

- Após o vídeo, eu fiz intercâmbio. Na minha turma na universidade, tinha 3 mulheres, de um total de uns 30 alunos.
- Ainda durante o intercâmbio, fiz um estágio em uma empresa. No meu departamento, éramos 5 mulheres, de um total de umas 40 pessoas.
- Quando voltei ao Brasil, fiz outro estágio. Nesse, foi bem interessante nesse aspecto: No meu departamento, durante o período em que eu estagiei, a primeira mulher foi efetivada. Por outro lado, dentre os 5 estagiários da época, TODOS eram mulheres. Dessas, mais duas foram efetivadas depois no mesmo departamento, e uma foi efetivada em outro. Eu vejo isso como um

esforço da empresa em formar uma equipe mais diversa, apesar de não gostarem de afirmar que somente meninas foram escolhidas como estagiárias propositalmente, e sim por mérito.

6) Você também comentou, no programa, sobre a situação do mercado de trabalho ainda não ser igualitária, com a existência de empresas que contratam, prioritariamente ou unicamente, homens ou que pagam menos para as mulheres. Você já viveu, até aqui, situação parecida no mercado de trabalho? Ou conhece alguma história semelhante?

Acho que parte dessa pergunta eu respondi na anterior, na questão de proporção. Sobre a questão salarial, também não vejo igualdade. Vejo que as empresas modernas têm escolhido "diversidade" como valor, e as empresas antigas, apesar de mais rígidas (mais difícil de mudar esse mindset), também tem ido (ou tentado ir) para esse caminho. Mas a mudança nunca é de uma hora pra outra. E, como está recém no começo, é claro que a questão salarial ainda é muito desigual, porque mesmo que mais mulheres estejam entrando nas empresas ultimamente, elas ainda estão, em geral, em cargos iniciais, com salários menores (segundo as empresas, devido ao cargo e à experiência). Mas sou bem cética com relação a isso. Não acho que somente "dar tempo" para que as mulheres evoluam nos cargos atingiria uma situação salarial mais igualitária. Uma questão clássica é a diferença no tempo de licença maternidade e paternidade, que, ao meu ver, enquanto existir, será sempre uma razão para desigualdade salarial.

Eu não vivi pessoalmente essa situação, porque depois que me formei, no início desse ano, me mudei para a Itália. Vou começar a trabalhar em uma empresa do ramo no início do ano que vem, e ainda não poderia falar sobre ela, porque não sei sobre os salários dos colegas.

APÊNDICE K - Entrevista – Pietra Fritsch (Presencial)

O que achou da experiência de ser entrevistada?
0:25 – Eu lembro que foram todas muito atenciosas comigo. Foi um momento de conseguir mostrar um pouco de nosso trabalho, um pouco do nosso lugar lá dentro, porque sempre teve poucas meninas presentes na Mecânica lá no curso. Agora, já vem mudando um pouco isso, mas acho que foi uma oportunidade única de dar voz pras meninas que estavam ali, sabe?! Eu sei que não estava representando só a minha pessoa, mas todas as mulheres que estavam naquele ambiente.
E como foi a experiência de se assistir?
1:30 – Ah, foi bem estranho. Toda vez que me escuto falando, penso "tá, não sou eu". E é bem estranho se ver. Na primeira vez que vi, pensei "tá, não quero mais ver". É muito estranho ainda me ouvir. Não esperava aquilo, mas acho que ficou uma produção muito boa. Conseguiram transmitir bem o que se passou, de uma forma bem didática.

Qual a importância de a universidade tocar nesse tema da desigualdade de gênero?
3:00 – É essencial a universidade tocar nisso. É justamente um ambiente que tu 'tem' acesso aos alunos, que tu pode expor esse conteúdo e abordar, digamos, de uma forma informal e mais direta pra que tu 'consiga' mobilizar o maior número de pessoas. Até a gente abordou assuntos como desigualdade social e a questão da mulher ali na empresa júnior onde eu tô, eu e mais uma menina fizemos um momento com todos os guris e eles falaram que foi muito bom. Então, a gente tomar essas atitudes, proporcionar esses momentos, eu acho que é muito mais tangível pra eles de entender essa realidade. E é exatamente uma conversa, não é chegar lá e impor coisas, que fica muito mais difícil de fazer com que as pessoas nos escutem, principalmente as pessoas que não veem a desigualdade. (...) E a universidade é um lugar em que a gente consegue chegar a muitos jovens.
Na Empresa Júnior, vocês são quantas meninas?
4:40 – Agora duas. No semestre passado, era só eu. Agora, eu e mais uma menina. E são 18 homens. É da engenharia mecânica.

Até que ponto pode ser melhor falar para uma mulher sobre essas questões?
5:37 – Eu acho que tem de ser faladas essas questões, até porque se a gente for ver, muito do que a TV nos expõe, os cargos, acho que inclusive no jornalismo, são compostos por homens. Se tu 'escuta' rádio, tu 'ouve' pouquíssimas vozes femininas. Então dar espaço a elas num ambiente assim, acho que já vai encorajando elas, empoderando para, depois, enfrentar um mercado mais pesado, por exemplo. É tu 'dar' voz a elas para que, depois, elas consigam seguir, porque todas as carreiras, se tu 'for' ver, cargos grandes, de empresas, se for ver o percentual de CEOs de grandes empresas, tudo é composto por homens. E é isso que tem que buscar sempre quebrar. Imagina se tivesse sido um homem entrevistando mulheres em um programa de mulheres?
7:00 – Hoje já me sinto confortável para falar tanto com homens quanto com mulheres. Tempos atrás, eu era mais de ficar na minha, mas, depois, hoje, eu sou muito de retrucar, sabe?! Vejo que

um homem está falando besteira e começo a questionar. Mas acho que (o assunto de desigualdade de gênero) tem também de ser falado com mulheres porque muitas não têm consciência desse movimento que a gente está tentando ir atrás, tudo o que é o feminismo. Tem, inclusive, mulheres que questionam o feminismo. E, poxa, será que elas não tem de ter uma conversa com outras mulheres para entenderem o que é? Não é só com homens que tem de ser falado. Tem que ser falado com homens e com mulheres.

Em 2016, quando o programa foi gravado, você era aluna de curso técnico em Mecânica, na cidade de Novo Hamburgo. Agora, em 2019, você está na universidade. O que mudou na Pietra de 2019 em relação à Pietra de 2016?
8:20 – Eu acho que abri muito mais a minha cabeça. Tive vivências empresariais aí no meio, fui para grandes empresas da área da engenharia mecânica, vim para uma universidade federal, tive contato com mais realidades diferentes da minha. Então eu comecei a muito mais defender e questionar minorias. Por exemplo, a gente, enquanto mulheres, é minoria no mercado da engenharia. E não só mulheres, os negros, pessoas com baixa renda. Em todo lugar, se for ver, os homens têm um nicho que acaba sendo dominante. De lá para cá, eu acho que comecei a ter muito mais consciência da minha realidade e da realidade das pessoas ao meu redor. E muito mais de tentar entender, de ajudar, de questionar e tentar conversar com quem não tem essa consciência, sabe?! E é tudo pela experiência que passei, principalmente, entrar em uma universidade federal mudou muito a minha cabeça.

E nesse sentido, tu acha que percebe mais as desigualdades de gênero?
9:40 – Muito mais. Às vezes era uma piadinha que tu não ‘percebia’ e que hoje te incomoda e tu já ‘fala’, sabe?! Eram muitas coisas que antes a gente dava como natural e que não é natural, tá errado. Tá errada a maneira como certos assuntos são abordados, tão errados certos comentários. E antes, sem ter essa cabeça mais aberta, a gente fingia como se estivesse tudo bem. E não tá tudo bem.

APÊNDICE L - Entrevista Ana Moura (Presencial)

Há algum momento das entrevistas das quais você participou que tenha te marcado?
0:29 – Esse foi um dos (programas) mais interessantes, primeiro por uma questão técnica, de eu ser uma pessoa que estava começando. Esse foi em 2017 e eu não tinha ido ainda. E aqui a gente tem uma política de ser um enquadramento de uma pessoa só. Daí na hora de fazer, fiquei nervosa, porque fui com Gabi e Jennifer pra fazer. Aí eu fiquei, meu Deus, o que que eu faço? Lembro que isso me impactou bastante, mas também foi muito boa a entrevista, de se ver ali né?! São três mulheres negras trabalhando com tecnologia, num lugar muito bom e com suas trajetórias. E lembro que nesse, eu acho que tive vontade de chorar por alguma coisa que elas falaram, mas que se relacionava muito com a questão da família. E, na época, eu estava entrando em contato com essas questões de me entender como pessoa negra e a importância de afirmar isso.
O ano de 2017 acaba sendo um dos que as meninas mais destacam quando vão assistir ao programa ou quando se lembram do programa, por ter falado de diversidade de uma maneira que os outros anos não falam. Como você observa esse ano?
2:30 – Eu me lembro porque fiquei muito feliz e impactada com a decisão. Eu lembro que algumas coisas do processo de produção, alguns comentários em que, na época, fiquei meio assim, dessa coisa de categorizar, que é importante porque era a temática daquele ano, mas era como se (as mulheres) fossem categorias. Aquilo, naquele momento, me impactou de um jeito meio negativo, de pessoas falando no momento da produção: “ah, nesse mês, já foram as moças negras”, “ah, já conseguimos a trans”. Mas elas tinham nomes. Então, seria “fulana já foi, que era de tal curso e representava isso”, podia ser assim, mas, na hora, não sai.

Como tu se relaciona com questões de gênero? É algo mais recente, que começou na universidade?
5:36 – Eu não consigo não pensar nas questões de gênero sem pensar na minha mãe e no processo de construção dela como uma mulher negra, vivendo em Porto Alegre nos anos 1960, vinda do interior e toda a sua trajetória até a gente estar aqui. Então, não necessariamente com esses nomes, mas a questão da mulher empoderada, da mulher que enfrenta e que, de alguma forma, é obrigada a enfrentar por (causa de) sua raça, eu sempre tive isso em casa. E a mãe era a cabeça das finanças e nos ensinava a dizer “vocês não têm de depender de homem”. É claro que ao entrar na universidade e ter contato com outras discussões, a gente vai se apropriando e dando títulos acadêmicos pras coisas. Daí quando eu começo a olhar pra mim como uma mulher negra, isso tem a ver com a universidade e com a minha irmã, que é um processo de muita troca. E não consigo desassociar a questão racial da questão de gênero porque é outra forma de existência no Brasil.

Quais são as possibilidades e os limites que a gente tem ao produzir um programa como esse em uma TV universitária como a UFRGS TV?

10:00 - Em janeiro, faz cinco anos que estou aqui dentro. Então, eu vi muita coisa mudar, o contexto mudar. E falar sobre qualquer questão, seja de gênero, de raça ou até mesmo do movimento estudantil, questões políticas, sempre foi algo que, de alguma forma, a gente tentava colocar nas pautas. E, de alguma forma, era 'super' bem quisto assim. E era um diferencial: "bah, trabalhar num lugar em que eu posso falar sobre". Já hoje, eu tenho medo enquanto eu 'tô' editando e isso é ruim. Enquanto eu 'tô' editando e colocando uma fonte falando uma coisa, agora no processo do Multiponto, eu ficava pensando, a cada corte, "isso pode render uma baita de uma questão". Hoje é muito difícil, e vejo que vai ser cada vez mais difícil, infelizmente, trabalhar essas questões em qualquer veículo. O futuro tá bem incerto e dá medo. Por enquanto, a gente pode falar e se colocar porque é uma forma da UFRGS TV, é uma palavra da UFRGS para a sociedade, mesmo a gente tendo liberdade pra não falar só sobre a UFRGS, como no Lugar de Mulher.

O que você pensa sobre a presença das meninas nos bastidores de toda gravação? De que forma isso pode resultar em discursos mais inclusivos?

13:48 – Acho que isso pode ser um diferencial bom e um diferencial ruim. Eu acho que é muito bom, pensando como a fonte, se ela vai se abrir e acaba colocando alguma questão que ela não falaria na presença de um cara. Acho mais difícil de ela se abrir e talvez a gente não tenha um relato da fonte mais próximo do que ela gostaria de falar. É importante ter um momento ali com várias mulheres que entendem um pouco da experiência dela, não necessariamente vão entender tudo porque são várias mulheres, são várias histórias. Mas isso também pode ser um pouco ruim porque... No movimento negro, a gente fala muito que o problema do racismo é um problema das pessoas brancas, não é da gente. Se pensar que talvez seja importante os homens participarem para entenderem as histórias, entenderem o quanto é f*da ser mulher em ambientes tão machistas, talvez seja interessante. Talvez ao fechar isso de só mulheres produzindo, não se tenha um movimento de troca.

APÊNDICE M - Entrevista Amanda Bianchi (Presencial)

A importância de se falar em questões de gênero
Eu acho muito importante porque ainda tem muita desigualdade nessa questão, tem muito a ser discutido, a ser trabalhado porque o machismo ainda é algo extremamente grande na sociedade, e que afeta muito a vida das mulheres, além de que mulheres negras e mulheres trans acabam tendo impacto de outros preconceitos.

Sobre o programa ser produzido na universidade
Acho muito legal que tenha isso dentro da universidade, já que se abre um espaço bem legal pra se discutir isso, também sem interesse de ganhar dinheiro em cima, com esse foco mais social. Acho super importante e válido o trabalho que tem sido feito com relação ao programa Lugar de Mulher.

Tu acha que tem alguma diferença a gente colocar mulheres nos bastidores do programa, na hora de produzi-lo?
Acho que tem uma diferença sim. É muito legal buscar sempre ter mulheres também participando (da equipe) até para reafirmar a mensagem a partir dos bastidores. E a conversa fica muito mais tranquila, pra ti falar sobre esse tipo de opressão, como o machismo, com outras mulheres que já entendem, um pouco melhor, do que tu 'passa', do que tu vai falar. Acho que acaba fazendo com que o clima seja um pouco mais agradável.

Falando um pouco da tua experiência, o que achou de participar?
Eu gostei da experiência. Fiquei bem nervosa, não sabia se eu ia conseguir falar na hora, mas acho que acabou sendo melhor do que eu esperava nesse sentido. Eu achei que foi muito bom o jeito que me receberam, a conversa foi bem legal, até porque tu 'tinha' espaço pra falar o que quisesse, se tu não quisesse discutir alguma questão, não precisava responder, então foi bem livre nesse sentido. Lembro mais da parte das perguntas, lembro que foi uma dinâmica muito boa pra pensar na resposta antes de gravar. Acho que não lembro nada de que não tenha gostado. Foi bem melhor do que eu esperava a gravação, eu tinha muitos receios de como seria, ainda mais que nunca tinha participado de nada do tipo.
A entrevista do Lugar de Mulher que abriu o caminho para eu entrar no Meninas (na Ciência) depois, que foi a Carolina que me indicou. Depois, entrei em contato com ela. Quando abriu um edital, eu participei da entrevista e foi super tranquilo de falar com ela. Então, acho que ajudou a encaminhar essa bolsa no futuro, que trabalhava também com essa questão da inclusão das mulheres na ciência.

Como tu se sentiu ao ser entrevistada?
Tinha um pouco de nervosismo, que nunca vai (embora) totalmente, mas eu me senti bem no geral. O nervosismo não foi o que prevaleceu. Foi importante falar tanto do que eu fazia em pesquisa, pra que tu 'possa' saber de que tipo de área de atuação tu 'pode' ter, que tu não 'é' só

uma mulher, tu ‘tem’ uma pesquisa. Tu não ‘é’ uma mulher trans na universidade que está lá só por ser uma mulher trans. Tem algo que tu ‘tá’ fazendo, tem um motivo pra ti estar lá (na universidade). E acho que foi bom pra reforçar essas questões de como é importante o uso do nome social. E que se abra mais espaço, principalmente na física, que é um meio em que, acho, 20% das professoras são mulheres, então, é um meio predominantemente masculino mesmo.

APÊNDICE N - Entrevista Anne Costa e Desiree Santos (Presencial)

Como foi a experiência de ser entrevistada e participar do programa?
Anne – Pra mim, foi uma experiência muito importante porque quanto se trata, assim, de temas relacionados a, por exemplo, empoderar mulheres, eu era muito retraída nesse aspecto, não era muito de falar disso. Eu fui aprendendo a falar depois que eu entrei na Thoughtworks, de me sentir à vontade de pôr isso pra fora. Então essa entrevista foi a minha primeira experiência de falar sobre isso, não só de estar com vocês durante a entrevista, mas saber que isso ia ser aberto ao público, sabe?! De a Anne lá, uma mulher negra na área de tecnologia trazendo essa experiência. Então, pra mim, foi como se fosse uma nova página da minha vida, de conseguir falar mais sobre isso à vontade. E não é por questões nem de vergonha, é porque a gente passa por tanta coisa, que a gente acaba abaixando muito a cabeça e aprendendo a ficar ali no canto porque tá complicada a situação, cê fica levando mais porrada ali do que realmente conseguindo algo que vai te colocar ali para cima. Mas é nesse aspecto de ter, acho que vou usar a palavra coragem, de ter mais coragem pra falar.
Desiree – E aí aproveitando até essa linha da Anne, de ter uma palavra pra representar, eu vejo muito como representatividade, representatividade em massa. Porque quando a gente acaba utilizando a TV, as redes sociais e todas essas mídias, a gente acaba chegando em pessoas que, normalmente, não chegaria conversando ou então numa palestra porque é algo com número limitado de pessoas. A gente sabe que, em muitos eventos, ainda mais com temas que abordam sexismo, racismo, geralmente são com pessoas que já estão acostumadas a esse espaço. Esse é um ponto, de utilizar o trabalho de vocês, para o propósito de vocês também com esse tema, e a gente conseguir mudar essa sociedade.
Então, eu fiquei muito contente pela abordagem, pelo posicionamento de vocês. Eu não conhecia o projeto, eu não conhecia o trabalho. E eu vi muito isso de representatividade, desse meio que a gente tem de impactar mais pessoas. Por outro lado, é conhecer a jornada das pessoas que tavam ali, da Anne e da Ju, porque nosso dia-a-dia é muito corrido. Foi um momento de conhecer a jornada e estreitar mais o elo. Quando a gente conhece e se identifica, mexe muito mais, assim, com a gente. Eu já admirava a Ju e a Anne e a gente passa a admirar mais ainda.
E as mídias mostram muito justamente o oposto. Então, hackear o sistema com essas pautas é o que a gente precisa cada vez mais. E eu fiquei bem contente da gente trazer um tema não só de questão de gênero, mas também de raça, e ver essa pauta vindo de vocês. Foi um grupo, assim, em que vi mais pessoas não negras estando ali e querendo saber mais. Façam mais isso, por favor.

O programa Lugar de Mulher é produzido por uma TV universitária. Até que ponto você acha importante a universidade falar das desigualdades raciais e de gênero existentes? Até que ponto são temáticas que precisam ser alvo de pesquisa em ambiente acadêmico?
Desiree –É completamente importante. Quando a gente vai pra uma universidade é uma imersão. O quanto antes a gente começar a falar, a ampliar os nossos olhares, melhor. E até mesmo porque a gente tá falando do mundo acadêmico, um mundo de pesquisa, um mundo em que,

provavelmente, pra certas áreas, está bem à frente do mercado. Porque está buscando, está vendo diferentes linhas, tendo uma análise crítica. Então é interessante ter essa pauta aberta para trazer a realidade de diferentes frentes.
Me lembro de, enquanto eu tava na universidade, não ter professoras negras. E, dentro da área de ciência da computação, ter só uma professora. O quanto que se, naquele momento eu tivesse mais conversas ou tivesse um projeto como o de vocês, o quanto anteciparia, o quanto o posicionamento e a atitude das pessoas poderiam mudar. Muitas das vezes, a pessoa precisa de um 'clique'. E esse clique pode ser uma conversa, pode ser um bate-papo depois que assistiu o vídeo de vocês. Então é extremamente importante e a gente precisa ampliar esse trabalho.
Anne – Quem faz parte daquele recorte é quem consegue sentir e trazer mais significado para o que aquilo representa. É o ponto da representatividade que a Desiree trouxe. Então, esse ambiente (acadêmico) tem de ter essas pessoas também para que elas façam parte da construção.

A equipe do programa é formada, majoritariamente, pelas mulheres da UFRGS TV, em geral estudantes de jornalismo. Até que ponto você acha que a presença feminina atrás das câmeras pode fazer diferença no conteúdo jornalístico produzido? Você acredita que pode ser melhor falar sobre questões de gênero para uma mulher?
Anne –Eu acho que, pela representatividade que a gente tanto fala aqui, a distância da empatia pode ser menor. As mulheres também podem representar o machismo, mas esse distanciamento tem a chance de ser menor, pra construir o diálogo ali, até pra mulher que está sendo entrevistada se sentir mais confortável pra trazer algumas coisas, porque a chance de a pessoa do outro lado entender o que você está trazendo é maior. Da mesma forma que, se eu trago alguma coisa aqui, você, por ser mulher e ter a sua experiência, você pode facilmente conseguir linkar outra pergunta porque deu um clique, por causa da sua experiência enquanto mulher. Se fosse com homens, acho que seria mais difícil para eles conseguirem captar a essência do que significa isso. Não que eles não possam, eles podem vir aqui, sim, e trazer algumas perguntas, mas acho que vou conseguir despertar mais emoção em você.
Desiree – Eu vejo essa conjuntura muito como hackear o sistema, quebrar paradigmas. Então, eu vejo o trabalho de vocês muito assim. Eu já participei de algumas entrevistas, diferentes formatos. E eu sempre vejo um padrão de ter uma dupla. Geralmente, vem a mulher porque vai entrevistar e aparecer na câmera, então, tem de ter uma imagem feminina. O restante, pós trás, vem os homens. Já no de vocês, foi completamente diferente e eu adorei. Eu acho que a gente acaba trazendo como uma missão de mudar aquela realidade. O fato de vocês vierem, de ponta a ponta, de toda a equipe (ser feminina), seja filmando, levando câmeras – tem coisas que acho que são pesadas – tem uns bastidores que não conheço muito bem, mas são vários papéis, várias funções. Ao ver essa representatividade de mulheres fazendo todo esse ciclo, do início ao fim, é uma representatividade, é um pé na porta, sabe?! De quebrar o sistema, de que a gente pode, sim, fazer tudo. E eu queria que a câmera virasse mais para os bastidores, para mostrar como são os bastidores e mudar um pouco essa realidade.

Anne – E quem tá por fora, a chance de acreditarem que é um homem que tá ali atrás é muito grande. O nosso espaço de fala, eu, a Ju e a Desiree, a gente pode estar empoderando outras mulheres, mas vocês também empoderam.
Desiree – Exato!

APÊNDICE O – Entrevista Raíssa Kist (Presencial)

O que achou do programa? Gostaria de destacar algo no processo, seja no contato com as meninas da TV ao receber o convite ou no momento da gravação?
Foi uma surpresa bem positiva de receber o convite e poder participar. Era uma experiência 'super' nova pra gente, a gente não estava acostumada a ter esse tipo de momento. E foi uma preparação para enfrentar outros desafios que iríamos enfrentar mais à frente, de ter de se expor e comunicar. Foi muito importante para nós, pensando enquanto startups, empresas de mulheres começando. Essa parte da comunicação era um dificultante na nossa trajetória de empreendedorismo e se permitir foi 'super' legal. Teve todo um acolhimento antes, durante e depois. 'Cês' tiveram todo um cuidado, de pensar num espaço legal, era o nosso espaço de trabalho, a gente estava incubado ali na Escola de Engenharia, deu tempo de conversar com as outras empresas ali incubadas e ver se eles não se importariam de receber todas nós lá. Foi 'super' legal o cuidado pra gravar sem expor ninguém que não quisesse das outras empresas. Foi uma dinâmica bem de conversa, que nos deixou à vontade para abrir o coração assim. Muitas coisas a gente ainda não conseguia ter tão consolidadas como se tem hoje. A gente estava tentando se descobrir, se entender, entender todas as frentes e todo o impacto que a gente tava causando. Foi muito legal a dinâmica da entrevista. Foi uma conversa guiada, com o senso de jornalista, sabendo o que se quer com isso.

Até que ponto foi importante para ti participar, ser entrevistada e se ver ali no programa?
Foi bem legal, eu fiquei bem nervosa. E eu sempre tenho aquela coisa 'ai, meu Deus, que medo de ver', mas poder se ouvir e entender que não tem 'um certo' e 'um errado'. Existe uma essência e uma verdade que tá sendo transmitida, que é referente à vivência. Isso é muito especial e, por isso, de o programa ser muito especial também. Dar voz à realidade de mulheres, sejam elas quem forem, sejam quais forem essas verdades. E aí que outras pessoas podem se identificar mais ou menos, mas muito diferente daquele julgamento que às vezes acontece em relação à mulher, de (estabelecer) 'um certo' e 'um errado', 'pode isso', 'não pode aquilo', muito de uma dualidade que ali não existe. É muito mais uma percepção de experiência e que transcende essas barreiras culturais e de imposições sociais.
Acho que é muito legal essa questão da diversidade e da representatividade. O programa começa com essa questão do olhar para a ciência. A todo momento, há diferentes recortes, sobre diferentes opressões que vão além da opressão de ser mulher. Ela é muito grande, com certeza, e atinge a todas nós, mas tem mulheres ali que sofrem mais de uma (opressão). Então, a gente tem que tentar olhar para todas elas. As outras opressões, eu posso não vivenciar, mas elas alimentam a mesma lógica. É preciso olhar e se responsabilizar por todas elas. Tendo o programa a responsabilidade que ele tem de anos, ele tem a oportunidade de fazer diferente.

A equipe do programa é formada, majoritariamente, por mulheres estudantes. Até que ponto você acha que a presença feminina atrás das câmeras pode fazer diferença no conteúdo jornalístico produzido?

Eu acho que é extremamente coerente. Com toda a missão do programa, a gente chegar lá e ter um repórter ou a gravação ser feita por um homem perderia esse senso de coerência. E um senso de sensibilidade e de representatividade. Me estimula, sabe? Poxa, eu tô vendo essa mulher aqui e eu quero que o trabalho dela seja valorizado assim como o meu. Então, eu vou dar o meu melhor e eu sei que ela está dando o melhor dela. Acho que vira um laço muito importante. E que, só entre nós, a gente sabe disso, que talvez, para um homem, não faria diferença, mas a mulher que está querendo participar do programa, talvez, sentiria (essa diferença).

APÊNDICE P – Entrevista Jaqueline Kunze (Presencial)

O que você recorda das tuas participações no Lugar de Mulher? Tem algum momento que te marcou ou alguma pauta, entrevista ou história marcante?
Quando eu penso no Lugar de Mulher, penso nele como algo que me trouxe bastante aprendizado. A gente ia lá fazer as entrevistas, mas a gente também aprendia muito com o que elas nos contavam. A gente começava com temáticas, acho que um dos primeiros programas era sobre mulheres negras. Eu estava, mais ou menos, no final do primeiro semestre quando entrei na TV e já comecei a trabalhar no Lugar de Mulher. Então, isso já me trouxe uma visão total diferente, me enriqueceu bastante. E depois teve sobre mulheres trans. Eu nunca tinha falado com uma mulher trans na vida e a gente foi entrevistar essas mulheres que eram 'super' poderosas, me trouxe outra visão, me tirou preconceitos.

Quando você pensa em questões de gênero, como isso faz parte da sua vida? É um tema que já era do seu interesse antes de gravar o Lugar de Mulher?
Eu já pensava assim, eu já tinha um pouco essa questão do feminismo antes de entrar na universidade, mas, depois que entrei, isso cresceu mais. E o Lugar de Mulher em si foi uma forma que eu tive de trabalhar com essas questões, de fazer alguma coisa a respeito dessas questões, porque uma coisa é tu 'conversar' com teus amigos, com outras pessoas sobre isso. Outra coisa é tu 'fazer' um programa que mostra histórias de pessoas com essa questão. Tem muitas coisas que tu nem 'imagina' que acontece. Então é importante falar sobre. Tem coisas que são muito enraizadas e a gente nem percebe que está lá. Então, se tu 'mostra' pras pessoas o que tá acontecendo, elas conseguem entender melhor por que se tem de falar sobre isso. Às vezes, as pessoas acham que já está igual, que entre homens e mulheres não precisa mais dessas questões e, na verdade, não. Tem muita luta ainda pela frente.

Você assistiu aos programas anteriores antes de produzir um? Como você se relacionou com esse conteúdo?
Ah, eu adorei! Nossa, eu pensei 'é perfeito pra mim!, sabe?!'. É algo que está contando histórias de pessoas e que tem uma questão de falar sobre um tema importante. Então, pensei 'bah, programa perfeito pra eu começar'! Foi o primeiro que fiz quando entrei na TV. Porque a TV tem vários programas né, e o Lugar de Mulher tem esse lado meio 'perfil', conta a história das meninas, é curtinho, é divertido, com imagens.
Pelo fato de serem estudantes, acho que pode ser algo mais aberto. Aqui a gente tem muita liberdade, pode trazer o tema que quiser. E também estamos começando, então temos vontade de fazer muita coisa que, talvez, em um emprego, mais tarde, não se teria tanto essa vontade, como têm os estudantes, pra falar sobre esses assuntos, pela empolgação mesmo.
Acho que é muito importante e que devia ser assim sempre. Agora eu tô trabalhando numa TV também, que tem programas sobre futebol feminino, mas os narradores são todos homens. E eu fico me questionando: 'mas poxa, tem tanta mulher jornalista esportiva, que sabe falar sobre o tema, por que não chamar essas mulheres pra falar sobre? Por que tem de ser os homens falando?

Acho algo meio contraditório. Acho importante trazer mulheres para falar sobre esses assuntos. Lembro de uma vez quando fomos fazer uma entrevista (do Lugar de Mulher) e eram todas mulheres com as câmeras. A gente chegou lá e alguns guris estavam acompanhando, não sei se eram da assessoria do local, e um dos guris ficou assim: "Nossa, mas vocês sabem lidar com a câmera?". Ele ficou impressionado com isso, como se mulher não soubesse. Então é importante tu 'mostrar' isso também, até para as meninas que estão sendo entrevistadas verem que a entrevistadora é mulher, as câmeras são mulheres, a produtora é mulher, até para se sentirem mais abertas pra falar sobre essas questões.

Até que ponto foi importante para você participar do Lugar de Mulher e entrevistar essas meninas?

Foi uma experiência muito boa, muito enriquecedora, que me ensinou tanto as coisas da TV. Profissionalmente, me ensinou muita coisa. Eu estava no início, começando (o curso). Até isso foi bom, olha só, não tinha pensado nisso, mas pelo fato de a gente fazer o Lugar de Mulher logo que comecei (na TV) e estar entrevistando mulheres, talvez tenha facilitado para mim também, que estava começando a fazer entrevistas. Acho que também, por ser uma TV universitária, a gente tem a parceria muito forte dos colegas, é um ambiente em que 'tá' todo mundo ali pra te ajudar. Se tu não 'sabe' alguma coisa, o pessoal ajuda, se tu não 'entendeu' alguma coisa, o pessoal vai lá e ajuda. Não tem competição entre as pessoas. Pelo fato de estar todo mundo lá pra ajudar, tu 'acaba' entrando nessa e ajudando os outros. Então é essa coisa de gentileza gera gentileza. Que todos os lugares do mundo fossem assim!

APÊNDICE Q – Entrevista Sofia Guse (Por e-mail)

1) O que você achou de participar do programa? O que gostou e o que não gostou, seja no contato com as meninas da UFRGS TV, na gravação da entrevista ou no resultado do programa?
Achei uma experiência bem interessante e uma forma de reconhecimento do trabalho realizado com as meninas do colégio. Admito que fiquei muito nervosa antes, durante a entrevista e esperando o resultado, mas o trabalho que vocês realizam é de muita excelência, e o vídeo ficou muito bom depois de editado. Lembro-me de a equipe ser bem atenciosa durante a filmagem também.

2) Até que ponto foi importante, para você enquanto estudante, participar do programa Lugar de Mulher?
Foi um momento bem diferente e me fez pensar no papel que eu representava para aquelas meninas em sua formação e no impacto que elas tinham em mim durante esse aprendizado mútuo nas oficinas.

3) O programa Lugar de Mulher é produzido por uma TV universitária. Até que ponto você acha importante a universidade falar da mulher e das desigualdades de gênero presentes no seu dia-a-dia, seja na escola, na universidade, no mercado de trabalho?
Acho importante e um dever esses temas serem colocados em pauta nos espaços, até que não aja mais a necessidade de se falar sobre eles, ou seja, quando conquistarmos a equidade de gênero. Pensando melhor, acho que devemos continuar falando mesmo após a equidade de gênero acontecer, para que não se esqueça do árduo caminho que nós mulheres percorremos até ela e não deixar que a percamos ou esquecermos seu valor.

4) A equipe do programa é formada, majoritariamente, por mulheres estudantes. Até que ponto você acha que a presença feminina atrás das câmeras pode fazer diferença no conteúdo jornalístico produzido? Você acredita que pode ser melhor falar sobre questões de gênero para uma mulher?
O projeto do qual eu participava, no ano de 2018, no Colégio Odila Gay da Fonseca, o Gurias nas Exatas, era composto por uma equipe inteiramente feminina, com meninas da universidade ensinando meninas do ensino básico. O que naquele ano foi uma experiência para que talvez estimulasse a persistência das meninas no curso de robótica básica, o que não havia acontecido em edições anteriores do curso de robótica quando oferecido em turmas mistas em outros colégios, nas quais eram raras as meninas que permaneciam. Porém, no meu projeto, o fator da totalidade feminina na coordenação e no público alvo, fez com que o ambiente de aprendizagem fosse o mais próximo de livre de atitudes machistas como mansplaning e outros, altamente prejudiciais para um convívio mais harmônico e agradável.
Por isso, e por outros motivos, que acredito que a presença feminina interfira no ambiente, e também, por sua vez, pelo motivo de que a visão de mulheres, junto com cada

interseccionalidade que ela possa vir a ter (etnia, etária, orientação sexual e outras) colabora para um programa mais inclusivo, com mais pontos de vista e experiências diferentes. E acredito também que seja mais confortável em algumas situações falar sobre questões de gênero com mulheres, mas não necessariamente, porque não são todas as mulheres que estão informadas sobre a problemática das desigualdades de gênero.

APÊNDICE R – Entrevista - Karen Espíndola (Por e-mail)

1) Qual é a importância do debate de questões de gênero para a formação dos professores e para o dia-a-dia em sala de aula?
Muito importante, pois mesmo que o ambiente escolar tenha maioria das professoras mulheres, temos muito preconceito até mesmo das mulheres e dos professores homens que estão envolvidos com a educação também. E o debate faz com as pessoas reflitam e repensem suas atitudes, às vezes, não percebidas no dia-a-dia. E os professores fazendo parte da formação dos alunos devem ter condições de falar sobre assuntos relacionados.

2) Até que ponto foi importante, para você enquanto professora, participar do programa Lugar de Mulher?
Super importante, nesse momento, percebi a diferença que estava fazendo na vida de todos os alunos da escola. Com o programa, ficou clara a necessidade de espaços de discussão e reflexão das ações femininas na sociedade.

3) Quando a entrevista com vocês foi proposta, você destacou que seria interessante que a UFRGS TV acompanhasse um dia em que as meninas estivessem presentes, realizando atividades de robótica, para que não fosse somente você, professora, falando sobre o projeto. Qual é a importância de incentivar o protagonismo dessas meninas desde a escola?
Sim. Achei extremamente importante envolver as bolsistas do projeto, gostaria que outras tivessem participado também, mas somente a Sofia pôde participar, e a bolsista Milena. A participação delas no projeto foi fundamental, o projeto foi bem sucedido pelo envolvimento delas, juntas nós construímos o projeto, com a participação das meninas também, pois elas foram as protagonistas principais. Apresentamos uma proposta de trabalho e, graças a elas, tudo funcionou e tivemos os resultados atingidos.

4) O programa Lugar de Mulher é produzido por uma TV universitária. Até que ponto você acha importante a universidade falar da mulher e das desigualdades de gênero presentes no seu dia-a-dia, seja na escola, na universidade, no mercado de trabalho?
Acredito que a universidade tem o dever de falar de todos os assuntos polêmicos que envolvem a sociedade e, com o programa Lugar de Mulher, mostra-se as grandes mulheres que nem sempre aparecem nas mídias e suas importâncias para a sociedade.
O fato de o programa abordar um projeto envolvendo mulheres, professoras, além de estar presente numa escola pública, é tão importante quanto falar de uma profissional feminina que possui suas dificuldades no âmbito profissional e social.

5) A equipe do programa é formada, majoritariamente, por mulheres estudantes. Até que ponto você acha que a presença feminina atrás das câmeras pode fazer diferença no conteúdo jornalístico produzido?

Acho importante pela forma do projeto proposto pelo programa. Acredito que a presença feminina atrás das câmeras faz diferença sim, em deixar as entrevistadas mais à vontade.
Você acredita que pode ser melhor falar sobre questões de gênero para uma mulher?
Sim, é mais direto, de mulheres para mulheres, todas envolvidas passam pelas mesmas dificuldades para atuar em diferentes campos.

APÊNDICE S – Entrevista Heloíse Bordin (Presencial)

O que você recorda das suas participações no Lugar de Mulher? Quando você pensa nele, qual é a primeira coisa que vem à mente?
Eu acho que é conversar de mulher para mulher. Acho que isso é o mais legal, ter contato com outras mulheres e colocar essa mulher como principal de uma história que tu 'tá' contando. Entrevistei mulheres, professoras, e entrevistei meninas, e todas estavam no mesmo patamar.
Eu falo muito que o Lugar de Mulher está ali para empoderar outras mulheres e dar espaço para elas falarem, mas quem faz o programa também se empodera. Eu sou do interior e no interior se vive numa bolha, não existe muita discussão, muito debate, muita crítica. Assim, questões de feminismo, eu não tinha conhecimento e não desconfiava do quanto algumas coisas estavam erradas. Quando tu não 'discute', tu não 'conhece', tu não 'sabe'. No meu segundo ano de faculdade, eu fiz o Lugar de Mulher. No meu primeiro ano, eu já comecei a debater, mas quando fiz o Lugar de Mulher ajudou muito porque em todo programa assim, já era uma discussão enorme sobre gênero. E tu estar ali dando voz a outras mulheres, com uma equipe só de mulheres, tu se 'sente' capaz de fazer isso e a outra mulher se sente capaz de te dar uma entrevista.

Até que ponto ter mulheres nos bastidores pode fazer diferença no conteúdo produzido?
Eu acho que sim porque, por mais que seja o menino mais próximo de ti, ainda é um homem na posição de um homem. Tu 'poderia' se sentir julgada por um colega de equipe e a pessoa que está do outro lado não se sentiria tão confortável porque existe uma diferença absurda em tu 'falar' de mulher para mulher, do que ter um homem que seja na conversa. Muitas vezes, as meninas nem se sentiam confortáveis de contar coisas pra gente, pra uma equipe de mulheres, por a gente ser mulheres, só que ainda desconhecidas. Então, um homem ali, desconhecido, eu acho que fica mais complicado nas entrelinhas. Acho que não complicaria no sentido de não querer dar entrevista ou não conseguir fazer.

Qual a importância de falar dessas desigualdades?
Eu acho muito importante. E também o Lugar de Mulher foi um desafio pra mim porque 'sou zero' em exatas. E aí eu via essas meninas, essas mulheres sendo pessoas muito f*da nas exatas. Eu não consigo, mas existem milhares de mulheres que conseguem fazer aquilo. Se elas conseguem fazer aquilo, por que elas são diferentes de um homem? É muito importante dar voz para as pessoas falarem sobre as diferenças que elas vivem e poder disseminar essas informações. Elas falando, elas mostravam o que viviam e a gente conseguia entender essa diferença, sabe?! Quando tu 'fala' sobre isso, tu 'coloca' na roda pras pessoas verem que realmente está acontecendo. Depois que tu começa a discutir sobre pequenas coisas, sobre pequenas diferenças que existem entre um homem e uma mulher, dentro de casa tu 'consegue' perceber. Pra mim, é um exemplo muito claro de como existia as coisas que a minha mãe fazia e as coisas que o meu pai fazia, que um não fazia o trabalho do outro. Precisa falar para perceber.

O que você recorda do contexto de produção dos programas dos quais participou e das meninas/mulheres que entrevistou? O que você percebeu ao fazer essas produções?
O que eu percebi é que elas continuam sempre lutando. O primeiro (programa) que fiz é de uma professora que já tem uma vida consolidada, já tem um cargo muito bom e ela já passou por muitas coisas e tem o pensamento de que ainda precisa fazer algumas coisas também. E o último, que foi das "Mulheres de Gaia", as meninas já sofreram algumas coisas dentro do curso, não no mercado de trabalho, mas elas sabem que precisam lutar pra conseguir não sofrer depois. Talvez a primeira, a Ângela (a professora), quando ela era mais jovem, não tinha esse pensamento. As meninas que tão vindo agora, acho que elas já lutam para que aquilo não aconteça. A Ângela luta agora porque já passou por aquilo. Já o das "Gurias nas Exatas" também me chamou a atenção pelo diferencial que é o da professora passar empoderamento pras meninas, porque, no colégio, as professoras não passam isso, não se aprende isso. É uma professora trabalhando exatamente para isso, pra dar voz pra essas meninas e dizer 'olha só, vocês conseguem trabalhar com robótica.

O (programa) das "Gurias nas Exatas" me marcou muito o lugar, porque era um colégio público da zona sul de Porto Alegre. Eu nunca tinha ido num colégio público em Porto Alegre. Além de eu estar fazendo uma coisa diferente, eu tava num lugar que não conhecia a realidade. Quando eu vi aquelas meninas fazendo aqui e vi o espaço no qual elas se encontravam, uma coisa casou muito com a outra e tu 'entendia' por que aquilo era tão necessário. Me lembro muito da vontade da professora de contar o que 'tá acontecendo', contar o que elas fazem. Então, foi pra conversar com meninas de colégio público. Eu sou de colégio público, mas de uma realidade bem diferente. E me marcou muito aquelas meninas, tão, tão inteligentes, assim, tão produtivas. E era com uma vontade que elas estavam fazendo aquilo: 'ah, agora nós vamos sentar aqui e fazer uma tiara com luzinhas'. E elas sentavam e faziam.

O "Mulheres de Gaia" foi o mais divertido de produzir porque as meninas eram do interior também. Então, acho que bateu uma conexão muito grande, muito grande mesmo. E elas foram super solícitas, super atenciosas. Elas foram umas que ficaram 'meio assim' de contar algumas coisas. Mas me marcou muito pela hospitalidade, pela conexão que a gente teve. Como elas eram do interior, a gente se viu uma na outra, sabe?! É isso, é tu 'dividir' sonhos e ver que essas meninas saíram do interior e também estavam ali lutando pelo mesmo motivo. E elas, na geologia, eram bem assim: 'esse é meu espaço, é isso o que quero fazer'. Essas meninas eram muito decididas. E elas 'botavam ordem' nos meninos. Eu lembro que a gente chegou no diretório e tinha os meninos e elas 'não, não, 'vamos vazar' que nós precisamos falar aqui.

APÊNDICE T – Entrevista Júlia e Laís – Coletivo Mulheres de Gaia (Presencial)

Sobre a experiência de ser entrevistada

Laís – Quem entrou em contato com a gente foi a Heloíse e ela sempre foi muito proativa, solícita. Acho que isso deixou a gente mais tranquila na hora de conversar porque, câmera, pra quem não é acostumado, é aquele problema. Eu achei que talvez tivesse algum cara na equipe, o que me surpreendeu porque não tinha. Que bom, né?! Porque o lugar é de mulher. Eu não me lembro exatamente das perguntas, mas me lembro do resultado final do vídeo, que me agradou muito. Tanto que, hoje em dia, de vez em quando, eu vou olhar ele de novo porque, né?! Traz uma coisa boa! Enfim, fala da gente, mas fala de vocês também.

Júlia – Eu sou uma pessoa um pouco envergonhada, mas eu me senti, durante todo o programa, muito confortável assim, as meninas foram muito queridas. Foi bem interessante a experiência com a câmera. Eu, particularmente, não assisti ao vídeo. Até hoje, eu nunca assisti ao vídeo, mas a minha mãe amou! Eu divulgo muito o vídeo, mas eu não assisti porque tenho muita vergonha de me ver em câmera. Mas a experiência foi muito legal, foi muito importante a gente ter o programa para divulgar o que a gente faz.

Qual é a importância de falar de desigualdade de gênero na universidade?

Laís – Como a universidade é um lugar tão diverso, ela se apropriar de todos os temas, mas especificamente desse, que é uma demanda mais antiga dos universitários e da sociedade em geral, é...se tu não 'falar', vai ficar sempre como se fosse um tabu. Tu não 'tem' como desenvolver aquilo, tu não 'tem' como pensar em ações, tu não 'tem' como fazer alguma coisa pelas pessoas que tão nesse movimento. É essencial a gente conversar sobre isso e divulgar que a gente tá falando sobre isso.

Júlia – É fundamental que a universidade se posicione e mostre o que os estudantes tão pensando dentro dela. Esse espaço é fundamental porque, se esse espaço não existir, existirão muitas situações difíceis dentro do curso. Então, a universidade chegar e pegar pessoas que tão fazendo algo nesse espaço e mostrar 'está acontecendo isso' é fundamental e é básico para que se tenha uma pluralidade.

Vocês colocaram essas questões também através de campanhas. Em 2016, teve a campanha "#EsseÉOMeuProfessor" e agora tem a campanha "Desconstruídos", sobre os colegas de curso de vocês. Pra vocês, o que significa tornar essas situações públicas?

Júlia – É ver a mudança acontecendo. É ver o incômodo acontecendo. É ver pessoas parando e olhando. Normalmente, o comentário não é direto, mas tu 'escuta'. As pessoas começam a pensar sobre as atitudes delas a partir da campanha. Acho que o coletivo funciona muito como rede de apoio pra nós, meninas e mulheres dentro da academia. Mas quando a gente faz esse tipo de ação, a gente não toca só as meninas que vem para o coletivo. A gente toca quem acha que o coletivo não é importante.

Laís – A gente vê que o pessoal fica incomodado com aquela situação. Quem participou, quem provocou fica incomodado. E tu 'vê' o início de uma coisa ali, de que talvez a pessoa não tenha

se tocado de que falou aquilo porque é estrutural. E tu não ‘tem’ como ‘ah, hoje eu não vou ser machista’. Expondo essa situação, as pessoas começam a se dar conta de que, talvez, tenha uma maneira de mudar.

Sobre a presença feminina nos bastidores

Laís – Eu acho que é essencial porque tu te ‘ver’ na outra pessoa, acho que ‘tu’ consegue ser muito mais sincero, mais aberto. Acho que se tivesse um homem ali, atrás das câmeras, talvez a gente tivesse ficado mais retraída ainda. A representatividade é muito importante, mas tu ‘saber’ que tem pessoas ali que tão mexendo nesse tema, tão tocando nessa ferida, tu ‘vê’ que não está sozinha ali.

Júlia – E o espaço de ser um ambiente acolhedor e confortável. É um assunto difícil, delicado pra se falar. Então, quando tu ‘vai’ falar e tu já ‘sabe’ que a pessoa que ‘tá’ te escutando já deve ter passado por uma situação parecida ou conhece alguém que já passou. Então, não é alguém distante. Então, acho fundamental que, se tu ‘quer’ fazer um programa mostrando as mulheres da universidade, quem tem que fazer o programa são as mulheres que estão dentro da universidade.

Sobre o fato de a repórter ser do interior do estado, assim como elas são

Laís – Ela (a repórter) comentou ‘ah, vocês não são daqui!’. Teve aquela troca, aquela identidade que foi muito legal. Acho que isso deu uma intimidade a mais pra gente

Júlia – São realidades muito diferentes. Tu ‘vir’ do interior, duma cidade pequena... E eu lembro muito dela comentando disso aqui na rampa. É muito legal, são pessoas que conhecem a tua outra realidade. É difícil, são mundos completamente diferentes. Então, saber que tu ‘tinha’ mais esse fator de reconhecimento e conseguir ver que as experiências podem ser parecidas foi muito legal.

APÊNDICE U – Gabrielle de Luna (Presencial)

O que você recorda das suas participações no Lugar de Mulher? Quando você pensa nele, qual é a primeira coisa que vem à mente?
A primeira coisa que eu me lembro é a entrevista com a Juliana. Foi um marco pra mim, na minha carreira de jornalista, digamos assim, porque foi uma pessoa que olhei e disse "essa pessoa me inspira". Mas uma das coisas que mais me marcou foi descobrir a necessidade desse programa. Eu me lembro que, quando o Fernando falou que eu ia ser bolsista do Lugar de Mulher, eu falava assim "ah, pra que um programa só para mulheres? Por que não encaixam essas mulheres incríveis em programas como os outros?". E quando eu comecei a fazer o Lugar de Mulher, me lembro que eu descobri o porquê dessa necessidade. Nos dois primeiros programas, foi ok. Mas, no terceiro programa, acho que foi com um coletivo, o Program.ada, que eu comecei a perceber o que estava acontecendo e o que essas meninas passavam.

Falando um pouco do teu programa com a estudante Juliana Estradioto, o que você mais se lembra desse processo de produção e gravação?
O que mais me marcou foi uma coisa que ela falou de um professor dela. Eu acho que foi o que mais me deixou em choque, que ele falou que as meninas não conseguem planejar o espaço tridimensional na cabeça e acho que nunca me passou pela cabeça de um professor falar uma coisa daquelas pra uma aluna. E aí fiquei imaginando um professor falando aquilo para ela e fiquei me perguntando "quantas meninas sofrem um negócio desses?".

A equipe do programa é formada, majoritariamente, por mulheres estudantes de jornalismo. Até que ponto você acha que a presença feminina atrás das câmeras pode fazer diferença no conteúdo jornalístico produzido?
Lembro que já teve algumas saídas que eu fui, não só no Lugar de Mulher, mas em outros programas, lembro que teve mulheres entrevistadas que falaram para mim "olha, tem mulheres trabalhando na UFRGS TV!". Infelizmente, mexer com equipamentos, essa parte técnica ainda é muito vista como masculina. E acho que, quando o Lugar de Mulher é gravado só com uma equipe feminina, é visto de outra forma. As meninas se sentem mais à vontade, mais confiantes para falar tudo aquilo que elas têm de falar. Faz toda a diferença e foi sensacional trabalhar só com meninas.
Eu sei que é muito clichê falar isso, mas eu acho que ser bolsista do Lugar de Mulher significou um divisor de águas para mim. Achar que não precisava de um programa como esse, para mim, hoje em dia, é uma coisa absurda de se pensar. Desde então, tenho visto essa questão com muito mais cuidado. Tenho visto tudo no meu trabalho, principalmente com mulheres, com muito mais cuidado. E tenho tentado pautar isso muito mais.

APÊNDICE V – Entrevista Juliana Estradioto (Por áudio de Whatsapp)

O que você achou de participar do programa? Existem aspectos que você gostaria de destacar, seja no contato com as meninas da UFRGS TV, na gravação da entrevista ou no resultado do programa? E existem aspectos que você acredita que poderiam ter sido diferentes?
Eu gostei muito de ter participado do programa Lugar de Mulher. As meninas foram super, super queridas durante toda a gravação, super afetuosas. A gente conversa até hoje, então, só por ter mantido esse laço, já mostra o quanto que aquele contato foi realmente muito legal. E eu curti muito o resultado do programa, da gravação da entrevista. Tinha momentos em que eu fiquei bem emocionada. E depois, com o resultado do programa, teve muita gente que compartilhou, que descobriu coisas sobre mim que não conhecia. Então, acho que foi muito legal mesmo, ainda mais tendo participado do programa sendo tão jovem.

Até que ponto foi importante, para você, participar do programa Lugar de Mulher e contar um pouco de suas experiências?
Pra mim foi bem importante porque me fez refletir sobre algumas coisas que eu não tinha refletido e também me fez expor situações que, talvez, antes eu não teria exposto. Ter compartilhado um pouco sobre as minhas experiências me fez me entender melhor e me fez entender o quanto elas impactaram a minha trajetória, o quanto elas poderiam ter me moldado, sabe?! E me moldaram. Então me fez realmente entender mais sobre mim mesma, mas perceber que isso acaba sendo algo que acontece com muitas mulheres e que isso é muito frustrante.

Como foi para você descobrir que a ciência e a pesquisa podem ajudar no teu contexto local, no cotidiano do lugar onde você mora e estuda?
Foi um processo de descoberta bem animador porque eu nunca tinha me visto como uma cientista. Eu achava que cientista era realmente só o Einstein, eu acho que até falei isso na entrevista. Então perceber que eu poderia fazer pesquisa foi algo que foi um marco na minha vida, porque eu sempre procurei algo que eu gostasse, eu gostava de várias coisas, mas eu nunca tinha achado A paixão. E aí, através da pesquisa e das ciências, das oportunidades que eu tive a partir disso, de divulgar a ciência, de conversar com outras pessoas sobre ciência, eu descobri que isso me deixa muito animada e que essa é a minha grande paixão. Isso me fez perceber outras coisas, me fez ser um ser humano mais crítico, me fez ampliar meu ponto de vista, e eu percebi que a ciência não tem que ser feita só pra investigar algo, sabe?! Que a ciência precisa ter um propósito, precisa ter uma grande motivação, que seja solucionar um problema. E quando eu percebi que eu podia usar a pesquisa pra resolver um problema da minha realidade, mesmo estando no ensino médio, isso foi transformador mesmo. E eu percebi que poderia realizar meu sonho de ajudar as pessoas através da ciência, porque essas pesquisas podem, sim, trazer impactos positivos pra vida das pessoas.

O programa Lugar de Mulher é produzido por uma TV universitária. Até que ponto você acha importante a universidade falar das desigualdades de gênero presentes no dia-a-dia? Até que ponto é uma temática que precisa ser alvo de pesquisa em ambiente acadêmico também?

É fundamental que todas as instituições de ensino, não só a universidade, falem da desigualdade de gênero presente no dia-a-dia. Isso, na verdade, já tem de ser feito desde o ensino básico até o ensino superior. Justamente porque eu estudei em um Instituto Federal e eu já entrei gostando muito da temática de gênero, mas eu aprendi muito a partir dos debates que tive na minha instituição. Eu aprendi sobre o quanto é importante a gente conversar sobre isso, argumentar e desenvolver esses argumentos e, realmente, entender o lado do outro e explicar o nosso lado, sabe?! Isso é muito importante dentro de uma democracia, dentro de um ambiente em que a gente acredite em progresso. É um ponto que precisa ser tema de pesquisa pra investigar o papel da mulher, investigar como as mulheres estão atualmente, até porque a gente sabe que continua sofrendo muito, né... Se a gente não tiver pesquisas validando esse conhecimento popular, a gente nunca vai conseguir ter políticas públicas que sejam ao nosso favor e a gente vai sempre ficar sendo diminuídas. Eu acredito muito no poder da mulher e acredito que ter instituições de ensino debatendo isso é fundamental.

A equipe do programa é formada, majoritariamente, por mulheres estudantes de jornalismo. Até que ponto você acha que a presença feminina atrás das câmeras pode fazer diferença no conteúdo jornalístico produzido? Você acredita que pode ser melhor falar sobre questões de gênero para uma mulher? Por quê?

Eu acho que é muito importante ter essa equipe com presença feminina, não só por uma equidade dentro do ambiente de trabalho, mas também porque, quando a gente tá falando sobre questões de gênero, a gente se sente muito mais confortável em conversar com uma mulher que tem empatia com o que a gente sofre, uma mulher que, muitas vezes, já pode ter sofrido a mesma coisa que a gente ou então coisas piores. E acho que tem essa ligação justamente por sermos entes comuns, né, então, eu me sinto muito mais confortável conversando com uma mulher sobre isso porque eu sei que não vou ser julgada e que vou ser entendida de uma forma muito mais clara.

E você gostaria de falar algo mais sobre a sua experiência de ser entrevistada e que eu não tenha perguntado anteriormente?

Pra mim, foi uma experiência muito bacana ter participado do programa Lugar de Mulher, ainda mais sendo da UFRGS TV, que é uma referência aqui no estado. E eu acho que foi um processo muito legal, em que eu pude descobrir mais sobre mim mesma, em que eu pude conhecer mulheres incríveis e compartilhar as minhas experiências pra, depois, outras pessoas poderem assistir e perceber que, seja felizmente ou infelizmente, a gente tá todo mundo junto nessa – pras partes ruins, infelizmente; pras partes boas, felizmente – mas que a gente realmente precisa se unir e formar uma força coletiva pra conseguir mudar as coisas nesse sistema opressor.